

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

Centro de Comunicação e Expressão.

O SOM DA FALA DOS PESCADORES DE CAMETA.

por

Regina Célia Fernandes Cruz Trindade.

Dissertação apresentada ao Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística.

Florianópolis

1992

Banca Examinadora:


Orientador: Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot.

Co-orientador: Profa. Dra. M. Bernadete Marques Abaurre.


Membros: Profa. Dra. Alexandra Aikenvald-Angenot.


Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto.

AGRADECIMENTOS

O certo seria agradecer nominalmente a cada uma das inúmeras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso deste trabalho. Entretanto não é possível, já que durante esses últimos quatro anos de estudo morei aproximadamente em dez cidades diferentes, e não são poucas as pessoas que derão seu apoio moral, intelectual e material indispensáveis à consecução deste estudo.

Porém, registrarei minha gratidão a algumas pessoas em especial.

AGRADEÇO:

- Aos meus pais, Levindo dos Santos Cruz (em memória) e Antonia Fernandes Cruz, por todas as oportunidades proporcionadas e pelos incentivos.
- Ao Sérgio, por ter acumulado sozinho as tarefas de pai e mãe do nosso filho durante o período do curso e da pesquisa.
- A todos os meus amigos, em particular à Christina, Alzerinda, Nádia, Sueli e Raquel, pelas discussões intelectuais e pela amizade sincera.
- A todas as amizades seladas em Cametá, pois delas surgiram meus informantes.

- A Teun van Dijk e Jonathan Kaye, pelos conselhos e discussões intelectuais.
- A coordenação do Curso, pela compreensão.
- Ao Programa CAPES/PICD e à UFPA pela concessão da bolsa e pelos outros auxílios financeiros e materiais utilizados na pesquisa.
- A SEDUC - Secretaria de Educação do Estado do Pará
 - por ter me liberado de minhas atividades profissionais durante o período do Curso.
- A Deus, porque sem Ele nada nos seria possível.

Ao Filipe, para que entenda e desculpe esses anos todos de ausência da mãe.

O SOM DA FALA DOS PESCADORES DE CAMETA

RESUMO

O objetivo deste estudo é caracterizar a variedade do português falado na região de Cametá. Trata-se de uma variedade regional falada no interior da Amazônia, às margens do rio Tocantins, no estado do Pará. Elegeu-se como grupo representativo de falantes dessa variedade, os pescadores da região.

A caracterização é feita a partir da descrição de três níveis do falar cametaense: o segmental, o prosódico e o discursivo.

Como se trata de fenômenos linguísticos de âmbitos diferentes, a sua abordagem é feita a partir de diferentes pontos de vista.

São analisados, primeiramente, os fenômenos segmentais. Demonstra-se, a partir da Fonologia de Governo, como se dá a alofonia da vogal posterior alta, que provoca uma duração silábica maior em ambiente específico; e a neutralidade de oposição das líquidas.

O destaque maior é dado aos fenômenos supra-segmentais, cujas análises apontam para suas estruturas semânticas e seu valor discursivo. Entre os elementos supra-segmentais estudados encontram-se: o volume de voz, a velocidade de fala, o ritmo e o acento. A entoação também é abordada no capítulo referente às interrogativas com valor argumentativo e aos afterthoughts. Em suas análises, constata-se que as descrições feitas para o volume de voz, a velocidade de fala, as frases interrogativas e os afterthoughts são válidas para qualquer variedade do português, porém o ritmo das frases enumerativas e o deslocamento de acento tônico são bem marcados com relação ao português padrão.

SUMARIO

Introdução	03
I. Capítulo: Região Pesquisada	06
II. Capítulo: Trabalho de Pesquisa de Campo	10
2.1 Histórico	10
2.2 Condições de Coleta de Dados e Pressupostos Teóricos	12
2.3 Informantes	13
2.4 Corpus	15
2.5 Problemática da Pesca no Baixo-Tocantins	16
2.6. Estratégias de Análise dos Dados	18
III. Capítulo: Fenômenos Fonéticos atingindo Segmentos	22
3.0 Introdução	22
3.1 Apresentação do Modelo Teórico	25
3.2 Grande Ocorrência de Vogal Posterior Alta	41
3.3 Duração Maior da Sílabas	45
3.4 O Comportamento das Líquidas	47
IV. Capítulo: Fenômenos Prosódicos	54
4.0 Introdução	54
4.1 Volume de Voz	62
4.1.1 catalisador de intensidade	68
4.1.2 mapeamento discursivo da argumentação	72
4.1.3 explicitação da primeira pessoa do singular	78
4.1.4 incorporação da fala do outro	82

4.2 Velocidade de Fala	88
4.3 O deslocamento do Acento Tônico	100
4.4 Organização rítmica das frases enumerativas	114
4.5 Entoação no Discurso	128
4.5.0 Introdução	128
4.5.1 Interrogativas com Valor Argumentativo	131
4.5.2 Afterthoughts	152
Conclusão	160
Bibliografia	162

Anexos

INTRODUÇÃO

" O som da Fala dos Pescadores de Cametá " é fruto da convivência com a comunidade de pescadores de Cametá no estado do Pará e de um duplo amor à primeira vista: pela Prosódia e pelas variedades linguísticas estigmatizadas, principalmente da região Amazônica. O interesse pelos falares estigmatizados surgiu durante a graduação no início das minhas atividades de pesquisa e o despertar para os estudos prosódicos se deu durante as palestras proferidas na UFSC pela professora Maria Helena Mira Mateus da Universidade de Coimbra quando de sua vinda ao Brasil para participar do I Congresso Internacional em Fonologia sediado na UFPB no ano de 1988.

Este trabalho é pioneiro entre os muitos feitos sobre as variedades do interior da Amazônia no que diz respeito a sua abordagem e foco, já que não se trata de um estudo sociolinguístico puro nem de uma caracterização da variedade por seu aspecto fonético e fonológico com base em elencos de palavras, ou pelo seu conteúdo lexical. Não mostra o falar dos canoeiros ou suas atitudes como algo folclórico nem exótico, mostram-se apenas suas peculiaridades e como esse dialeto se constitui numa variedade do português, a partir de seus aspectos segmentais, prosódicos e discursivos.

Inicialmente minha proposta de trabalho era realizar uma descrição linguística dos fenômenos supra-segmentais presentes na variedade do português falado na região de Cametá, porém como mesmo em termos de português padrão poucos estudos foram feitos sobre as suas características supra-segmentais e seus elementos prosódicos, fui obrigada a me distanciar de minha proposta inicial de trabalho e abrir um pouco mais meu leque de abordagem dos fenômenos linguísticos identificados no falar dos pescadores cametaenses.

Para tal, estruturou-se o estudo dos fenômenos linguísticos a partir de sua extensão de ocorrência, ou seja, encontram-se aqui estudados fenômenos desde o nível segmental até aqueles de âmbito discursivo, e não só fenômenos de caráter prosódico.

Entretanto, perceber-se-á que há um destaque bem maior para os fenômenos supra-segmentais que compreendem fenômenos de âmbito geral do português e dois assim denominados: organização rítmica das frases enumerativas e deslocamento do acento tônico, que são bem característicos do falar cametaense.

A delimitação do estudo da fala dos pescadores de Cametá trabalhada desta forma a partir dos fenômenos tanto segmentais quanto discursivos, além dos supra-segmentais, propiciou rever os estudos anteriores com relação aos segmentos das variedades amazônicas (cf. VIEIRA, 1983) e partir para uma nova proposta de análise fonológica: aquela que leve em consideração os aspectos prosódicos da fala e sua relação com o discurso.

Para uma melhor compreensão deste trabalho, apresentar-se-á a variedade linguística a ser estudada e relatar-se-á todo o trabalho de pesquisa desde a coleta de dados, antes de inciar as análises propriamente ditas.

CAPITULO I: Região Pesquisada

- " Es do Tocantins, o coração a pulsar mais forte;
Es a cultura, a raça, a intrepidez do norte;
Es a glória e o esplendor da História do Pará;
Es o berço de heróis; és a terra dos Notáveis;
Es um Jardim de Artistas, de Tesouros infinda-
veis;
Es o paraíso da Arte e do amor; és CAMETA !!! "1

Pegue um mapa do Brasil ! Bem ao norte, encontra-se a primeira e maior região do território nacional - a Região Norte, conhecida pela enorme floresta que se acha em seu território e que também lhe serve de denominação: AMAZONICA. Dessa imensa região interessa apenas o estado do Pará. Tente, agora, localizar, entre os inúmeros rios que podem ser vistos no mapa, o rio TOCANTINS, que tem sua nascente na região Centro-Oeste, no estado de Goiás e desemboca no rio Amazonas. Percorrendo com os olhos o curso do rio Tocantins desde a nascente até a foz, encontra-se na sua margem esquerda, já bem próxima da sua desembocadura, a cidade de CAMETA, cujas coordenadas geográficas são: 2º 16' 15" de latitude Sul e 6º 18' 15" de longitude W. Gr., com uma altitude de 25 metros. O estado do Pará é dividido em regiões, segundo suas peculiaridades e atividades econômicas. Cametá se encontra na região do Baixo-Tocantins, exatamente por se localizar na parte mais baixa do rio Tocantins, onde ele deságua.

1. "Exaltação a Cametá" de Alberto Moia Mocbel.

Olhando um pouco mais à direita vê-se Belém. Pode-se então, comparar a distância entre Belém e Cametá. O acesso a Cametá, saindo de Belém, só é possível por via aérea ou fluvial. Em uma viagem de barco de Belém até lá leva-se cerca de dez horas. Esta distância calculada em linha reta compreende 149 Km.

Cametá possui uma extensão territorial de 2.478 Km² para uma população de 91.693 habitantes (Jornal "A Província do Pará", novembro de 1986). Pertencendo ainda ao município de Cametá há as localidades de : Jaracuera, Joroca, Curuçambaba, Jocaminhoca, Mandiim, Mutuacá, Mandaruçu, Turema, Carapajó, Bom Jardim, Joana Coeli, Pindobal, Cacoal etc., cuja população é predominantemente constituída de pescadores, já que a pesca é a segunda grande atividade econômica dessa região. A maioria da população é centralizada na zona rural, aproximadamente 75%. O município de Cametá foi fundado há mais de 355 anos.

Cametá possui um importante papel econômico, político e até histórico no estado.

Cametá foi o foco da resistência à Cabanagem, grande revolta feita por caboclos na época do Império em oposição ao governo de D. Pedro I, e durante este período foi sede do estado, tendo sido esta a única vez na história do Brasil que o poder foi ocupado pelas camadas populares, pois a Cabanagem foi um dos poucos movimentos brasileiros de origem e desenvolvimento popular. Nesse período, a cidade de Cametá destacou-se por ter sido o local de origem do movimento e por ser

cametaense o presidente da República Cabana na segunda fase do movimento; e mesmo apesar das controvérsias surgidas depois que o impediram de sê-lo, ele assumiu o cargo e transformou Cametá na sede do Governo da Província. E em decorrência do importante papel desempenhado por Cametá neste expressivo movimento popular, que o povo cametaense revela um intenso orgulho de sua terra, como também pelos vultos que ilustram a história do seu município (LOUREIRO & LOUREIRO, 1987). Cametá é denominada de terra dos notáveis por em seu território terem nascidos grandes vultos históricos do estado do Pará. O mais famoso de todos os seus personagens ilustres é D. Romualdo de Seixas, o Primaz do Brasil, primeiro e único chefe da Igreja Católica brasileiro que sagrou um Imperador (Ricardo Borges, " Vultos Notáveis do Pará ", apud jornal "A Província do Pará").

E em Cametá que se tem uma das grandes produções de pimenta do reino e palmito do estado. Estes produtos agrícolas, juntamente com o cacau, são produtos de exportação. Sua economia é baseada na agricultura, extrativismo e indústrias madeireira e de beneficiamento de seringa. Cametá também possui um setor pesqueiro economicamente bem desenvolvido, do qual falaremos com maiores detalhes mais a frente, pois é deste setor econômico que participam o grupo de informantes com que trabalhei.

Em termos políticos, Cametá a cada eleição sempre tem representantes tanto na Assembleia Legislativa Estadual quanto no âmbito da Câmara Federal.

Apesar de tudo o que foi exposto com relação a sua expressividade econômica, política e histórica, Cametá tem sua variedade linguística altamente estigmatizada em Belém, sendo característica a afirmação grotesca e cômica de que se fala francês em Cametá, devido às suas peculiares expressões orais como por exemplo: " já me viu " (estou indo).

E foi exatamente por se tratar de uma variedade estigmatizada que escolhi a variedade linguística de Cametá para meu objeto de estudo.

Antes de passar à abordagem linguística propriamente dita, falarei sobre o trabalho de pesquisa, suas fases, para assim conhecermos quem são os pescadores de Cametá.

CAPITULO II: TRABALHO DE PESQUISA DE CAMPO

2.1 Histórico

Este trabalho de pesquisa começou um pouco antes do meu ingresso no curso de Pós-Graduação da UFSC, quando ainda era aluna da Universidade Federal do Pará e participava do projeto de pesquisa de cunho sociolinguístico de responsabilidade do prof. Joaquim Nepomuceno de Oliveira Neto. O projeto era intitulado "A Fala dos Canoeiros do Ver-O-Peso", e coletavam-se dados, entrevistando pescadores nas docas da cidade de Belém, mais exatamente no porto do Ver-O-Peso, sempre preocupados em respeitar determinadas categorias, como faixa etária, escolaridade, lugar de origem etc. Eramos uma turma de alunos concluintes do curso de Letras e estávamos divididos por grupos segundo os diversos aspectos linguísticos que, nos propúnhamos a estudar.

Eu pertencia ao grupo encarregado de descrever todo aspecto fonético e fonológico da variedade. Como a formação linguística de todo aluno do curso de Letras é puramente segmental, trabalharam-se, conseqüentemente, os dados só ao nível segmental. Os resultados deste estudo se constituíram no nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e mais tarde na monografia apresentada por mim para a seleção de ingresso no Mestrado em Linguística da UFSC.

Os canoeiros do Ver-O-Peso são caboclos pescadores oriundos dos mais diversos e longínquos cantos da região Amazônica. Esses homens que trabalham no sistema de meeiros com o proprietário do barco que lhes é concedido para a pesca, encontram-se comumente no porto do Ver-O-Peso em Belém do Pará para a comercialização do pescado. Em sua grande maioria semi-alfabetizados, esses homens tiveram a pesca como a única atividade econômica desenvolvida por eles durante toda a vida.

Decidida a rever e a aprofundar o estudo feito sob um outro ponto de vista, das diversas regiões com que entrei em contato, escolhi apenas uma: Cametá. Esta tomada de decisão foi muito influenciada por uma conversa informal com a profa. Leopoldina Araújo, também da UFPA, que me falou de alguns processos entoacionais da fala cametaense que lhe haviam chamado a atenção.

Resolvi, então, proceder a um estudo descritivo de fenômenos supra-segmentais da fala dos canoeiros do Ver-O-Peso procedentes da cidade de Cametá.

Parti, portanto, para Cametá com a finalidade de fazer uma nova coleta de dados.

2.2 Condições de coleta de dados e pressupostos teóricos

Minha chegada a Cametá se deu em primeiro de novembro de oitenta e nove e lá fiquei até dois de março de mil novecentos e noventa. Período destinado ao contacto e conhecimento dos informantes, como também composição do corpus da pesquisa.

Este corpus foi primordialmente o discurso oral, pela facilidade de ser obtido, através de gravações feitas com os informantes na própria região e por ser o mais eficiente, mesmo não sendo o único meio através do qual o linguista possa captar os aspectos fonéticos e fonológicos da fala.

Para a delimitação do corpus utilizei os pressupostos teóricos da Fonologia do Discurso¹. Chama-se de Fonologia do Discurso a área da Fonologia que não trabalha com lista de palavras, mas que busca outros critérios para selecionar o corpus a ser analisado. As unidades de análise da Fonologia do Discurso são os supra-segmentos e aspectos prosódicos da fala.

1. Fonologia do Discurso não deve ser interpretada como a junção de Fonologia e Análise do Discurso. Os teóricos que assim denominam esta área da Fonologia (GIBBON, 1984), fazem-no por se tratar de uma nova postura de coleta de dados aquela que não estuda os sons a partir de lista de palavras, mas sim que considera os níveis maiores da língua. E com base nestes níveis que se direciona a coleta e seleção dos dados.

A Fonologia do Discurso também não se constitui em um modelo fonológico, no que se concebe como tal, mas são questionamentos feitos por teóricos da área com relação as unidades de análise dos estudos fonológicos e sua abordagem.

Após a seleção dos dados, descrevem-se, analisam-se e caracterizam-se esses dados com base em orientações acústicas, aspectos fonéticos, além de outros aspectos prosódicos e categorias supra-segmentais.

Entretanto para se ter uma descrição linguística coerente é importante que se estudem e se interliguem vários níveis de análises diferentes: nível semântico, nível de descrição de entoação, nível fonético-perceptual, etc.

Logo, a Fonologia do Discurso traz em seu bojo uma proposta interdisciplinar de análise (GIBBON, 1984). E foi acreditando nessa relação direta e significativa entre os diversos níveis da fala: fonético, fonológico, semântico, discursivo etc., que procurei os meus informantes.

2.3 Informantes

O contacto com os informantes não foi imediato, só se deu após um mês de minha chegada, pois como se trata de pescadores, nesta época eles se encontravam em alto mar ou em outros rios pescando.

E foi exatamente através do filho de um pescador que conheci o presidente da Colônia de pescadores da região de Cametá, a Z-16 (ou zona 16), Sr. Giordano, que me apresentou aos demais pescadores, levou-me às suas residências e deixou-me participar de várias

reuniões. Logo, foi o Sr. Giordano, mais conhecido como "seu Lilito", o elo indispensável entre mim e os pescadores.

Passada as primeiras formalidades, compus o meu quadro de informantes:

- Giordano, presidente da Colônia de pescadores;
- Francisco Sales Barata;
- Raimundo Moraes;
- Olinto Padilha da Cruz, mais conhecido como Chico Duarte;
- Maurício Pantoja Paz, genro de Olinto Padilha da Cruz;
- Francisco Ribeiro Caldas, também chamado de França;
- Bernardino Gonçalves;
- Vicente Marques;
- Raimundo Nonato Xavier Viana;
- Eduardo Xavier, irmão de Raimundo Nonato;
- João;
- Daniel Cruz, filho de Chico Duarte;
- Vicente Mateus;
- Maria, mãe de João.

2.4 O Corpus

Compus o corpus a partir de discursos coletados em reuniões desses pescadores ou entrevistas com os mesmos. Ao todo foram gravadas 30 fitas cassete de 45 minutos. Seguindo rigorosamente determinados critérios presentes na Fonologia do Discurso (GIBBON, 1984), o meu corpus contém somente dados considerados naturais, em oposição a dados paradigmaticamente deduzidos ou gerados. São dados selecionados em contextos discursivos diferentes, tais como: leitura em voz alta ou estilos rápidos contra estilos lentos de fala.

No caso das reuniões, tratava-se de reuniões com objetivos precisos: em uma delas os pescadores se reuniram para se preparar previamente, discutir, coletar opiniões com relação à pesca predatória no Baixo-Tocantins e apresentá-las posteriormente em outra reunião mais ampla, com a presença dos representantes de todas as colônias de pescadores da região mais os órgãos responsáveis pela fiscalização dessa zona pesqueira, com a finalidade de buscar soluções para o problema da pesca predatória na sua região.

Para uma melhor compreensão aprofundar-se-á o assunto que permeia o conteúdo dessas reuniões, quem são os locutores dos textos orais estudados e por que eles discutem.

2.5 A Problemática da Pesca no Baixo-Tocantins

"Tomei a costeira em Belém do Pará
 Puseram uma usina no mar
 Talvez fique ruim pra pescar, meu amor
 No Tocantins".²

Há mais de dez anos os pescadores do Baixo-Tocantins no estado do Pará são obrigados a pescar em outras águas. Eles afirmam que isso ocorre em função da escassez do peixe no rio Tocantins causada pela construção da barragem de Tucuruí e pelo uso do puçá³ na pesca na região.

Todos esses pescadores são grandes proprietários de barcos pesqueiros, na região denominados de patrões de pesca, possuidores de um material considerável de pesca, que se utilizado empregaria uma mão de obra importante que atualmente se acha ociosa, aumentando o número de desempregados na região. Vejamos, então, como se chegou a essa situação caótica.

Com a construção da hidrelétrica de Tucuruí a partir de 1974 e com seu funcionamento em 1982, houve uma transformação brutal no ecossistema da região. O peixe sobe as cabeceiras dos rios para fazer a sua desova. As cabeceiras do rio Tocantins situam-se acima da hidrelétrica de Tucuruí, interrompendo-se, portanto, o caminho natural feito pelo peixe durante o período da desova. Além disso, o peixe que subiu não desceu mais depois do funcionamento da

² "Bye-Bye Brasil" de autoria de Chico Buarque e Roberto Menescal.

³ Tipo de rede de pesca considerada predatória para a região devido à pequenês dos espaços entre os nós da malha.

barragem. Logo, abaixo da barragem ficou apenas o peixe pequeno e nenhuma providência séria foi tomada por parte dos responsáveis pela construção da barragem no sentido de reparar esse dano causado à natureza e à economia da região.

Impedidos de pescar, alguns pescadores buscaram outras atividades econômicas enquanto esperavam a reprodução do peixe, como por exemplo o plantio de pimenta do reino, de cacau etc; foi uma solução encontrada por eles para enfrentar a crise no setor pesqueiro. Outros buscaram um outro sistema de pesca que exigisse pouca mão de obra e efetuasse o serviço em pouco tempo, sendo o puçá a melhor alternativa encontrada. Porém, o espaço entre os nós da rede do puçá é abaixo do exigido pela lei, ou seja, é menos de cinco centímetros, o que não permite a saída do alevino (filhote de peixe) da rede no momento do serviço, provocando sua morte imediata; como a pesca do alevino não é viável economicamente, só é possível comercializá-lo no mercado das cidades pequenas. Logo, interrompendo-se o ciclo de vida dos peixes, não respeitando seu período de reprodução e crescimento, a tendência na região é o desaparecimento total do peixe e principalmente do mapará (peixe típico da região só encontrado no rio Tocantins).

Todos os textos estudados compreendem trechos dessas reuniões e de entrevistas feitas por mim com cada pescador individualmente.

As entrevistas tomam o mesmo rumo das reuniões, já que para os pescadores, eu seria alguém do governo, investigando sobre o assunto e com poder de resolver a situação desagradável pela qual passavam. Entre os textos presentes no material de pesquisa apenas dois defendem a pesca com o puçá na região. Todos os outros a condenam e demonstram uma preocupação em solucionar o problema.

Retomando um pouco o meu quadro de informantes gostaria de justificar a presença de uma única mulher. Ela não é uma pescadora, porém é também atingida pelo problema, já que é casada com um e seu filho segue a mesma profissão. A entrevista na verdade estava sendo feita com seu filho. Entretanto, ela se apodera da palavra e toma o lugar do filho no decorrer da entrevista.

Ao se preparar uma fita montagem com exemplos característicos da variedade para transcrição e análise, percebeu-se que se poderia utilizar também trechos da entrevista com Maria, já que ela falava como os outros pescadores.

2.6 Estratégias de Análise dos Dados

A delimitação do estudo e o recorte necessário nos dados durante a fase de análise e interpretação dos dados exigiu bastante e de imediato foi muito difícil selecionar, dentre os fenômenos identificados, os que deveriam ser priorizados e os que deveriam ser preteridos.

Optou-se, então, por buscar tudo o que era característico do falar cametaense. Nove fenômenos foram identificados, arrolados depois por grupos, segundo sua extensão de ocorrência, tendo-se assim o seguinte quadro:

I. fenômenos fonéticos atingindo segmentos:

1. grande ocorrência de vogal posterior alta;
2. duração maior da sílaba;
3. o comportamento das líquidas.

II. fenômenos prosódicos.

1. volume de voz.
2. velocidade de fala;
3. deslocamento do acento tônico;
4. organização rítmica das frases enumerativas;

III. fenômenos discursivos.

1. enunciados interrogativos;
2. afterthought.

E evidente que nem todos esses fenômenos são de âmbito prosódico. Em decorrência disto, descartou-se de imediato a possibilidade de uma abordagem dos fenômenos fonéticos atingindo segmentos, por não constituírem as unidades de análise da Fonologia de Discurso.

Optou-se, então, por se trabalharem os outros fenômenos identificados.

As hipóteses de trabalho elaboradas eram apenas concernentes à descrição linguística dos fenômenos supra-segmentais. Nesse momento, esbarrou-se em outro obstáculo intransponível para o momento: todas as hipóteses, que apresentarei mais tarde, pressupunham trabalhos e estudos que ainda não foram feitos a nível de português padrão, o que comprova a escassez de estudos prosódicos no Brasil, destacando-se apenas os de CAGLIARI, no que tange as descrições fonéticas, e nenhum a nível de descrição linguística dos aspectos prosódicos do português.

A testagem dessas hipóteses se daria preferencialmente no âmbito do Doutorado, por isso resolveu-se abandoná-las para ater-se a uma descrição fonética dos fenômenos prosódicos identificados:

1. volume maior de voz;
2. velocidade de fala;
3. a organização rítmica das frases enumerativas;
4. o deslocamento do acento tônico.

Entretanto, resolvi manter o mesmo quadro de fenômenos linguísticos supra-citado neste estudo. No caso dos fenômenos fonéticos atingindo segmentos, seria indispensável apresentá-los, pois são eles que mais caracterizam o falar cametaense como uma variedade do português. Com relação aos fenômenos de caráter

discursivo só se compreenderá sua indispensável incorporação ao texto final da Dissertação, quando se entrar em contato com as suas análises, pois eles são um forte exemplo de análises feitas sob os princípios e questionamentos da Fonologia do Discurso.

CAPITULO III: FENOMENOS FONETICOS ATINGINDO SEGMENTOS

3.0 Introdução

Quando se está envolvido com um trabalho de pesquisa, deve-se seguir duas árduas etapas no tratamento de análise dos dados. A primeira é refletir sobre uma ampla lista de visões teóricas que tratam o assunto, pois normalmente um único assunto sempre foi ou é objeto de estudo de diferentes escolas teóricas de pensamento. Em seguida decidir qual teoria em particular se vai utilizar como ponto de vista ao se trabalhar os dados e conseqüentemente qual será a abordagem mais adequada a ser dada ao problema.

Percorrendo os diversos modelos fonológicos existentes, percebeu-se que qualquer um deles poderia ser aplicado aos fenômenos identificados na variedade linguística cametaense. Entretanto, apenas dois modelos foram escolhidos, porque apesar dos outros se constituírem em avanços consideráveis nos estudos dos sons da fala, suas análises não eram bem os resultados que se gostaria de apresentar sobre os fenômenos identificados na variedade cametaense.

Esta questão teórica está intimamente ligada a uma outra tomada de decisão metodológica: a escolha da posição científica do linguista.

Há duas posições linguísticas legítimas:

1. A apresentação de um modelo teórico. Discute-se, prioritariamente, os dispositivos teóricos de um modelo, demonstra-se sua eficiência nos tratamentos dos fatos linguísticos. Neste caso os dados são utilizados para comprovação e defesa de uma determinada teoria linguística. Os estudos de Linguística Teórica são um forte exemplo dessa posição.

2. A interpretação dos fatos linguísticos. A prioridade é dos dados linguísticos. Subordina-se um modelo teórico à descrição de fatos linguísticos. Como os dados são mais importantes, podem-se trabalhar diferentes modelos teóricos. As documentações de línguas ágrafas feitas pela Linguística Indígena ilustram esta última posição.

Com relação a este estudo resolvi priorizar a descrição dos dados linguísticos e utilizar o modelo que melhor desse conta dos fenômenos linguísticos identificados.

Uma vez que os fenômenos apresentados no capítulo anterior são de natureza bastante distinta, não foi possível encontrar um único modelo teórico que desse conta de todos eles de uma só vez.

Basicamente trabalharam-se duas grandes teorias fonológicas bem diferentes: a Fonologia de Governo para os fenômenos segmentais e a Fonologia de Discurso para os fenômenos supra-segmentais.

Apesar de existirem outros modelos fonológicos que estudam o nível supra-segmental como a Fonologia Métrica por exemplo, são os questionamentos, as preocupações e as orientações de análises presentes na Fonologia do Discurso, apresentada no capítulo II, que vão ao encontro da minha concepção de estudos fonéticos, proporcionando o tratamento adequado que esse aspecto da fala ainda tão pouco explorado exige.

Elegeram-se entre os modelos gerativos o da Fonologia de Governo para se trabalhar os fenômenos segmentais, por se tratar de um modelo que não se limita em criar normas e regras para os fenômenos linguísticos nem se preocupa somente em descrevê-los, mas sobretudo explica como se dá seu processo de ocorrência na língua.

3.1 Apresentação do Modelo Teórico

Apesar de sempre priorizar o estudo dos processos supra-segmentais, três fenômenos segmentais me chamaram a atenção durante a análise dos dados: 1. grande ocorrência de vogal posterior alta; 2. duração maior da sílaba; 3. o comportamento das líquidas.

Estes fenômenos provocaram os seguintes questionamentos: por que há uma grande ocorrência de vogal posterior alta? este segmento ocuparia o lugar de qual outro no português padrão? Percebeu-se, também, que este mesmo segmento juntamente com outros vocálicos tinha uma duração maior em alguns contextos. Perguntou-se, então, o que condicionaria este tipo de duração da vogal posterior alta e também de outros segmentos vocálicos? Detectou-se também uma alternância especial no caso das líquidas.

Encontrou-se em uma única teoria a explicação necessária para se entender esses três fenômenos. Esta teoria é denominada de Teoria da Regência e do Charme (KAYE, 1989)¹ e antes de sabermos como a mesma dá conta desses fenômenos, é bom conhecermos seus pressupostos teóricos e como se constitui enquanto modelo fonológico.

1. Toda a terminologia empregada na apresentação da Teoria da Regência e do Charme foi traduzida por mim. O meu contato com a teoria deu-se no curso ministrado pelo autor no IV Instituto da ABRALIN sediado em Campinas. Todos os alunos desta turma foram os primeiros no Brasil a conhecerem a teoria. Como este é o primeiro trabalho apresentado em língua portuguesa ao nível de Mestrado, empreguei a mesma terminologia utilizada pelos trabalhos de sintaxe gerativa de língua portuguesa, pois para os fenômenos sintáticos e fonológicos a terminologia é comum e assim ocorre nos textos originais que consultei. Nos outros casos, conservei a tradução dada pelo autor em sala.

A característica crucial que distancia a teoria das representações das outras teorias fonológicas está no seu número de meios significantes, entendendo-se significante como som primário.

Nos seus primórdios esta teoria fonológica podia ser confundida com a teoria dos traços distintivos de Jakobson, já que ela se utilizou dos traços distintivos como instrumento de interpretação fonética dos segmentos.

Seu objetivo é bem divergente do da Fonêmica, já que não busca determinar os constituintes fonológicos de uma língua, mas sim como se dá a sua formação e composição a nível profundo em cada sistema linguístico, isto é, a sua estrutura linguística. Enquanto para a fonêmica, o fonema é o elemento base, para a teoria das representações será o elemento. Vejamos, então, segundo esta teoria como ela define elemento e qual a sua função nos estudos fonológicos.

Primeiramente, os elementos são unidades primárias do sistema fonológico. Esses elementos fonológicos podem se constituir de um único elemento em si ou da combinação de elementos. Em comparação com outras teorias, o elemento é uma matriz completamente especificada e de traços foneticamente interpretáveis por SPE ou por qualquer outra teoria parecida.

Os elementos, enquanto constituintes definitivos do sistema fonológico, são autônomos, ou seja, são pronunciáveis independentemente, constituindo-se em verdadeiros auto-segmentos. Portanto, todos os segmentos fonéticos são ou um único elemento em si (elemento primitivo) ou o produto da combinação de elementos primitivos (elemento complexo).

A teoria das representações considera como elementos relevantes para qualquer representação de um sistema vocálico, os elementos I, U e A. Apesar de serem universais linguísticos, estes elementos não dão conta de todo o sistema fonológico, além de não considerarem o traço de nasalidade.

Estes elementos simples: A, I e U devem ser interpretados respectivamente como aberta, palatal e labializada.

Quando combinados entre si, eles formam os seguintes elementos complexos por exemplo: A.I = [ɛ], onde este segmento deve ser interpretado como a produção de I com característica marcante de A, isto é, um I aberto; já [ɔ] seria a combinação de A.U.

No processo de formação de elementos complexos, os elementos participantes recebem uma outra denominação a partir de sua posição, assim os elementos à esquerda são chamados de elemento operador e os da direita de elemento cabeça. Portanto, em todos os dois processos vistos, A é o elemento operador, aquele que empresta a sua característica mais forte, já I e U são cabeça.

Para uma melhor compreensão, a teoria também define os elementos como matrizes de traços contendo precisamente um valor marcado.

Partindo deste ponto de vista são assim representados os elementos:

$$\begin{array}{c} \text{A} \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ arred} \\ + \text{ post} \\ - \underline{\text{ alta}} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array} - \begin{array}{c} \text{I} \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ arred} \\ - \underline{\text{ post}} \\ + \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array} = \begin{array}{c} \text{U} \\ \left[\begin{array}{l} + \underline{\text{ arred}} \\ + \text{ post} \\ + \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array}$$

E é exatamente a quantidade de traços marcados (traços quentes) de cada elemento que distingue um elemento primitivo de um elemento composto. Enquanto um elemento primitivo possuirá apenas um traço quente, os elementos compostos terão dois traços quentes.

ex:

$$\begin{array}{c} \text{A} \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ arred} \\ + \text{ post} \\ + \underline{\text{ alta}} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array} \cdot \begin{array}{c} \text{I} \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ arred} \\ - \underline{\text{ post}} \\ + \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array} = \begin{array}{c} [\text{E}] \\ \left[\begin{array}{l} - \text{ arred} \\ - \underline{\text{ post}} \\ - \underline{\text{ alta}} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right] \end{array}$$

Não nos esqueçamos que os traços de cada elemento forte têm valor autosegmental, e é o elemento forte quem definirá a marcação ou não de um traço ativo.

Na presente teoria 'marcado' e 'não-marcado' são empregados com uma concepção diferente da habitual. Quando aqui dissermos que um elemento é marcado, queremos dizer que ele é complexo, e não-marcado, queremos dizer menos complexo.

Passemos agora a conhecer os outros dispositivos teóricos com função fundamental no modelo descritivo da teoria das representações.

O primeiro deles é o ATR, cujo símbolo é \ddot{i} , usado para representar a tensão de uma vogal. O ATR é um elemento como um outro segmento qualquer no sistema vocálico. O elemento ATR será sempre quente para o traço ATR e frio para os demais. O outro elemento é a vogal fria simbolizada por $v-$, elemento intermediário presente na operação de fusão ou combinação de elementos.

\ddot{i}	$v-$
$\left[\begin{array}{c} - \text{ arred} \\ + \text{ post} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \\ + \text{ ATR} \end{array} \right]$	$\left[\begin{array}{c} - \text{ arred} \\ + \text{ post} \\ + \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ ATR} \end{array} \right]$

Nesta mesma operação são utilizados os elementos operador e cabeça citados acima. E na fusão que há a substituição do valor com traço quente do operador por um traço correspondente da cabeça. Os traços predominantes serão sempre os da cabeça, portanto, enquanto a cabeça participa na fusão com todos os seus traços, o operador apenas colabora com seu traço quente, como pode ser visualizado no exemplo de fusão dado acima. A fusão é uma relação assimétrica. Além disso, elementos idênticos não podem ser combinados para formar elementos compostos, e para melhor ilustrarmos o que dissemos sobre a operação de fusão, citaremos alguns exemplos de elementos compostos: [æ] é produto da operação I.A, já [ɛ] é resultado de A.1; [ɑ] é produzido a partir de v°.A. Se estes elementos mudarem sua posição teremos, [ə].

Apresentadas as noções básicas para se compreender a teoria das representações quando aplicada, abordaremos agora os princípios norteadores da teoria do charme (KAYE, 1985), começando pela sua definição.

O charme é uma propriedade particular presente numa certa classe de elementos. Atua sobretudo na combinação de elementos e sua organização no sistema segmental. Teremos então elementos charmosos e sem charme, representados pelos sinais + e 0 respectivamente.

Retomando uma conhecida lei da Física, diremos que elementos de charme diferentes se atraem e de charmes iguais são repelidos.

Apresentamos como elementos charmosos: A+ (oral), i+ (faringal) e N+ (nasal) e como elementos não charmosos há: I⁰, U⁰ e v⁰. Em geral, será o elemento ATR (i) que determinará o grau de charme de um elemento quando sob a posição de cabeça. Porém, quando se tratar de uma combinação, se o ATR (i) for operador, o resultado desta combinação terá charme positivo. Por outro lado, pode acontecer do elemento combinado tomar o charme do elemento cabeça em uma combinação.

O i é um elemento como outro segmento qualquer no sistema vocálico, e por isso mesmo é auto-segmental.

Voltando às nossas combinações poderemos dizer, a título de ilustração, que [ε] é sem charme já que resulta da seguinte combinação (A+.I⁰)⁰.

Geralmente toda vogal é charmosa, apesar de existirem vogais sem charme. Isso é explicado pelo princípio da marca do charme que afirma: a presença de um segmento negativo em um sistema de vogais implica a presença de sua contra parte positiva.

No caso das vogais tensas, elas têm um elemento a mais na sua composição que é justamente o seu elemento contrário, o não-relaxamento, a não tensão. Como elas possuem este aspecto de mais complexidade na sua representação, isso faz com que elas tenham um status de mais marcado, ou seja, mais complexo no sistema.

Logo, o sistema vocálico deve consistir de elementos charmosos positivamente, de elementos que são pelo menos parcialmente charmosos, ou, na maior parte dos casos, de elementos charmosos negativamente puros.

Vendo agora a questão do charme num nível maior, a sílaba, teremos a oposição fundamental entre ONSET e NUCLEO expressa em termos de charme, e sendo a rima projeção de um núcleo com charme positivo, ela rege o onset com charme negativo. —

A sílaba, do ponto de vista do charme, é considerada neutra, com um tipo de autonomia fonológica. Outros processos fonológicos são concebidos também como neutros, por exemplo: acentuação, tom, harmonia, assimilação, que têm a função de ligar sílabas num dado domínio como palavras, sentenças etc.

Passemos, agora, à abordagem da última parte da teoria: a Regência.

Consideramos como regência a relação em que há uma unidade dominante predominando sobre uma ou mais unidades dominadas. Esta relação é expressa através do charme.

Quando se tratar de constituintes fonológicos, será o elemento na posição de operador na cadeia fonológica que legitima a posição do elemento cabeça. Entretanto, é o elemento na posição de cabeça que determinará o charme. Esta relação não é válida no caso das estruturas silábicas em que o regente ocupe a posição de operador.

Segundo o princípio da legitimação, cada posição de uma cadeia fonológica se autoriza, exceto a posição de cabeça da cadeia. Logo a regência é uma forma de legitimação.

Nas descrições fonológicas, a cabeça é sempre inicial, o que chamamos de direcionalidade estrita, apesar de que em algumas línguas a direção da harmonia pode ser da direita para a esquerda.

Como não só de vogais é constituído um sistema linguístico, vejamos agora, segundo a teoria, como são representados os segmentos consonantais (KAYE, idem).

Da mesma maneira como foi visto nos sons vocálicos, os segmentos consonantais são constituídos por elementos simples e complexos. Os elementos base são: A+, N+ (nasalidade), I+, I⁰, U⁰, v⁰ (velar), R⁰ (coronal); ʔ⁰ (oclusão); como elementos compostos há U⁰.ʔ⁰ para as oclusivas labiais; I⁰.ʔ⁰ para as palatais; R⁰.ʔ⁰ para as oclusivas dentais, (v⁰(R⁰.ʔ⁰)⁰)⁰ para [l] etc. h⁰ simboliza o elemento ruído e para os tons temos H- (tom alto) e L- (tom baixo); são os tons que determinam o charme das consoantes, de modo que são consideradas como consoantes charmosas aquelas com tom. Logo neste sistema não há traços com dois valores, ou o elemento está ausente ou presente.

Há um modelo fonológico bem próximo da Fonologia de Governo que é o da Fonologia de Partículas.

Primeiramente, a Fonologia de Partículas também estabelece um nível primário de composição dos segmentos. Para a Fonologia de Partículas "os segmentos são constituídos por uma ou mais partículas", de tal maneira que essas partículas "não coincidem nem com os próprios segmentos nem com os traços distintivos, mas que participam dessas duas entidades" (MATEUS, 1985). Essas partículas funcionam como os elementos para a Fonologia de Governo.

Assim como a Fonologia de Governo prevê três elementos simples na base da constituição de qualquer sistema fonológico : I, U e A, a Fonologia de Partículas considera três partículas elementares i, u, a. Isoladamente elas correspondem às vogais [i], [u], [a]; combinados entre si, representam traços fonéticos. A interpretação dada a essas três partículas também é a mesma:

- i = palatalidade ou anterioridade,
- u = labialidade ou arredondamento,
- a = abertura (idem).

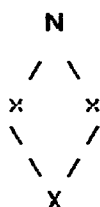
A medida que se vai aprofundando num estudo paralelo destes dois modelos fonológicos vemos que eles também divergem, por exemplo, com relação à formação dos segmentos que têm a seguinte definição na Fonologia de Partículas, como pode ser visto abaixo:

[i] i	[u] u	[u] iu	[a] a
[e] ai	[o] au	[o] aiu	
[ɛ] aai	[ɔ] aāu	[oe] aaiu	

Esta composição dos segmentos têm uma lógica dentro da Fonologia de Partículas, pois para esta teoria "a palatalidade e a labialidade marcam a tonalidade da vogal e a abertura está relacionada com a altura" (idem). Assim a altura das vogais está em relação direta com o número de partículas de abertura. Eis porque como pôde ser visto acima, quanto maior o número de a presente na composição do segmento, maior a abertura da vogal. Além disso, quanto mais alta a vogal, menos partícula de abertura ela terá.

Apesar da Fonologia de Governo e Fonologia de Partículas serem próximas, chegando mesmo a possuírem caracteres e traços tão parecidos, elas divergem bastante, principalmente no que tange a explicação de determinados fenômenos fonéticos.

Comparada à Fonologia de Partículas, a Fonologia de Governo é sem dúvida um modelo fonológico muito mais claro e simples para se trabalhar. Ela descreve o processo de tensão e duração das vogais de uma maneira mais convincente e simples do que aquela. Como já demonstramos, a tensão constitui um elemento independente, representado por \uparrow que participa como um outro elemento qualquer previsto pela teoria no processo de composição dos segmentos. Como exemplo típico de segmentos tensos têm-se as vogais fechadas. A duração por sua vez é explicada no âmbito da sílaba e é a estrutura silábica que determina uma vogal longa ou não, representada na Fonologia de Governo pela seguinte estrutura:



portanto, a duração silábica é explicada pela posição dos segmentos que preenchem o núcleo. No caso tem-se um núcleo ramificado com uma única atualização fonética no nível segmental. Enquanto que para a Fonologia de Governo esses dois fenômenos têm tratamento distinto e são vistos em níveis diferentes, para a Fonologia de Partículas eles são abordados como fenômenos interligados e explicados em conjunto; a Fonologia de Partículas fala de uma dupla oposição de vogais longas/tensas e breves/não tensas, descrita por espaço entre as partículas e pela presença da partícula de abertura na composição. Tomando as vogais anteriores médias, vejamos como o modelo da Fonologia de Partículas as representa:

I. [ɛ:] aai i

[e:] ai i

Para ambos os modelos, as vogais fechadas são mais tensas. No entanto, a explicação e a representação da tensão das vogais diverge num e noutro modelo; enquanto para a Fonologia de Partículas a tensão é explicada pela ausência de uma partícula de abertura, para a Fonologia de Governo a tensão é explicada pela participação de um elemento a mais na composição dos segmentos, o ATR (I). E exatamente esse tratamento dado às alterações segmentais e sua atualização fonética na cadeia falada a partir de relações sintagmáticas

ocorridas na composição dos próprios segmentos que opõe radicalmente o modelo da Fonologia de Governo aos demais. Esse outros modelos teóricos se ativeram a um aspecto paradigmático da teoria dos fonemas e sempre buscaram seletivamente uma alteração significativa do som, sem se preocuparem em descobrir suas relações sintagmáticas internas.

Um outro paralelo também pode ser traçado: entre a Fonologia de Governo e a Fonologia Padrão.

A representação dos elementos por traços aproxima a Fonologia de Governo da Fonologia Padrão. Assim como a Fonologia de Governo, o modelo fonológico presente em SPE retoma a teoria dos traços distintivos de Jakobson que inclusive se constitui na base do sistema de regras empregado pela fonologia gerativa padrão na descrição dos fenômenos fonológicos.

A teoria dos traços distintivos foi concebida pelo círculo linguístico de Praga e seu iniciador foi Trubetzkoy.

Enquanto para a Fonêmica os fonemas são unidades fonológicas mínimas do sistema linguístico, para Trubetzkoy, que desenvolve uma versão própria do estruturalismo saussureano, o traço será a unidade fonológica mínima. Apesar dos fonemas serem os elementos mínimos do sistema linguístico, não são elementos mínimos em si, pois se constituem de conjunto de traços distintivos.

Entretanto, o Modelo de SPE retoma a Fonologia de Jakobson, trazendo os traços muito mais para o ponto de vista articulatorio do que acústico, como fez a Fonologia de traços distintivos.

A Fonologia Gerativa Padrão retoma essa noção de traços distintivos e trata os sons da fala sobre o plano formal, como complexos de traços e não como entidades inalisáveis ou indivisíveis. Portanto, os sons da fala podem ser representados como conjunto de traços fonéticos acústicos e articulatorios (LYONS, 1982). Estes traços fonéticos são escalas físicas e podem admitir números coeficientes que são determinados pelas regras do componente fonológico.

A Fonologia Gerativa Padrão trabalha muito mais a representação que o falante toma pelas propriedades fonéticas de um enunciado, sendo dada a hipótese que ele faz da sua estrutura de superfície e o conhecimento que ele tem das regras do componente fonológico. Para a Fonologia Gerativa essas regras pressupõem formas subjacentes abstratas.

Como a Fonologia Gerativa descreve os fenômenos fonéticos através de regras, conseqüentemente as transcrições fonéticas devem utilizar um conjunto particular, fixo de traços fonéticos. Uma representação fonética tem a forma de uma matriz em duas dimensões na qual as linhas representam os traços particulares e as colunas os segmentos sucessivos do enunciado engendrado. Toda representação fonética de um enunciado de uma língua dada é uma matriz cujas

linhas devem conter o nome dos traços da fonética universal. Já o componente fonológico da gramática assinala uma interpretação fonética na descrição sintática, referindo-se às únicas propriedades da estrutura de superfície, aquelas que correspondem à representação fonética. Logo o componente fonológico é um sistema de regras organizado conforme o princípio do ciclo transformacional.

Este ciclo transformacional consiste na aplicação das regras fonológicas em ordem sequencial linear em cada sintagma da estrutura de superfície, começando pelo menor e prosseguindo pelos sintagmas cada vez mais amplos até que se tenha atingido o domínio máximo dos processos fonológicos.

O componente fonológico exprime a relação entre a estrutura de superfície de uma frase e sua realização física, desde que esta relação seja determinada pela regra gramatical.

Como pode ser constatado a herança da utilização dos traços distintivos da escola de Praga é o único ponto que une a Fonologia de Governo à Escola Americana.

E quando comparados seus princípios teóricos mais profundamente verificar-se-á que ambas as teorias se constituem em dois tipos bem distintos de modelos fonológicos.

A diferença fundamental entre a Fonologia de Governo e a Escola Americana está no fato de que esta é formada de regras enquanto aquela traz em seu bojo princípios e parâmetros.

A Escola Americana se baseia em regras. Para ela, a fonologia não tem explicações e é uma mera taxonomia. O sistema fonológico é arbitrário no nível subjacente, já que não há ligação entre o fenômeno fonológico e o contexto em que ele ocorre.

A Fonologia de Governo é uma fonologia baseada em princípios e parâmetros que formam a gramática universal, como o princípio da legitimação, do contorno obrigatório e parâmetros de diferenças linguísticas, os mesmos utilizados pela sintaxe, ou seja a Fonologia de Governo é uma outra concepção de Fonologia.

E a teoria da Fonologia Padrão que fundamentou o único estudo fonético-fonológico sobre variedades linguísticas faladas no interior do Pará (VIEIRA, 1983). Este estudo limitou-se a descrever as variedades através de regras, que em alguns casos, não consegue explicar com precisão o que ocorre, como veremos mais adiante, quando apresentarei as análises feitas sob o ponto de vista da Fonologia de Governo.

De posse dos instrumentos teóricos necessários, passemos a conhecer um pouco mais a variedade do português estudada.

3.2 Grande Ocorrência de Vogal Posterior Alta

" O caboclo foi pela primeira vez a Belém, a fim de conhecer uma cidade grande. Depois de ter andado bastante pelas ruas de Belém, um pouco cansado resolveu entrar numa lanchonete para comer algo.

O garçon se dirigindo ao caboclo lhe perguntou:

- O senhor quer tomar alguma coisa? Quer um suco? _

E aí o caboclo muito nervoso respondeu:

- Me dá um, que eu te du utru ! "

Esta é uma piada popular contada em Belém, referindo-se às diferenças fonéticas dos falares regionais do interior do Pará. E para entendê-la, faz-se necessário observar as formas abaixo:

Quadro I:

1. [pe'soaʃ]	'pessoas'	13. ['boa]	'boa'
2. ['su:bʌ]	'soube'	14. ['povu]	'povo'
3. [mu'xada]	'molhada'	15. ['uʒʌ]	'hoje'
4. ['gɔʃtɔ]	'(eu) gosto'	16. ['tudo]	'todos'
5. [guʃ'tax]	'gostar'	17. [fɔ'idemaɪʃ]	'foi demais'
6. [guʃ'tu:]]	'(ele) gostou'	18. [bru'kiãõ]	'(eles) bloqueiam'
7. ['nuɪtʃv]	'noite'	19. [bru'kia]	'(ele) bloqueia'
8. [iʃku'lidɔ]	'escolhido'	20. ['muxtɔ]	'morto'
9. ['pu:ku]	'pouco'	21. [a'dɔrɔ]	'(eu) adoro'
10. [fɔx'nesɔ]	'fornece'	22. ['tru:sɔ]	'(ele) trouxe'
11. [pu'deh]	'poder'	23. ['soxta]	'solta'
12. ['tukɔ]	'toco'	24. [kũvi'dax]	'convidar'

25. ['fumu]	'(nós) fomos'	29. [nu 'vã]	'novão'
26. [duku 'mẽtu]	'documento'	30. [mu 'rax]	'morar'
27. [de 'nuv]	'de novo'	31. ['kũpra]	'compra'
28. ['pupa]	'popa'		

Comparando estas formas encontradas na variedade de Cametá com as da variedade de Belém, percebe-se que há uma passagem de [o] para [u]/ [õ], como pode ser verificado nos exemplos: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31; o mesmo constatado por VIEIRA (1983) nos dialetos da região do Médio Amazonas Paraense e Tapajós. Mas como não seria interessante formular regras descritivas estruturais desse processo, pois assim ele foi trabalhado por VIEIRA (idem), pensaram-se, então, as seguintes hipóteses na tentativa de explicá-lo:

1. todos os [o] passam a [u];
2. não há [õ] em posição átona;
3. em posição tônica só há [u] e [õ];

Realmente há uma passagem total de [o] → [u], logo tudo o que ocorre com [o] no português de Belém, será sem dúvida realizado com [u] pelos pescadores cametaenses, se configurando em mais um grupo de falantes do interior da Amazônia que reforça a característica primordial do vocalismo regional com uma ocorrência dominante do segmento /o/ → [u] não só em posição átona, como ocorre no português padrão, mas também em posição tônica (VIEIRA,

idem). A única diferença entre os falares do Médio Amazonas e Tapajós pesquisados por VIEIRA (idem) e os falares cametaenses é que enquanto sob a posição tónica e atuação da nasalização o [o] se mantém nos primeiros dialetos como: [i]tômago] 'estômago'; no falar cametaense nem a nasalidade nem a tonicidade se constituem num obstáculo: ['kũpra] 'compra'.

E o que foi encontrado como contra-exemplo, a primeira vista, na verdade são situações de hiper-correção que reforçam a hipótese:

Quadro II:

01. ['boxo] 'burro'
02. ['moxo] 'murro'
03. ['toxma] 'turma'
04. ['moro] 'muro'
05. ['poʃa] 'puxa'

Tomando a representação e composição de [u] e de [o] como respectivamente sendo U^0 e $(I+(A+U^0)^0)^+$, perceber-se-á que há um processo de simplificação com perda de $A+$ e $I+$ na passagem de [o] para [u]: [o] \longrightarrow [u]

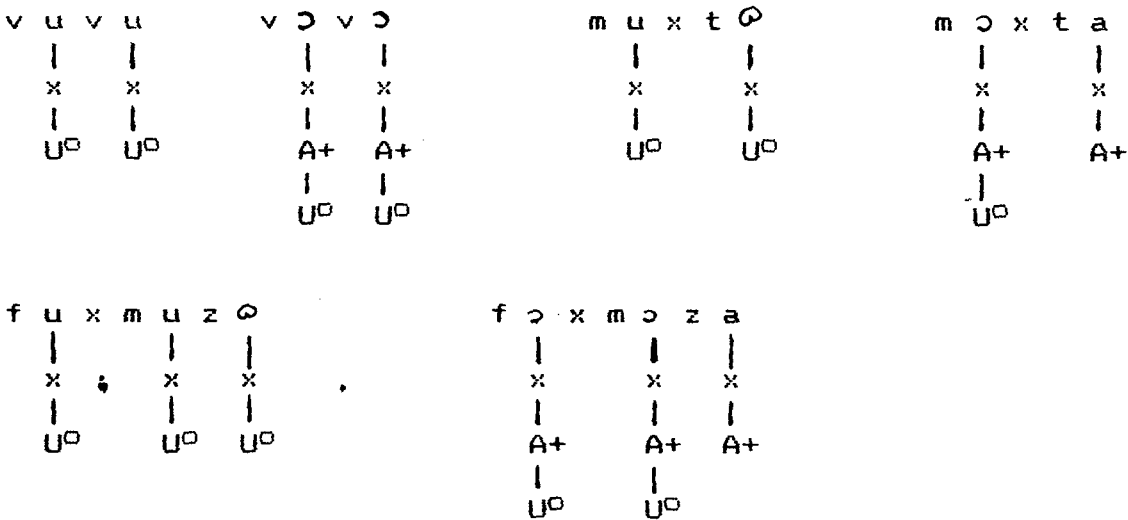
x	x
A+	U ⁰
U ⁰	
I+	

Nesta passagem de [o] → [u] não há só uma simplificação, mas também um processo de harmonização da direita para a esquerda, vejamos, então, como ocorre esta harmonização:

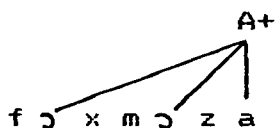
Quadro III:

- | | |
|--|----------------------------------|
| 01. [vu'vu] 'vovó' | 05. ['muxt \emptyset] 'morto' |
| 02. [v ɔ 'v ɔ] 'vovó' | 06. ['m ɔ xta] 'morta' |
| 03. [fux'muz \emptyset] 'formoso' | |
| 04. [f ɔ x'm ɔ za] 'formosa' | |

Internamente, eles se constituem assim:



Portanto, nas formas com flexão de da última vogal responsável morfológica espalha sua abertura (A+) para as esquerda.



3.3 Duração Maior da Sílabla

Agora, passemos a observar as formas: 2, 6, 9 e 22 que constam no quadro 1. Elas têm em comum uma duração silábica não esperada, vejamos por que:

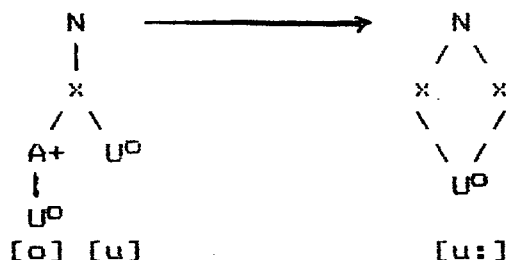
2. ['su:bu] 'soube'

9. ['pu:ku] 'pouco'

6. [gu]tu:] 'gostou'

22. ['tru:su] 'trouxe'

Acabou-se de demonstrar que todo [o] passa a [u] na variedade em questão. Nota-se que as sílabas onde há uma duração maior são sílabas que no português padrão correspondem a um ditongo 'ou'. Como todo [o] passará a [u], o som inicial deste ditongo também passará a [u], logo ele será composto de dois [u], e considerando que um ditongo é um som em deslocamento e não dois segmentos distintos, eis o porquê de um [u] longo nos dados acima, tendo-se a seguinte representação silábica, que exemplifica uma mudança na estrutura, já que se passa de um ditongo pesado a um núcleo ramificado:



A duração silábica também se constitui em mais uma diferença entre o estudo feito sobre o falar do Médio Amazonas paraense e a análise aqui proposta para o falar cametaense, já que em seu estudo VIEIRA (idem) diz que no caso do ditongo há simplesmente uma elevação do /o/ e nada mais. O não aprofundamento do estudo de VIEIRA (idem) deve-se ao fato de ter utilizado o modelo da Fonologia Gerativa Padrão como ponto de vista, e este modelo só permitiu a descrição da variedade através de regras que, em alguns casos, não consegue explicar com precisão o que ocorre, como pode-se constatar ao confrontar os resultados do estudo de VIEIRA com as análises feitas à luz da Fonologia de Governo.

Deixando de lado as vogais, passemos, então, a ver como se comportam as consoantes, e em especial as líquidas na fala dos pescadores.

3.4 O Comportamento das Líquidas

- " E o rapaz curioso perguntou ao caboclo:
 - É verdade que vocês trocam o 'r' pelo 'l'
 e o 'o' pelo 'u' ?
 - tudus não, só alguns ! "

Da mesma maneira que se constatou um processo de simplificação de [o] para [u], ver-se-á que há também um fenômeno de simplificação de [l] para [x] / [h] / [r] / [γ] e que a piada que ilustra este capítulo tem suas razões.

Observemos com atenção os exemplos abaixo:

Quadro IV.

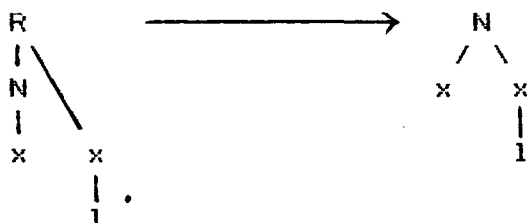
1. [ilɛ'gax]	'ilegal'	13. [mate'riax]	'material'
2. [pimẽ'tax]	'pimental'	14. [pa}tɔ'rax]	'pastoral'
3. [bru'kiãç]	'(eles) bloqueiam'	15. ['soxta]	'soltas'
4. [bru'kia]	'brukia'	16. [sox'teirɔ]	'solteiro'
5. [kapi'tax]	'capital'	17. [plɛda'tɔria]	'predatória'
6. [lɔ'kax]	'local'	18. [dʒɔ'kuhpa]	'desculpa'
7. ['parmɔ}	'palmos'	19. [fi}kax]	'fiscal'
8. [mi'gex]	'Miguel'	20. ['krasɔ]	'classe'
9. ['sox]	'sol'	21. [pĩd'v'box]	'Pindobal'
10. ['mih]	'mil'	22. [kax'kula]	'calcula'
11. ['mihtɔ]	'Milton'	23. [nɔ'vẽblɔ]	'novembro'
12. [kara'kɔx]	'caracol'	24. ['uxt}imos}	'últimos'

Em todo o Brasil, com exceção dos gaúchos, o [l] quando se encontra em posição rimal se vocaliza em [ɔ], passando a [l] escuro em oposição ao [l] claro do Rio Grande.

E quando em posição de vocalização o [l], em vez de ficar ligado à rima diretamente, é incorporado pelo núcleo:



Consequentemente, a sílaba fechada passa a ser um núcleo ramificado.



Foneticamente essa passagem é percebida como uma vogal posterior menos tensa no lugar do [l].

Analisando os dados, percebeu-se que esse processo de vocalização ocorria naturalmente em alguns casos:

25. [pimẽ'taŋ] 'pimental'

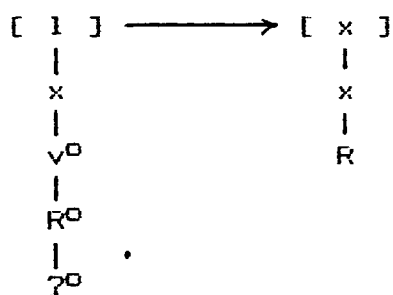
26. [pɔtẽ'siaŋ] 'potencial'

27. [kapi'taŋ] 'capital';

e às vezes seguido no mesmo trecho de discurso, produzido pelo mesmo falante ou até com o mesmo item lexical esse [ŋ] era ouvido como uma vibrante ou uma fricativa.

Pensaram-se, então, as seguintes hipóteses, a partir de uma observação acurada dos dados:

1. Há uma simplificação de [l] para [x], ou mesmo para uma vibrante qualquer



2. Esta fusão só ocorreria em posição final de palavras.

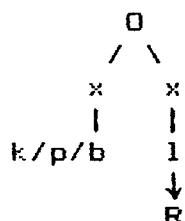
3. Nos casos em que o processo de fusão de [x] para [l] fosse invertido tratava-se de hiper-correção.

28. ['kwaŋta] 'quarta'

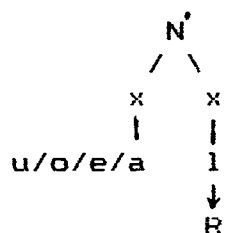
29. [de'zẽhŋ] 'dezembro'

Ao se testar estas hipóteses, constatou-se que no nível das representações, há o mesmo tipo de regência tanto no ONSET ramificado quanto no núcleo ramificado, o que os iguala do ponto de vista da regência nesta variedade.

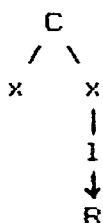
Vendo a fusão de [l] em [R] nos onsets ramificados, tem-se em 3, 4, 17, 20, 23 e 29 do quadro IV a seguinte estrutura:



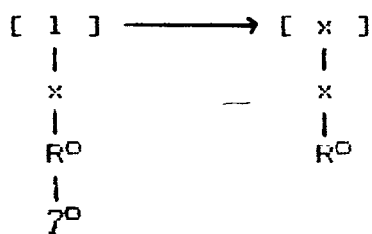
Esta mesma estrutura se repete nos núcleos ramificados em final ou não de palavras, como servem de exemplo: 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 22 do mesmo quadro.



Poderemos, então, generalizar dizendo que C, entendido como constituinte, quando ramificado, tem-se na posição regida uma fusão de [l] em [R], e C pode estar representando tanto O (onset) quanto N (núcleo), que dará a seguinte representação abaixo:



Diz-se que nesta passagem se dá uma simplificação, porque do mesmo modo como foi mostrado em 3.2, há perda de elementos, já que [x]/ [h]/ [r]/ [ɣ] é constituído de R (coronal), e [l] é formado por $(v^0(R^0.z^0)^0)^0$, tratando-se evidentemente de simplificação:



Portanto, todos os [l] finais e mesmo os não finais como 7, 11, 15, 16, 18, 22 e 24 vão se comportar da mesma maneira, quer sendo um processo facultativo, quer uma variação dialetal, já que encontram-se itens lexicais produzidos com as duas estruturas:

2. 'pimental' [pimẽ'ta ω]
[pimẽ'tax]

10. 'mil' [mi ω]
[mih]

5. 'capital' [kapi'ta ω]
[kapi'tax]

30. 'prejudicial' [plezudzi'sia ω]
[prezudzi'siax]

O mesmo problema também ocorreu quando testaram-se as hipóteses com relação ao ponto 3.2, em que também havia formas como:

- | | |
|----------------------|----------------------|
| 30. 'morar' [mɔ'rax] | 31. compra' ['kɔpra] |
| [mu'rax]. | ['kũpra] (Quadro I) |

Como não gostaria de ter o mesmo procedimento de VIEIRA (idem), que se limitou a formular regras e quando deparou-se com este mesmo problema, apenas colocou que: [l] passa a [x] e a [w] em posição final e em posição pré-consoante, exemplificando com:

- | | |
|--------------------|-------------------------|
| [kĩ'taw] 'quintal' | ['kawdu] 'caldo' |
| [kĩ'tax] 'quintal' | ['kaxdu] 'caldo' (p.57) |

sem contudo esclarecer se se trata de uma variação livre ou condicionada, e quais fatores condicionariam esta variação se caso assim fosse, preferi, então, acreditar que se trata de uma variação condicionada não por fatores linguísticos, mas socio-linguísticos. Pois quando o falante percebe o grau de formalidade da situação em que se encontra, ou diante de uma professora, ou em reuniões com representantes do governo etc., a vocalização do [l] se faz mais presente nos seus textos orais. À medida que o comportamento epilinguístico é esquecido, a preocupação maior se dá com o conteúdo da discussão ou, então, quando o falante se descontraí mais, o processo de simplificação tanto de [o] para [u] quanto das líquidas é bem maior quantitativamente no discurso oral dos pescadores.

Mesmo sendo um modelo atualíssimo, a Fonologia de Governo, também " trata quase que exclusivamente aquilo que está diretamente relacionado com os elementos consonantais e vocálicos " (CAGLIARI, 1989), apesar de seus fonólogos afirmarem que para eles segmento e supra-segmento estão juntos e não são níveis separados.

Entretanto, a união de significados e significantes pode e deve acontecer em todos os níveis da análise linguística, em todas as áreas e estar presente em todo trabalho linguístico, de um modo ou de outro, com um tipo de ênfase ou com outro (idem)

O domínio dos elementos prosódicos se manifesta das mais variadas maneiras nas línguas, mas ele só pode ser percebido se nossa observação for além do domínio dos segmentos (vogais e consoantes).

CAPITULO IV: FENÔMENOS PROSÓDICOS

4.0 Introdução

Partindo do princípio de que o objetivo da Linguística é descrever o funcionamento da língua nos seus diversos níveis, decidi, tomando como exemplo a linguagem falada, estudar alguns fenômenos prosódicos do português ocorridos em uma de suas diversas variedades, a da região de Cametá - PA.

Durante muito tempo a Linguística utilizou como linha de pesquisa científica a descrição da língua enquanto sistema complexo, cujo objetivo consistia em descobrir níveis linguísticos descritíveis que constituíam módulos ou estruturas autônomos, porém interligados. Logo, dentro de uma perspectiva estruturalista, a língua se resumia a um sistema de sistemas, em que se um dos módulos sofresse uma modificação, por mais ligeira que fosse, todo o sistema seria abalado. Enquanto descrição linguística, essa estratégia necessitava de uma visão mais ampla do todo. Sendo assim, uma abordagem formal só permitia medir o efeito de uma modificação de um módulo por outro (HIRST, 1984), isto é, a formalização de um nível linguístico consistia em especificar as categorias primitivas e as regras que regem as estruturas "bem formadas" nesse nível.

Atualmente os estudos linguísticos e em particular os de âmbito fonológico assumem uma outra direção.

E surpreendente como pudemos ficar tanto tempo indiferentes à voz, só vendo estruturas, esquemas, árvores, ou seja, todo um espaço mudo da linguagem (MESCHONNICH, 1982), principalmente porque o mais apaixonante das investigações se faz na linguagem oral, e na reflexão sobre a linguagem oral.

Eis porquê esta etapa do presente estudo trata dos aspectos prosódicos da variedade em análise, por considerá-los de extrema relevância nas pesquisas ao nível supra-segmental. Por que então estudar a prosódia de uma língua ?

Percorrendo a linguagem desde a sua aquisição pelas crianças, constatamos que toda criança compreende a voz enquanto entoação, ritmo, mímica articulatória, antes de conhecer as palavras. Na fase inicial de aquisição da linguagem, toda criança manipula com precisão os esquemas de entoação, sem conseguir, no entanto, com o mesmo grau de perfeição, a manipulação dos sons enquanto segmentos da linguagem. A prosódia durante um período é para a criança o único meio linguístico de comunicação (ao qual se acrescentam, evidentemente, os meios extra-linguísticos como os gestos) (KONOPCZYNSKI, 1979:50). Na fase inicial de escolaridade, constata-se que as crianças transportam características específicas da modalidade oral, como por exemplo, o seus padrões entoacionais, para a escrita. Em função disso, elas produzem textos que do ponto de vista dos padrões da escrita são considerados incoerentes, mas do ponto de vista entoacional podem ser considerados coesos.

Considerando a evolução dos estudos prosódicos, veremos que mesmo dentro do Estruturalismo, corrente teórica que considerava as questões prosódicas como apêndices e marginais, ou incorporando-as ao segmento quando possível, novas abordagens linguísticas no âmbito da Fonética suscitaram outros direcionamentos metodológicos, como por exemplo a publicação de "Paralanguage: a first approximation" de autoria de George L. Trager (in DELL HYMES, 1964). TRAGER afirmava que muito mais abrangente que a língua é a comunicação como um todo, e que pertenceriam à comunicação barulhos e movimentos presentes na interação humana. Além disso, estes não fariam parte do segmento, mas da fala como um todo. Apesar de não se afastar das concepções estruturalistas de linguagem nem dos princípios norteadores desta linha teórica, TRAGER percebera que havia um outro nível linguístico, além do segmento, o supra-segmento, e que nele veiculava-se além das nuances da comunicação, as marcas individualizantes do falante. Tradicionalmente, o termo prosódia recobria tudo que escapava da segunda articulação e não participava, ou pouco, na comunicação. Desmembrados em altura, intensidade e duração, os fatos prosódicos foram observados na maioria das vezes em oposição aos fatos não prosódicos que são os elementos segmentais de natureza discreta.

No plano linguístico, a prosódia assume uma função essencial, pois é ela que permite a um signo ou uma sequência de signos adquirir o status de palavra ou de frase "bem-formada".

A entoação é um integrado de unidades da primeira articulação que, por sua vez, não poderia existir sem este elemento supra-segmental (ROSSI, 1977). Além disso, a prosódia desenvolve uma função fundamental na organização semântica e pragmática dos enunciados.

Atualmente, é quase um consenso a posição de que deve se considerar o supra-segmento como um elemento de grande importância nas análises fonéticas e fonológicas, pois transcrições que privilegiam o nível segmental reduzem e muito o fenômeno da fala, assim como também é necessário que o linguista vá muito mais além das palavras e chegue até o nível discursivo da língua, não mais transferindo a responsabilidade das questões de âmbito prosódico à função expressiva da linguagem.

Os supra-segmentos envolvem categorias distintas das exigidas pelos segmentos. E para melhor compreensão dos fenômenos linguísticos que aqui abordaremos neste âmbito, faz-se necessário, antes de expor o estudo propriamente dito, deixar claro o que se entende por supra-segmento e prosódia.

Primeiramente, os supra-segmentos "correspondem a unidades maiores do que os segmentos, portanto podem integrar vários elementos dentro de si, como a sílaba, o acento, a pausa, o ritmo, a velocidade de fala, a entoação, o tom, a qualidade de voz etc." (CAGLIARI, 1983). Já a prosódia é a forma de organização do tempo fonético, que para mim se dá a partir da combinação dos elementos

supra-segmentais. O supra-segmento recai sobre o que, apesar de várias controvérsias, consideramos como sílaba, uma vez que o enunciado só pode ser pronunciado depois que seja montado o suporte de sua estrutura silábica. Consequentemente, ligados à sílaba têm-se os traços supra-segmentais.

Quais são, portanto, os elementos supra-segmentais que nos interessam na descrição dos fenômenos prosódicos que aqui abordaremos?

Ritmo: recorrência de algo com intervalos regulares; na fala, é formado basicamente pela concatenação de sílabas que possuem uma duração e uma intensidade; logo, é a expectativa de uma repetição;

Tom: altura determinada pela tensão das cordas vocais;

Tessitura: espaço compreendido entre o tom maior e o tom menor da fala de uma pessoa; a variação de tessitura, juntamente com o tom, tem valor discursivo;

Acento: característica supra-segmental que se dá em cima da sílaba; o escopo do acento é o enunciado e não a palavra, pela própria natureza da língua;

Intensidade e duração são fenômenos que se manifestam tanto nas vogais quanto nas consoantes; tratarei como unidade de duração a HORA; como a MORA é mais utilizada nas descrições de língua de ritmo silábico, utilizarei para marcar a duração dos segmentos no nosso trabalho : (dois pontos), indicando duração longa e . (um ponto) para a duração média.

Qualidade de voz: conjunto de propriedades caracterizadoras da fala, com propriedades anatômicas, de fonação, posturas articulatorias, etc.

Todos esses traços foram apresentados segundo os conceitos de Ladefoged.

Além dos traços supra-segmentais, há também as propriedades dinâmicas da voz que por sua vez também constituem escopo deste trabalho. Como propriedades dinâmicas da voz, abordaremos o volume, o tempo, a continuidade; o ritmo e a tessitura que acabamos de apresentar; a variação melódica.

Volume: variação de intensidade acústica que faz com que um som seja mais forte ou mais fraco; nesse trabalho, marcarei a variação do volume de voz com os símbolos: < para volume de voz maior e > para volume de voz menor, da mesma maneira como se faz na música.

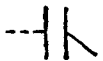
Tempo: velocidade de fala, ou seja, quando se tem uma fala rápida, vagarosa, etc. A velocidade de fala é marcada aqui com:

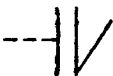
||||||| = quando for devagar;

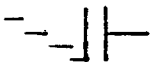
..... = para uma velocidade acelerada;


———— = para uma velocidade mais rápida.

Ao se estudar a entoação dos enunciados, utiliza-se o modelo de transcrição de tons utilizado por CAGLIARI (1981). Apresentar-se-ão alguns desses tons empregados e à medida que se for mergulhando nas análises outros aparecerão:

TOM 1  pretônica: média nivelada
tônica: descendente média-baixa.
// 1 [^] Cho/rão e Be/reco es/tão pes/cando //

TOM 2  pretônica: média nivelada
tônica: ascendente baixa-alta.
// 2 [^] Cho/rão e Be/reco / foram pes/car //

TOM 3  pretônica: descendente média-baixa
tônica: média nivelada por salto
valor: desinteresse, dúvida.
// 3 Pode / ser //

TOM 4  pretônica: descendente alta, meio-alta
tônica: descendente-ascendente médio-alta.
valor: surpresa.
// 4 Houve apreen/são de / redes //

TOM ... 1



pretônica? descendente por saltos ou nivelada meio-baixa ou baixa. Toda sílaba tônica apresenta um pequeno contorno ascendente.
 tônica: descendente meio-baixa, baixa
 valor: enumeração de itens.

// ... 1 é o tucuna/ré e e o ara/cú e o curima/tá e o mapa/rá//

Tratar-se-á então de ver como os fenômenos relativos ao nível supra-segmental da linguagem estão relacionados com os constituintes do discurso, já que acredito que os fenômenos prosódicos detectados são dotados de significação.

E são exatamente os diferentes efeitos de sentido dados por sua atuação na fala que aqui exporemos, assim como sua realização fonética.

Como agora não se trata mais de segmentos dos quais poderíamos dispor apenas de itens lexicais para explicar nossa análise, anexamos no final trechos dos textos orais que compõem o nosso corpus e onde podemos constatar o contexto de ocorrência dos fenômenos supra-segmentais tratados aqui. São textos transcritos apenas ortograficamente, em que se evidencia o discurso oral, seguindo-se a escrita padrão, porém considera-se a produção real de fala, além de algumas marcas prosódicas. Nesse trabalho, tomei como modelo a transcrição de textos orais da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986).

4.1 Volume de Voz

" Não vale a pena arrebentar a garganta, já compreendemos !" ¹

O Volume é uma das propriedades dinâmicas da voz e se caracteriza por uma variação de intensidade acústica que nos faz perceber um som como mais forte ou mais fraco.

Normalmente, essa propriedade da voz é percebida com maior nitidez durante uma briga ou qualquer tipo de incidente, pois essas são as situações mais típicas em que se lança mão desta propriedade da voz para se ofender o oponente e assim, passarmos ao interlocutor não só a mensagem agressiva que se quer, como também expressar o sentimento de raiva do momento.

Ao se analisar os dados coletados da fala dos pescadores de Cametá, constatou-se que os mesmos utilizam o volume de voz como um recurso discursivo bem forte. Observando os exemplos abaixo verificar-se-á como eles o fazem:

(1) _____
 < >
 o povo de Cametá está disposto a entregar as redes desde que _____
 _____ < > < >
 Ibama ou o governo federal ou a Eletronorte que é causadora deste

 grande problema. anexo 3.

1 Dostoievski, 1906, apud BAKHTIN, 1988:133.

(2) _____

 R: que nunca foi pescador?

 < _____ >
 G: que nunca foi

 C: _____ pescador anexo 4.

(3) _____

 G: seu Vicente Marques não tem o puçá/ como eu disse nessa reunião

 passada ^ Vicente Marques nunca pescou de puçá e eu acredito,

 < _____ >
 agora mandou pescar porque ^ ele não diz que não porque o puçá/ o

 filho dele tem puçá preso lá em Portel

 C: já foram presos dois

 < _____ >
 G: então ninguém pescou ^ quer dizer então o único que não tem são

 esses dois que eu vejo. anexo 5.

(4) _____

 ele não é porque acontece o seguinte é demais meu amigo é um

 < _____ > < _____ >
 sujeito muito direito ^ muito direito ^ eu posso lhe garantir

 < _____ >
 posso lhe afirmar ^ que o Daniel é um camarada muito direito

 ,
 mas acontece o seguinte aqui tá tendo uma falha. anexo 11.

(5) _____

 V.M: agora ^ escute ^ porque ^ a reunião a reunião de Abaeté-é o

seguinte, os pescadores de lá vão pescar com a rede, mas

todos eles vão assinar um compromisso sobre o tamanho do

peixe, então, o senhor tá ouvindo aqui, eu vou assinar aqui,

agora o senhor tem que assinar por exemplo quando o senhor,

sair pra pescar o senhor assina naquele cartório de lá pra mim,

pra mim ter um dia um comprovante que o senhor tá me

desobedecendo, tá certo?

G: culpado é tu e não ele

V.M: é é não eu não

G: então é o que eu digo culpado é ele o predador e não tu. anexo 14.

(6)

vendo o que a gente deve mexer, porque olhe eu quero eu quero,

que mexa com o serviço da rede, eu quero que mexa com o tamanho

do peixe, que já está em legislação, eu quero que mexa com o caso

da Eletronorte prejudicando a pesca daqui debaixo, então, eu

quero que mexa com o pescador, e quero que traga a fiscalização,

esse é o meu ponto de vista, agora eu não sei o ponto de vista

dos outros. anexo 15.

(7)

V.M: não ^ olhe ^ e qualé o lugar ? ^ me diga qualé o poço de

 procriação que nós temos aqui em Cametá ? qualé ? ou

 Mocajuba ? ou em Baião ? aonde é ?

G: se você se refer eu vou lhe dizer ?

V.M: me diga !

G: nós temos procriação até dentro dos igarapés

V.M: mas... anexo 16.

(8)

agora eu num/ eu lhe digo o seguinte eu pra mim pra mim eu não

 acho viável eu acho a proibição e no meu modo de ver no meu ponto

 de vista . anexo 20.

(9)

V.M: que tem vezes que a gente encontra os cardumes de peixe que vem

 assim torcendo né ? a gente mete a cuia assim ^ vem cheia

 daquele peixinho assim ^ é vem assim parece um microbiozinho na

 água

V: todo tempo ?

< >
 V.M: todo tempo \wedge então \wedge eu acredito que \wedge na minha/ a minha sugestão
 a pesca não viria fechar \wedge fechava era a proibição todo tempo em
 cima \wedge quem matasse deveria ser punido

V: mapará miúdo

< >
 V.M: miúdo sim \wedge é porque olha já passou todo o peixe. anexo 21.

(10)

M: mas quando não tem possibilidade/ que tem pena é uma pena exes
 peix/ esses pescadores de malhade/ de puçar o pingo de mapará
 miudito que eles estragaram grande quantidade quédi \wedge o meu
 < >
 marido fica muito brabo nem fale \wedge na nossa rede não passa desse
 mapará e nem nós compra e nem nós/ só se derem \wedge porque o que
 então a senhora acredita que a gente vai comer desse tamanho ?

R: não

M: e será que não tenha um \wedge uma pessoa \wedge pra botar uma lei dessa
 qualidade ? não, é muita coisa \wedge nós a bão a penar

R: certo

M: nem fale até que dá até pena \wedge dá pena \wedge eu sei que eu fico muito
 < >
 reinando nem fale quando eu vejo \wedge olhe o mercado tá cheio de

mapará que mete dó. anexo 24.

Antes de expormos a descrição feita do fenômeno, faz-se necessário (e isto será uma exigência constante no decorrer da nossa abordagem) contextualizar os enunciados acima. (1), (2), (3) e (10) foram retirados de entrevistas individuais feitas com os pescadores, já (4), (5), (6) e (7) são trechos da reunião preparatória que antecedeu o forum de debates das colônias de pescadores do Baixo-Tocantins,— que contou com a participação das colônias de pescadores e dos órgãos oficiais. Constituem exemplos coletados deste forum de debates, os enunciados (8) e (9). Como aqui neste item não será feita nenhuma análise discursiva acurada, é suficiente para a compreensão dos mesmos recorrer às observações feitas no cap.II e / ou aos seus respectivos textos anexados no final deste trabalho.

O volume de voz é transcrito nos enunciados acima com os símbolos < e > que significam, respectivamente, aumento do volume de voz e redução do volume de voz.

Esses enunciados exemplificam quatro tipos distintos de utilização discursiva do volume de voz, compondo uma estratégia cuja especificidade se explica em seguida:

enuniação da palavra 'muito', acreditando que a sua mera utilização não seria capaz de revelar o grau de intensidade da significação por ele pretendida. E com esta intenção que o locutor aumenta o volume de voz nos intensificadores, reforçando o significado desses itens lexicais.

Enquanto nos enunciados anteriormente citados o volume de voz aumenta nas posições preenchidas pelos intensificadores, no enunciado 10.b, a posição segmental onde ocorre o aumento do volume de voz é justamente a do qualificador.

No caso do qualificador - CHEIO (10.b.) - o sentido de intensificação não está marcado, a nível segmental, como nos outros enunciados. O volume de voz funciona aqui como um marcador de intensidade porque, na minha hipótese, o conteúdo semântico de 'cheio', traz em seu bojo uma indicação de quantidade, o que permite que apenas este item lexical e não outro possa funcionar como base para a noção de intensificação expressa pelo volume de voz.

(4.a.) ocorre 3 vezes em (4), sendo que duas dessas vezes está acompanhado de uma duração silábica longa. O exemplo (4) foi retirado da fala de (6), presidente da colônia de pescadores, quando ele comentava o comportamento do presidente que o antecedeu (Daniel), criticando o fato de o mesmo não ter prestado contas de sua administração.-(6) quer lembrar, com o aumento do volume de voz no intensificador - MUITO, que sua crítica é racional e justa, pois

concede que Daniel é seu amigo, mas não pode se omitir, dizendo, logo em seguida, que algo está errado.

Em (10), (M) está criticando o fato de haver pesca predatória na região e também o fato dos pescadores que a praticam ficarem impunes, sem nenhuma reação mais séria por parte dos órgãos oficiais responsáveis pela fiscalização da pesca no Baixo-Tocantins. Ao expor toda a situação e colocar sua opinião, ela enuncia (10.b.) onde exemplifica o alto grau de descaso dos órgãos públicos, já que mesmo no mercado municipal há a comercialização do alevino e em grande quantidade, o que se percebe pela enunciação de CHEIO, com o aumento do volume de voz.

Já em (10.a.), ela coloca a reação de seu marido diante da situação, que não a aceitando, assume uma postura de revolta, ficando 'muito brabo'. Como vimos anteriormente, o aumento do volume de voz ocorre em MUITO como um reforço à noção de intensificação veiculada por este item lexical.

Portanto, pode-se afirmar que no discurso oral dos canoeiros cametaenses a estrutura: intensificador + qualificador pode se igualar a estrutura : qualificador, quando este ocorrer com um volume de voz maior, e possuir uma carga semântica que propicie esta intensificação. Sendo assim, o intensificador passará automaticamente do nível segmental ao supra-segmental.

Logo, podemos observar que o aumento do volume de voz não ocorre aleatoriamente, mas sim com o estabelecimento de determinadas intenções discursivas por parte do locutor, que não só pratica uma ação sobre a linguagem (GERALDI, 1991) quando marca ou reforça com o aumento do volume de voz a noção de intensidade, como ficou demonstrado nos exemplos analisados, mas também pratica ações com a linguagem, quando tenta persuadir seu interlocutor da validade de suas asserções, isto é mostra um valor estratégico atribuído à variação do volume de voz pelo locutor.

Dentro de uma análise mais estilística deste fenômeno, tanto MUITO, quanto CHEIO, enquanto sequências fônicas têm o poder de veicular uma informação conotativa, ou assumir uma função emotiva ou expressiva, a partir da qual nasce uma informação suplementar com relação ao seu aspecto denotado. Da mesma maneira, os infixos intensivos como -INHO, -AO e -ISSIMO não só denotam o grau ao nível do significado, como também ao nível do significante (MALHEIROS-POULET, 1984), já que há um valor de intensificação no nível da expressividade do som no discurso.

E é essa mesma expressividade dos sons da língua que nos permite perceber uma correspondência direta entre a variação do volume de voz e a intenção de intensificação; esta mesma relação estreita entre o esforço da tensão articulatória e a vontade de intensificar foi anunciada por MALHEIROS-POULET (1984) ao estudar as expressões de intensidade no português do Brasil. A autora, no entanto, não apresenta evidências dessa relação:

Il semble cependant qu'il existe un rapport étroit entre l'effort de tension articulatoire et la volonté d'intensification.

No entanto, a hipótese da autora parece se comprovar com as análises feitas da fala dos pescadores que demonstram que o resultado das variações de altura constatado nas unidades fônicas tem a função de intensificar o grau tanto ao nível significantē quanto ao nível significado, ou melhor mostra um valor estratégico do trabalho linguístico no evento da enunciação.

4.1.2 mapeamento discursivo da argumentação

Para este tipo de utilização discursiva do volume de voz, tomamos como exemplo (1) e (3), onde se constata a variação deste elemento supra-segmental nos trechos abaixo:

(1.a) _____
 < >
 puvudʒikame'ta

(1.b) _____
 < > <
 oʒaɛlɛtrɔnɔxtʃikiɛkaʒadora

(3.a) _____
 <
 seʒvisɛtʃimaxkiʃnãʒtɛiʒpu'sa

(3.b) _____
 <
 aɒramʒdu:pɛʃkaxpɔx'ke

(3.c) _____
 <
 Itãõĩgẽpejku:

Percebe-se que há uma proeminência nos textos citados acima (1) e (3) dos trechos enumerados: (1.a), (1.b), (3.a), (3.b) e (3.c), já que eles são de certa maneira colocados em evidência. Esta colocação em evidência de um signo permite dar uma informação suplementar como meio de uma hierarquização dos elementos da informação. Vejamos, então, como isto se apresenta.

Acompanhando cada um dos respectivos textos com uma leitura cuidadosa, notar-se-á que em (1) os três elementos destacados pelo aumento do volume de voz: POVO, ELETRONORTE e CAUSADORA, formam uma tríade, enquanto um conjunto interrelacionado discursivamente. Segundo o discurso de (6), há um conflito entre os pescadores de Cametá e os órgãos oficiais, surgido em decorrência da exigência do governo federal, através do Ibama, em fazer com que os pescadores troquem as redes utilizadas atualmente na pesca por redes que estejam de acordo com a lei federal. O grande problema, segundo (6), reside no fato de o governo ter alterado a lei sem ter consultado previamente os pescadores, numa tentativa de esconder as verdadeiras causas do problema da pesca no Baixo-Tocantins. Para (6), criando uma lei que reduzisse o tamanho da malha, o governo desviaria a atenção dos pescadores do verdadeiro problema: o fato de não se buscarem soluções para trazer o peixe de volta ao Baixo-Tocantins, uma vez que ele desapareceu depois do funcionamento da hidrelétrica de Tucuruí, empresa de responsabilidade do governo federal.

Diante da rebeldia dos pescadores em continuarem a pescar com as redes, o governo federal resolveu reuni-los de maneira a convencê-los sobre a importância da troca do material. E sobre este encontro com os representantes do governo que (G) está falando em (1). Ele coloca como provavelmente dar-se-á este encontro e quais são as exigências feitas pelos pescadores para que essa troca se realize, além de quem serão os representantes de cada lado.

Logo após enumerar quem participaria da reunião, (G) coloca a posição que tomarão os pescadores diante dos representantes do governo. E eis que ao introduzir quais devem ser as atitudes esperadas por ambas as partes - Governo e pescadores - ele o faz aumentando o volume de voz em seus agentes. Os pescadores são substituídos por (1.a), em que 'povo' é a coletividade, a grande maioria prejudicada; (G) afirma que eles não se opõem a cooperar, porém há uma exigência a ser cumprida por parte do governo. Vê-se bem que ele introduz o trecho referente a esta parte com uma enumeração que inicia com o menos envolvido com a situação e vai até o mais comprometido: Ibama (órgão apenas fiscalizador), governo federal (órgão máximo, responsável pela administração e concepção de projetos), Eletronorte (órgão que executou o projeto de construção da Hidrelétrica de Tucuruí), sendo portanto a Eletronorte responsável direta por todos os danos causados à pesca no Baixo-Tocantins. Ela é destacada de todo o enunciado com uma variação de volume de voz.

Será com a enunciação de 'CAUSADORA' que a tríade de elementos fundamentais que concentram toda a informação do texto se completa, já que ela evidencia a relação existente entre os pescadores (POVO) e o governo (ELETRONORTE), sendo esta a responsável pela escassez de peixe de grande porte no Baixo-Tocantins com a execução da obra de Tucuruí, e, conseqüentemente, quem prejudicou os pescadores.

Portanto, a variação de volume de voz serve neste caso para evidenciar os dois grandes opositores do enunciado: PUVU vs ELETRONORTE, e a relação que existe entre os dois: os prejuízos ecológico e econômico causados pela Eletronorte. Com isso, o locutor reforça os elementos do discurso mais importantes através do aumento do volume de voz nestes mesmos elementos, o que impõe um quadro de resposta da audiência. Fica clara a direção que o locutor dá a seu enunciado, pela sua enunciação.

Um outro processo de realce dos elementos importantes numa cadeia discursiva acontece em (3), em que três partes se sobressaem das demais com um grande volume de voz: 'não tem o puçá' (3.a), 'porque' (3.b), e 'então ninguém pescou' (3.c).

O trecho (3) trata de uma entrevista feita com (C), onde (G), presidente da colônia de pescadores, estava presente. Ao discutirmos como era feito o emprego do uso do puçá e quem o praticava, (G) se posicionou, colocando que quase todos os pescadores foram obrigados a se utilizar do puçá, mesmo aqueles pescadores contrários e conscientes dos danos trazidos pelo puçá à pesca, restando só alguns

poucos heróis que resistiram à pesca com puçá, entre eles o próprio (C), com quem fazíamos a entrevista no momento.

O fato interessante verificado em (3) foi a inclusão, por parte de (B), de um dos grandes pescadores da região entre aqueles que praticavam a pesca predatória, numa atitude bastante hipócrita, segundo (G), de não pescar pessoalmente, mas permitindo que parentes e empregados seus o fizessem. Ao apresentar o fato, (G) destaca as três partes supracitadas. O realce destas partes é feito com um aumento do volume de voz e esta variação não é aleatória, ela se dá exatamente em pontos cruciais de sua argumentação.

Em 3.a., o aumento do volume de voz ocorre com o objetivo de destacar a significação do enunciado mesmo sobre qual o locutor faz incidir tal aumento, ou seja, com o objetivo de reforçar o sentido de que o pescador de quem (G) fala não tem mesmo o puçá. Além disso, podemos dizer que o aumento do volume de voz também ocorre como objetivo de reforçar um ato passado de fala de (G) ('como eu disse nessa reunião 'passada)'), expresso posteriormente ao enunciado destacado pelo volume de voz.

Em 3.b., não se pode dizer que o aumento do volume de voz ocorre com objetivo de destacar a significação do enunciado sobre qual o locutor faz incidir tal aumento, principalmente porque o elemento destacado se constitui em um operador argumentativo, 'porque', que estabelece uma relação de explicação entre o enunciado anterior à ele ('mandou pescar') e o enunciado posterior ('o filho

dele tem puçá preso lá em Portel'). Pode-se concluir, portanto, que neste exemplo, a função discursiva do aumento do volume de voz é dupla: destacar o elemento sobre o qual incide tal aumento, já que destaca a relação de explicação por ele expressa, e chamar atenção para a significação expressa pelos enunciados relacionados pelo elemento destacado.

O valor argumentativo desse elemento prosódico, neste exemplo especificamente, é o, de apresentar um posicionamento crítico por parte de (G) com relação à postura do pescador sobre o qual ele fala, ou seja, o pescador na verdade não tem o puçá, mas como um puçá de seu filho foi preso, (G) apresenta este conteúdo como uma prova para a inclusão deste pescador no conjunto daqueles que praticam a pesca predatória.

Em 3.c., o aumento do volume de voz ocorre sobre o enunciado 'então ninguém pescou'. O uso deste elemento prosódico por parte do locutor só parece possível de ser explicado pela necessidade que tem o locutor de reforçar o seu posicionamento com relação ao pescador de quem fala. Se retomarmos a entrevista e ouvirmos a fita, poderemos perceber claramente que o 'ninguém' refere-se ainda ao pai e ao filho que cultivam a pesca predatória, não só pelo aumento do volume de voz, como também por um certo tom de ironia presente na voz de (G). Nesse sentido, o aumento do volume de voz destaca o conteúdo do enunciado sobre o qual tal aumento incide. Na verdade, (G) ao aumentar o volume da sua voz neste enunciado, quer colocar em destaque, pela ironia, a postura do pescador de quem ele fala, nessa

fala incorporando, pela negativa 'ninguém', a fala daquele outro que é ironizado.

Sendo assim, o aumento do volume de voz pode funcionar discursivamente de duas maneiras: ou esse elemento prosódico destaca o conteúdo do enunciado ou item lexical sobre o qual incide, ou destaca a relação estabelecida entre os enunciados anterior e posterior ao item lexical sobre o qual incide o aumento do volume de voz.

Neste momento, percebe-se claramente a função básica dos elementos prosódicos que, na linguagem oral, realçam ou reduzem certas partes do discurso, de maneira a formar um mapeamento no discurso que apresente ao interlocutor os elementos que ele deve valorizar e os outros que ele deve tratar com menos importância (CAGLIARI, 1981).

4.1.3 explicitação da primeira pessoa do singular

BAKHTIN (1988), ao tratar a questão da significação na linguagem humana, coloca que só se define um sentido único, uma única significação, a partir da enunciação como um todo, e que a enunciação compreende não somente formas linguísticas, como as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações, mas também os elementos não verbais da situação que contribuem para a unidade temática da enunciação.

Logo, para Bakhtin, a compreensão do sentido dado a qualquer enunciado está na interação entre locutores, tornando-se assim a significação efeito da "interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro". Mais adiante em seu texto, o autor apresenta um exemplo bastante ilustrativo de como uma única palavra pode atingir seis significações diferentes pela mudança de entoação feita por cada um dos personagens de uma história relatada por Dostoievski (1906, apud Bakhtin, 1988), e que Bakhtin denominou de entoação expressiva.

Da leitura feita deste trecho do cap. 7 de Bakhtin (idem), dois pontos fundamentais nos interessam bastante:

- 1 . a concepção de linguagem enquanto forma de interação;
- 2 . a significação carregada pelos elementos supra-segmentais.

Ao se considerar a linguagem como forma de interação, estamos automaticamente levando em conta as relações existentes entre a língua, seus usuários e os contextos de uso. Transformada em um espaço vivo e atuante e não mais considerada como um depósito inerte ou uma mera expressão do pensamento, a linguagem exige que a estudemos com uma cosmovisão holística e não cartesiana.

Quando se é capaz de perceber as significações que brotam na enunciação em decorrência da exigência dos diferentes contextos e da manipulação ativa dos elementos prosódicos na linguagem por parte dos sujeitos locutores, deve-se estar de acordo que o sentido de um

item lexical ou enunciado não está nele em si e no nível segmental ao qual pertence, mas também e fundamentalmente os sentidos se encontram e são redefinidos no nível supra-segmental. Lembremo-nos do que acontece com 'cheio' em 4.1.1.

E é exatamente nesta inter-relação entre os usuários de uma língua, constituídos em sujeitos do discurso, expressa através dos sentidos oriundos da combinação de elementos supra-segmentais que nos deteremos neste e no próximo ponto (4.1.4).

Com esse intuito utilizar-se-ão os exemplos (5), (6) e (8) dos quais destacaremos os seguintes trechos:

(5.a) _____
 < _____
 εῶνοσινaxaki

(5.b) _____
 < _____
 nãõεonãõ

(6.a) _____
 < _____
 εαkερω

(6.b) _____
 < _____
 εσλεμεορβτadzi}ta

(8.a) _____
 < _____
 nomeορβτadzi}ta

Estes enunciados possuem dois pontos em comum. Primeiramente, o aumento do volume de voz incide sobre os enunciados em primeira pessoa do singular. Em segundo lugar, apesar de terem sido produzidos em contextos diferenciados, o aumento do volume de voz desempenha uma mesma função discursiva em todos os enunciados.

Nos trechos (5), (6) e (8), o aumento do volume de voz incide sobre os enunciados em primeira pessoa. Nesses trechos, esse elemento prosódico parece funcionar como um reforço à marcação de subjetividade expressa pelo 'eu'. Parece que o sujeito locutor não se contenta com a significação expressa pelo item lexical 'eu', que segundo BENVENISTE (1988) significa "a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém EU", e recorre ao nível supra-segmental, aumentando o volume de voz, para reforçar a presença da sua subjetividade no discurso. É que, nesse nível, o locutor não é apenas uma pessoa que se referencia como "eu", "aquele que toma a palavra, mas alguém que se define e posiciona-se discursivamente. De modo especial, é um sujeito-locutor-como-pessoa-no-mundo, indicando ao outro seu papel político.

Além de destacar aquele que fala, o aumento do volume de voz destaca também o conteúdo do enunciado que contém 'eu'. Logo, o volume de voz é portador de uma informação semântica e sua presença no ato da enunciação configura ainda mais o caráter subjetivo marcado pelo EU do enunciado, além de reforçar a autoridade discursiva desse mesmo EU que expressa um certo poder de superioridade com relação a seus interlocutores: não é casualmente

que a variação do volume de voz encontrada nas frases acima (5.a, 5.b, 6.a, 6.b e 8.a) tinha como locutores o presidente da colônia de pescadores (G) e um pescador de grande porte ou um patrão de pesca V.M..

4.1.4 incorporação da fala do outro

Aqui, muito mais que nos pontos anteriores, o aspecto interativo da linguagem se faz nitidamente presente, uma vez que, ao contrário dos enunciados analisados anteriormente, há aqui um interlocutor que se manifesta verbalmente e se faz muito mais notar, participando da troca de turnos na conversação. Antes de continuar-se na exposição da análise propriamente dita, seria muito mais interessante se voltar para os exemplos ilustrativos escolhidos para este ponto: (2) e (9).

Recorrendo aos seus contextos, percebe-se que (2) foi extraído de uma entrevista. (R), a pesquisadora, entrevistava (C) sobre as causas do desaparecimento do peixe e a posição dos pescadores frente à situação de pesca predatória. (G) que também participava da entrevista, coloca, como presidente da colônia e conhecedor profundo da situação, que poucos são os pescadores a colaborar na fiscalização da pesca e a respeitar as fases de reprodução do peixe, afirmando que uma das causas desse comodismo decorre também de a colônia de pescadores nem sempre ter sido um órgão atuante de congregação dos pescadores para discutirem e resolverem seus

problemas, tanto que muitos dos membros da colônia não são ativos, pois apenas se sindicalizaram para poder ter direitos trabalhistas e que nunca exerceram a profissão de pescador: " que nunca pegou como diz o seguinte nem o caniço " (anexo 4).

Já (9), por sua vez, foi extraído da reunião com os pescadores e os órgãos oficiais. V.M., um grande pescador da região, foi convidado a colocar sua opinião sobre qual período seria mais propício para o fechamento da pesca e a responder qual seria a época da piracema. V.M. expõe que um fechamento da pesca em função da piracema é inviável, uma vez que sempre há alevino nas águas do rio Tocantins, não havendo concentração em nenhum lugar em especial e muito menos numa época do ano em particular. Logo, para V.M., o mais correto seria uma punição severa a quem praticasse a pesca desse alevino e não apenas a instituição de um intervalo de pesca.

Agora que se tem mais claramente a situação de ocorrência de (2) e (9), prosseguir-se-á na análise.

O que me chamou atenção nesses dois exemplos foram as intervenções feitas, por parte de dois interlocutores, em dois momentos diferentes, nas falas de quem estava com a palavra e a reação e o comportamento do locutor diante das intervenções de seus interlocutores.

A reação do locutor é a de não aceitação dessas intervenções em sua fala, o que faz com que ele incorpore a fala do outro ao seu

discurso, repetindo-a literalmente. Observemos de que maneira acontece essa incorporação. Ela se dá nos recortes feitos em (2) e (9).

(2')/.../

R: que nunca foi pescador ?

G: QUE NUNCA FOI

C: pescador /.../

(9')/.../

V: todo tempo ?

V.M: TODO TEMPO /.../

(9'')/.../

V: mapará miúdo

V.M: MIUDO SIM /.../

Segundo BAKHTIN (idem, p.146), " numa situação real de discurso, quando respondemos a um interlocutor, habitualmente não retomamos no nosso discurso as próprias palavras que ele pronunciou. Só o fazemos em casos excepcionais: para afirmar que compreendemos corretamente, para apanhar o interlocutor com suas próprias palavras, etc."

¶ Nos nossos exemplos, há uma retomada literal, por parte do locutor, das palavras enunciadas pelo outro, que, para Bakhtin, é algo fora do comum. No entanto, entendo que essa retomada não é feita com o intuito de afirmar que (G) e (C) em (2') ou V.M. em (9') e (9'') compreenderam perfeitamente o que disse (R) em (2') ou (V) em (9') e (9'') nem para apanhar (R) ou (V) com suas próprias palavras. Por que, então, a enunciação do outro é retomada literalmente pelo locutor? É possível que encontremos a resposta através de uma análise dos aspectos supra-segmentais da enunciação.

Em (2.a), (9.a) e (9.b) podemos observar como se deu essa incorporação.

(2.a) _____

< _____
 G: kenukafu

C: _____
 pε)ka'du

(9.a) _____
 < _____
 tudutēpō

(9.b) _____
 < _____
 miudōsĩ

O traço supra-segmental que se destaca no momento da enunciação de (2.a), (9.a) e (9.b) é o aumento do volume de voz realizado pelo locutor justamente sobre esses enunciados. Todos eles, (2.a), (9.a) e (9.b) se constituem em repetições literais dos enunciados do outro, cujo objetivo, como afirma BAKHTIN (idem), é o de confirmar o enunciado anterior. Mas essa confirmação não é expressa pelo aumento do volume de voz, que parece ter uma outra função, como tentarei demonstrar.

Como a intervenção por parte dos interlocutores se dá como um corte brusco na fala do locutor, o aumento do volume de voz parece ter uma dupla função:

1. - de configuração da fala do outro como uma interferência não autorizada pelo locutor;
2. - de apropriação da fala do outro com o objetivo de descaracterizá-la como do outro e caracterizá-la como sendo de quem a repete.

Isso ocorre porque o aumento do volume de voz incide justamente sobre os enunciados proferidos pelo outro. Os locutores desses textos, ao aumentarem o volume de voz sobre a repetição que eles fazem da fala do outro, tentam "apagar" a autoria dos enunciados e se apropriar dessas falas, transformando-as em falas pertencentes ao seu próprio discurso. E como se pretendessem dizer: "Quem está dizendo isso sou eu e não você", numa tentativa de apreensão total da autoria do discurso oral.

Os interlocutores, ao intervirem nas falas dos locutores, demonstram estar tentando acompanhar a argumentação destes, acrescentando informações novas que servem de complementação para aquilo que já foi enunciado pelo locutor. Vejamos, por exemplo, que no trecho 9, (V) faz sua primeira intervenção em forma de pergunta: 'todo tempo?', tentando exatamente colaborar com a precisão da descrição feita por V.M. sobre a presença constante de alevinos no rio Tocantins; V.M. explicita durante o seu discurso a localização dos cardumes, ou seja onde eles podem ser encontrados, a quantidade de alevinos no rio, mas o período exato da presença do alevino no Tocantins só é dito por V.M. depois da pergunta de (V).

Entretanto, os locutores não entendem essa atitude como uma tentativa de cooperação por parte dos interlocutores, mas como uma invasão do seu espaço discursivo. Em reação, os locutores retomam literalmente o enunciado dos interlocutores e sobre eles incidem um aumento do volume de voz.

Nesse sentido, podemos concordar com CAGLIARI (1981) que afirma que os elementos prosódicos "não são simples enfeites fonéticos da linguagem oral, mas uma das maneiras que a linguagem tem de carrear significados".

Apesar de ter sido utilizado em diferentes contextos e de incidir sobre diferentes partes do discurso com o objetivo de estabelecer diferentes orientações argumentativas, de um modo geral, podemos observar que o aumento do volume de voz demonstrou que sua principal função discursiva é a de destacar os conteúdos referenciais sobre os quais ele incide. Além disso, a utilização do aumento do volume de voz também pode funcionar como uma demonstração de força por parte do locutor que o utiliza, no caso específico da incorporação da fala do outro, exemplificando como o poder da linguagem se manifesta.

4.2 Velocidade de Fala

Quatro são os estilos de pronúncia: largo, andante, allegretto e presto, identificados por Harris (1969) em seu estudo sobre a fonologia do espanhol, e que os definiu da seguinte maneira.

Largo: é o estilo de pronúncia muito lento, o mesmo do staccato. Sua utilização é dada quando o falante tem uma deliberada e excessiva intenção de precisar uma informação. É muito utilizado, por exemplo, em correções de um mal entendido, durante uma conversação telefônica ruim.

Andante: pode-se dizer que é um estilo de fala cuidadoso, moderadamente devagar, mas natural, típico das situações de leitura oral, de professor em sala de aula.

Allegretto: este por sua vez é moderadamente devagar, mas casual, coloquial, característico de falas espontâneas, ocorrendo, muitas vezes, alternado com o andante, já que é típico das situações normais de discurso e conversação.

Presto: em situações muito mais relaxadas e descontraídas se utiliza esse estilo, uma vez que ele é muito rápido e conhecido por ser completamente descuidado.

Harris se utilizou desses quatro estilos de pronúncia para mostrar como se dá a ocorrência dos segmentos fonológicos da língua espanhola na fala, descrevendo cada estilo através de conjuntos de regras fonológicas. Neste trabalho, estes estilos serão utilizados com um outro objetivo.

A esses estilos de pronúncia estão ligadas automaticamente velocidades de fala diferentes: dependendo do estilo preferido pelo locutor, ter-se-á uma velocidade mais rápida ou menos lenta. Esse movimento de passagem de um estilo de fala a outro é determinado por vários fatores, entre os quais se destaca a intencionalidade, que associada às necessidades dialógicas do locutor determinarão também sua velocidade de fala.

Constatou-se na variedade cametaense a ocorrência de estilos diferentes de velocidade de fala com fins discursivos precisos. Tratar-se-á aqui apenas das conclusões tiradas com relação a uma velocidade rápida da fala, utilizada estrategicamente pelos pescadores de Cametá. A base desta apresentação é o conjunto dos exemplos abaixo:

(11)
 agora [^]a casa que eu tô falando é pro filho do pescador pra

 evitar que haja um maior número de analfabetismo. (anexo 1).

(12) /.../ acontece o seguinte que o pescador desde que ele seja o

 pescador o profissional tão pouco que ele conhece a profissão /
 então, nós temos uma defesa pra este maparazinho. (anexo 6).

A marcação da velocidade de fala aparece acima dos enunciados. Como já foi colocado na parte introdutória deste capítulo, transcrever-se-á a variação de velocidade de fala como:

..... = quando for uma velocidade acelerada;

———— = para uma velocidade mais rápida.

A ausência de qualquer diacrítico para a marcação de velocidade de fala indica velocidade normal, moderada do tipo andante ou *allegretto*.

Conhecendo um pouco mais de perto as situações discursivas em que os sujeitos de cada um dos textos acima citados lançaram mão deste elemento supra-segmental, compreender-se-á como ele é transformado num recurso discursivo.

Em (11) tem-se um locutor, S.B., cujo discurso tem uma argumentação direcionada para a eliminação do alto grau de analfabetismo entre os pescadores, analfabetismo este responsável pelo pouco esclarecimento dos pescadores com relação aos seus direitos e deveres e também consequência da falta de programas de financiamentos de habitação para os pescadores.

Segundo S.B., estas duas questões estão intimamente ligadas e a resolução de uma acarreta automaticamente a solução da outra, pois para S.B. o pescador possuindo uma casa própria em um centro urbano com uma maior infraestrutura como Belém ou Cametá, seus filhos poderiam estudar com mais facilidade.

(11) é exatamente o enunciado conclusivo de toda sua argumentação, constituído de trechos com uma velocidade acelerada e de outro com uma velocidade mais rápida. Logo, S.B. fecha sua fala com um enunciado que expressa o argumento mais forte ('evitar um maior número de analfabetismo') e ele o faz com uma velocidade rápida de fala. Podemos atribuir essa aceleração da velocidade de fala à tentativa, por parte do locutor, de não ser responsabilizado pelo que diz, apesar de ter que fazê-lo. O locutor aqui tenta se distanciar de seu próprio enunciado, temendo talvez a repercussão que este possa ter junto ao seu interlocutor.

Passando agora para (12), a aceleração da fala se dá em: 'tão pouco que ele conhece a profissão'. É interessante observar que a proposição posterior é introduzida por um 'então': 'então, nós temos uma defesa pra este maparazinho'. Segundo KOCH (1987):

" um enunciado composto é condicional, quando se combinam duas proposições, a primeira, introduzida por se e a segunda por então, que pode vir implícito. No enunciado condicional (também chamado de hipotético, implicativo, ou ainda, implicação material) o termo introduzido por se denomina-se antecedente e o outro, consequente".

Percebemos que o locutor utiliza a expressão 'tão pouco' com o sentido de 'se' ou 'por pouco que' (ele conheça), já que o termo antecedente ('se o pescador conhece a sua profissão') implica o seu consequente ('então, nós temos uma defesa pra este maparazinho').

Se o locutor aumenta a velocidade da fala justamente sobre o termo antecedente, que se constitui na condição suficiente para a afirmação da verdade do termo conseqüente, então, pode-se deduzir que o aumento da velocidade de fala funciona aqui como um recurso discursivo que permite ao locutor um distanciamento com relação ao seu próprio enunciado:

(12').....

tão pouco que ele conhece a profissão

τῶν ὀλίγων ὅτι οὐκ ἐπίσταται τὴν ἐπαγγελματικὴν ἐργασίαν

O aumento da velocidade de fala também ocorre em (13). Contextualizando esta ocorrência, o locutor, (F), encontrava-se descrevendo a pesca com o puçá. Ao término de sua fala, seu interlocutor complementa a sua descrição dizendo qual o tipo de peixe é pescado ('miúdo'), informação esta que (F) não revelou em sua fala. Como a informação dada pelo outro é bastante relevante, (F) retoma literalmente a fala de seu interlocutor, mas enunciando este trecho com bastante rapidez.

Entendemos que, ao contrário da função do aumento do volume de voz analisada em 4.1.4., o locutor, ao aumentar a velocidade da fala quando retoma o enunciado do seu interlocutor, não parece estar tentando se apropriar da fala do outro para caracterizá-la como sua, mas sim ao contrário, como no exemplo acima, parece estar tentando se descompromissar com relação àquele enunciado, tal a rapidez com que o enuncia.

Em (14), o aumento da velocidade de fala ocorre quando o enunciado não apresenta mais a mesma força argumentativa. Aqui, o locutor parece não acreditar mais na força argumentativa do seu enunciado, que antes acontecera com a velocidade normal de fala: 'será que não dá para ele dar um quilo de peixe por mês?'

O locutor, no entanto, é bastante questionado por seus interlocutores, que o contestam e dizem sobre a impossibilidade desta doação para a colônia de pesca. Então, o locutor volta à questioná-los: 'mas não dá, mas que ele não pode dar?'. Entretanto, estes dois últimos enunciados são proferidos com uma rápida velocidade de fala, como se o locutor já não acreditasse que pudesse convencer seus interlocutores.

Já em (15), (V.M) persiste em argumentar positivamente com relação à contribuição sindical, mudando agora só o referente: em vez de peixe, é o camarão que é tomado como a moeda mais acessível a todos para o pagamento da mensalidade para a colônia de pesca. Eis porque os instrumentos utilizados na pesca do camarão são citados: a malhadeira, o pari e o matapi.

A velocidade rápida da fala recai exatamente no último tipo de instrumento de pesca enumerado: 'matapi' e sobre a afirmação de que todos os pescadores têm o matapi ('tudo tem matapi'). Em seguida, há uma pausa e (V.M) interroga seus interlocutores quanto ao preço do quilo de camarão, para após a resposta de seus interlocutores continuar sua argumentação.

A velocidade rápida de fala parece funcionar aqui como a finalização de uma etapa de sua argumentação, como se o locutor tivesse pressa em terminar aquela parte da argumentação para logo iniciar outra, como de fato o faz, pelo encadeamento de uma pergunta sobre o preço do camarão, que deve funcionar como um novo argumento na tentativa de convencimento de seus interlocutores.

Em (16), o locutor pratica a ação de advertir seu interlocutor sobre a proibição, por parte da capitania, da pesca predatória dos cardumes de peixes pequenos. Este ato de fala pode ser reconhecido no trecho, 'a lei da capitania não consente, visse deixar boiar, viu?', onde o tom de advertência está expresso pelos verbos 'visse' e 'viu', que marcam o chamamento do interlocutor por parte do locutor.

A velocidade rápida de fala recai sobre o enunciado que vem depois do acima mencionado, mas que continua com a mesma função de advertência: 'nem de maneira, nem malha de capitania não deixa boiar'. Este enunciado funciona como um reforço do primeiro e a função do aumento da velocidade de fala é o de destacar o próprio conteúdo referencial, no caso, a proibição, e o ato de fala em si.

(17) e (18) foram enunciados pelo mesmo locutor e foram extraídos de momentos distintos de seu discurso em defesa da pesca com o puçá (anexo 16). (17) é utilizado como prova viva de que há peixe em abundância no rio Tocantins, uma vez que basta sair para pescar que se pode encontrar, em grande quantidade, o peixe que se

desejar. (D.B) durante a enunciação de (17) não conseguia lembrar-se do nome de um peixe: 'tucunaré'. Ele hesita três vezes até conseguir e ao enunciá-lo, ele o faz como um relâmpago, isto é, utilizando uma velocidade de fala rápida. Esta rapidez ao dizer 'tucunaré' pode revelar a insegurança por parte do interlocutor ao dizer o que diz.

Já em (18), esta velocidade de fala parece ter outra função. Recorrendo ao seu anexo, notar-se-á que nesse trecho do discurso, o locutor, D.B., fala de uma única pessoa em especial dentre as que se constituem como seus interlocutores: 'Neto'. D.B., ao começar a falar de 'Neto', o faz com uma certa hesitação marcada pela desaceleração de sua velocidade de fala: 'esse esse senhor ai...'. Em seguida, aumenta a velocidade de fala quando se refere ao padre como 'fulano de tal Neto'. Aqui, tanto a desaceleração quanto a aceleração da velocidade de fala têm a função de marcar a insegurança do locutor e, conseqüentemente, o seu descompromisso com relação ao seu próprio enunciado.

Como último exemplo tem-se (19), onde a velocidade de fala rápida recai sobre (19'):

(19')
 i: eles tão matando minerá de mapará.
 i: elu tãõ matã domine' rademapa'ra

(19) é a resposta dada por (J) (anexo 25) quando interrogado sobre onde estaria seu vizinho Raimundo, também pescador, porém predador. Veja que (19') é uma acusação muito séria, considerando que comigo havia outras autoridades presentes no momento da

entrevista feita com (J) como por exemplo o presidente da colônia de pescadores. Como é uma acusação, uma denúncia, ele pronuncia (19') bem rapidamente de maneira a não se comprometer com aquilo que enuncia.

De uma maneira geral, os textos em quase toda sua totalidade pertencem ao estilo Presto, conseqüentemente pronunciados com uma velocidade rápida da fala. Os trechos destacados e transcritos com uma velocidade rápida de fala, são na verdade os trechos onde se tem uma velocidade ultra-rápida da fala. Retomando-os, vê-se que logo em seguida à ocorrência da variação de velocidade, acontece uma pausa:

(11')
 pra evitar que haja um maior número de analfabetismo,
 praevitaxkiazaũmaioxnumerodeanaofabetisjmo

(12')
 tão pouco que ele conhece a profissão,
 tãõpu:kõkeli kõrẽsvaprofisãõ

(13')
 só é que é miúdo,
 sõẽkiẽmiudõ

(14')
 mas não dá, mas que ele não pode dar,
 maşnãõdamaşkieũnãõpõdzũdax

(15')
 tem: matapi, tudo tem matapi,
 tẽũ :matapitudõtẽũ matapi

(16')
 nem de maneira nem malha de capitania não deixa,
 nẽĩdzũmaneiraneimaħadzũkapitãriããõdeisã

(17') _____
 ^tucunaré^
 təkona're

(18') _____
 ^fulano de tal Neto^
 fulɔnɔdzɫtaɔŋɛtɔ

(19')
 ^i: eles tão matando minerá de mapará^
 i:ehlɔtãɔmatãdɔminɛrademapara

A fala do locutor alcança uma velocidade tal que uma pausa logo em seguida se faz necessária.

A partir das observações feitas, propõe-se como principais funções discursivas desempenhadas pela variação de velocidade de fala:

1. demonstrar o descompromisso do locutor com relação ao que enuncia devido à possível repercussão que pode tomar o que é dito, como se pode observar nos exemplos (11'), (12'), (13'), (18'), (19');

2. demonstrar a insegurança e a hesitação do locutor com relação ao que enuncia, como podemos verificar em (17) e (18);

3. demonstrar a pressa por parte do locutor em terminar uma parte da argumentação e iniciar outra, como se pode observar no exemplo (15');

4. demonstrar a perda da força argumentativa do enunciado proferido pelo locutor, como podemos observar em (14');

5. demonstrar o destaque dado pelo locutor aos conteúdos referenciais veiculados pelo trecho enunciado mais rapidamente, como podemos verificar no exemplo (16').

Em todo caso, os fenômenos tratados em 4.1, o aumento do volume de voz e 4.2, a velocidade de fala, são de âmbito geral do português e não só inerentes à variedade cametaense, uma vez que esses recursos supra-segmentais podem ser utilizados por qualquer falante de português com as mesmas funções discursivas aqui descritas.

Só iremos encontrar fenômenos próprios da variedade cametaense nos itens que se seguem.

4.3 O Deslocamento do Acento Tônico

O deslocamento do acento tônico é eleito entre todos os outros como o fenômeno de maior complexidade, cuja abordagem exigiu uma reflexão profunda exatamente por se tratar de um fenômeno de ocorrência singular. Vejamos, portanto, em que consiste tal complexidade.

Quando se entrou em contato com a variedade linguística cametaense, um tipo de acentuação, ou melhor de desacentuação, me chamou atenção: uma mudança do acento tônico de palavras proparoxítonas para a direita. Ela ocorria mais precisamente na conjugação de verbos na forma da primeira pessoa do plural do futuro do pretérito:

ex: [kã́tarʌ́ʒmɔʃ] 'cantaríamos'.

Estes exemplos foram captados durante uma celebração litúrgica comunitária, em uma situação de leitura da Bíblia. Mais tarde, deparei-me com um outro tipo de deslocamento de tonicidade feito em verbos, porém na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e no sentido contrário - da direita para a esquerda:

ex: 1. [ˈmã́tʃʌ] 'mantém' anexo 18. =

Outros exemplos de deslocamento de acento em nomes foram colhidos durante as entrevistas e mesmo entre os dados coletados através de leitura:

exs: 2.	[p̃ʒ' tʒnɔ]	'pântano'	anexo 2.
3.	[fẽno'mẽnɔ]	'fenômeno'	anexo 7.
4.	[ĩdʒi'gẽnɐ]	'indígena'	anexo 8.
5.	[dʒia'lagɔ]	'diálogo'	
6.	[peri'odɔ]	'período'	anexo 10.

Esclarecer e definir a noção de acento não é uma tarefa muito fácil, pois mesmo os grandes autores tiveram seus problemas ao fazê-lo. PILCH (1979) ao tentar definir o acento apresenta uma colocação de RIGAUULT (1970:01) expressando toda a complexidade deste fenômeno:

" un phénomène extrêmement fuyant, très difficile a saisir, sinon insaisissable: il est là sans y être, tout en y étant."

O acento é uma característica supra-segmental que ocorre em cima da sílaba. O escopo do acento é o enunciado e não a palavra, pela própria natureza da língua.

Bem, como se faz necessária uma delimitação da noção de sílaba, já que todas as definições de acento fazem alusão a esta categoria, optou-se por utilizar o conceito encontrado em CAGLIARI (1981).

Cagliari apresenta a sílaba a partir do ponto de vista fonético-articulatório e fonético-acústico. Considerando todo o movimento aero-dinâmico, a sílaba seria produzida por movimentos musculares no momento da respiração.

Os músculos responsáveis pelo processo respiratório adaptam-se ao processo da fala, o que implica numa saída de ar dos pulmões em pequenos jatos, formadores do suporte da fala, ou seja, a sílaba, caracterizada pelo autor de "primeiro parâmetro articulatório a ser ativado". Portanto, a sílaba é o resultado de uma ação direta dos músculos da respiração ao segmentar a fala. Do ponto de vista acústico a sílaba não é fisicamente determinada a não ser pela intervenção do sistema fonológico do ouvinte, que, segundo Cagliari, capta uma sensação, denominada de empatia fonética. Logo, do ponto de vista acústico a delimitação da sílaba depende de critérios fonológicos (GARDE, 1968).

Considerando-se esse impasse retoma-se o ponto de vista articulatório, agora para se caracterizar o grau de tonicidade das sílabas e eis que recorre-se novamente a Cagliari (1981):

"Toda sílaba traz consigo uma certa intensidade acústica que pode variar muito em diferentes circunstâncias. As sílabas que são produzidas com um jato de ar reforçado, mais forte, apresentam uma intensidade acústica mais forte em decorrência disso e são chamadas de sílabas tônicas. A tonicidade de uma sílaba pode ser reforçada por outros parâmetros como a presença de um tom melódico mais agudo, uma duração mais longa e mesmo por fatores estruturais da formação das palavras. As sílabas que não são tônicas são chamadas sílabas átonas. Fisicamente e mesmo auditivamente, pode-se reconhecer vários níveis de tonicidade, mas na prática parece ser necessário somente dois. As sílabas tônicas também se chamam de sílabas acentuadas e as sílabas átonas não-acentuadas".

Logo, três são os critérios para se considerar uma sílaba tônica: duração, intensidade e altura, ou seja, procedimentos acentuais positivos. Uma sílaba acentuada é mais longa, mais alta e mais intensa do que as demais de uma mesma palavra. Pode-se mesmo afirmar que a diferença de acento repousa sobre a diferença de distribuição da força expiratória. E o acento é a colocação em evidência de uma sílaba no interior de cada palavra.

O acento pode ocorrer tanto no nível paradigmático quanto sintagmático. Quando sua ocorrência se dá ao nível paradigmático, o acento é do tipo contrastivo; o acento de nível sintagmático tem a função de focalizar. Para a fonologia, na concepção mais corrente, o mais essencial de todos os feitos linguísticos é a função distintiva do acento. O acento que não produz relações com unidades que poderiam se achar em ocorrência com ele sobre o plano paradigmático, as produz com unidades que estão vizinhas dele sobre o plano sintagmático.

Um dos grandes problemas encontrados ao se estudar o tipo de deslocamento de acento presente na fala dos pescadores é o fato de não haver grandes discussões sobre o acento fora do escopo contrastivo. E assim, muitas hipóteses surgiram com relação a esse deslocamento de tonicidade sob os mais diversos pontos de vista. Observando o fenômeno surgiram estas questões:

1. Este deslocamento poderia se dar devido a um caminho mais natural da produção do discurso ?

2. Por outro lado se não houve um deslocamento feito anteriormente e se existem algumas outras palavras com acentuação diferente, existiriam, neste caso, outras variações, já que as pessoas possuem uma única competência fonológica discursiva ?

3. Este deslocamento de acento não seria de fato parte de uma estrutura fonológica que apresenta o falar dos canoeiros como uma variedade do português ?

4. Este deslocamento de acento indicaria uma mudança da estrutura métrica do português ?

Ao se buscar as respostas para todos esses questionamentos, algumas hipóteses foram sendo descartadas, como por exemplo a hipótese 4, pois ainda não se tem um estudo feito sobre a estrutura métrica do português. Logo, para se comprovar a hipótese 4, deve-se antes fazer um estudo descrevendo a estrutura métrica do português padrão e só assim poder-se-á verificar se esse deslocamento de acento se constitui em uma mudança da estrutura métrica do português. Diante da impossibilidade, abandonou-se qualquer abordagem sob o ponto de vista métrico.

Viu-se, então, que embora a Fonologia explique muito bem os fenômenos fonéticos e fonológicos, outros fatores devem ser levados em conta, como o sintático, o pragmático, o contexto situacional e mesmo o contato com outras línguas, pois todos esses fatores podem determinar os fenômenos fonológicos.

Logo, partiu-se para verificar quais condicionamentos levariam os falantes a fazer este deslocamento tônico. Condicionamentos puramente linguísticos ? ou não ? Caso não esteja só na estrutura linguística a resposta, deve-se, então, ver as condições sociolinguísticas e discursivas.

A dificuldade em se descrever os fenômenos de acentuação sempre esteve presente na linguística, pois mesmo o modelo da Fonologia Gerativa Padrão encontrou aí inúmeras dificuldades na descrição dos fenômenos de acentuação. A única solução encontrada pela Gerativa foi descrever a acentuação com o traço [tonicidade]. Para este modelo fonológico, o acento preenche a mesma função distintiva que os traços como "nasalidade", "sonoridade", etc. Conseqüentemente, o acento também deve ser considerado como um traço distintivo.

Porém a Fonologia Padrão também percebeu que este traço não é evidentemente um traço igual aos outros.

Segundo GOLDSMITH (1976), não se pode afirmar com relação à acentuação que possa ocorrer uma especificação do grau de tonicidade, porque, segundo o autor, um traço distintivo é na realidade uma função característica que se encarrega de especificar quando um dado segmento pertence ou não a uma classe natural de sons, o que não possibilita o estabelecimento de graus de tonicidade. Para o autor, ou um segmento fônico é átono, ou é tônico, não podendo existir gradações entre estes dois traços.

Portanto, o autor critica o modelo gerativo padrão quando este estabelece um grau 3 de tonicidade [3 accent].

Os outros modelos antagônicos ao Gerativismo pecam igualmente quando tratam do acento. Na introdução deste capítulo, criticou-se as fonologias lineares pela pouca ou nenhuma importância dada aos fenômenos supra-segmentais e colocou-se também que, em muitos casos, estes eram até mesmo incorporados aos segmentos quando possível.

Agora tem-se a possibilidade de exemplificar tal afirmativa, citando o tratamento dado ao acento como exemplo típico desta postura errônea, já que a Fonémica nada mais faz do que incorporar aspectos prosódicos ao segmento, quando diz que o acento é um fonema.

GARDE (1968) tentou estabelecer uma teoria geral do acento que desse conta igualmente de todos os feitos de acento, mesmo os que não foram observados por ele em seu livro "L'accent". Entretanto, o que GARDE conseguiu foi conduzir as análises de maneira coerente, utilizando com relação a todas as línguas observadas os mesmos conceitos e a mesma terminologia. Assim, conseguiu caracterizar uma sílaba acentuada, definir o acento, classificar as línguas segundo os tipos de acento em línguas de acento livre e as de acento fixo.

Fazendo parte desta última categorização encontram-se todas aquelas línguas onde o acento é sempre colocado em uma determinada sílaba, como por exemplo, o francês, cujo acento recai sempre sobre

a última sílaba. Fazem parte das línguas de acento livre o inglês e o português, por exemplo, onde nenhuma regra determina o lugar do acento na palavra.

O interessante do estudo de GARDE é que ele vai mais além do fonema para estudar o acento e trabalha com duas unidades maiores denominadas de: unidades "accentuables" e unidades "accentuelles". As unidades "accentuables" consistem basicamente na delimitação de segmentos que estão em contraste entre si; as unidades "accentuelles" consistem na delimitação de segmentos no interior dos quais os contrastes acima mencionados são criados.

A naturalidade de um e a intencionalidade de ocorrência do outro tipo de unidade evidencia que busca-se nas unidades "accentuables" o acento distintivo, e nas unidades "accentuelles", o acento de focalização. Além disso, a unidade "accentuable" é uma noção fonológica, e a unidade "accentuelle" é uma noção gramatical.

Além de todo esse trabalho de formalização do tema, é importante ressaltar a apresentação que GARDE faz do sistema de acentuação de várias línguas naturais. Apesar de ter estudado um número considerável de línguas, GARDE não se deparou em nenhum momento com uma língua que apresentasse o fenômeno de deslocamento de acento tônico aqui abordado.

Apenas FUCHS (1984), entre todos os autores pesquisados, aborda um fenômeno parecido denominado de "desacentuação e acentuação por default". Do mesmo modo que o deslocamento feito pelos pescadores não provoca mudança de significado, a desacentuação de FUCHS se dá ao nível sintagmático e muito próxima do acento de focalização, já que se trata de um movimento de acento direcionado para a direita, onde se tira o acento de sua posição mais comum para a última posição lexical.

Considerando o ambiente de ocorrência, FUCHS estabelece uma estreita relação entre acento e sintaxe e lança mão de bases puramente sintáticas para explicar o fenômeno. Em se tratando do inglês, uma língua onde o acento faz parte da entoação (PILCH, 1979:06), a autora percebeu que a condição de fato novo e dado conhecido é determinada pelo acento nas estruturas sujeito e predicado e que o novo será focalizado através do acento. Segundo seu estudo, não se pode estabelecer um padrão único de acentuação para a fala espontânea e sim níveis de acentuação.

O que marca bastante o estudo de FUCHS é a distinção feita entre o fenômeno de desacentuação e o acento de focalização. A diferença entre eles encontra-se no fato de aquele se realizar sobre elementos repetidos de um enunciado ou sobre pressupostos, enquanto que o acento de focalização ocorre quando se quer destacar uma palavra pertencente a um determinado enunciado. Para conseguir este efeito de sentido, a palavra recebe uma intensidade maior de acento, ou seja, sobre ela ocorre o acento de focalização.

Já faz algum tempo que os linguistas estão de acordo que os esquemas acentuais definidos ao nível da palavra não são realizados da mesma maneira num enunciado. Mesmo LIBERMAN (1977), em vez de considerar a acentuação como um processo que afeta um segmento, propunha considerar o efeito do componente fonológico provocado pelo processo de acentuação como uma transformação subordinada ao tipo de estrutura sintática onde ele ocorra. Além disso, Liberman entende este efeito como também subordinado à interpretação semântica do enunciado.

Todo este processo tem por objetivo, segundo o autor, fazer com que o locutor produza um tipo de estrutura fonética melhor adaptada ao controle motor de seus gestos articulatórios e fazer com que seu interlocutor possa melhor perceber a produção deste tipo de estrutura fonética.

Voltando aos exemplos já apresentados, é possível perceber que nenhuma dessas posições tomadas esclarece imediatamente o que acontece nos exemplos abaixo, quando o locutor desloca o acento esperado na antepenúltima sílaba, já que se trata de proparoxítonas, para a sílaba seguinte à direita (2-6) ou na direção inversa (1):

- | | |
|---------------------|------------|
| (1) ['mɔ̃tʃi] | 'mantém' |
| (2) [pɔ̃ 'tɔnɔ] | 'pântano' |
| (3) [fẽnɔ 'mẽnɔ] | 'fenômeno' |
| (4) [i'dʒi 'gẽnɔ] | 'indígena' |

- (5) [dʒia'lagɔ] 'diálogo'
 (6) [peri'odɔ] 'período';

O mesmo questionamento de FUCHS (idem), foi feito ao se observar esses dados: a posição do acento está relacionada a determinantes sintáticos ou semânticos ?

Pode-se observar que não há nenhum caráter distintivo nesse deslocamento de acento, pois as palavras continuam com o mesmo significado de sua pronúncia padrão (ou não-marcada), o que pode ser provado através dos textos de onde esse exemplos foram extraídos.

CAGLIARI diz que se deve dar um tratamento especial ao estudo do acento em Português, uma vez que nas línguas de ritmo acentual, o acento tônico tem uma função linguística muito maior do que nas línguas de ritmo silábico. Primeiramente, porque é comum o acento tônico representar uma propriedade distintiva no sistema fonológico da língua, como no português. Entretanto, os estudos do acento não devem se limitar somente a marcas no léxico. Foneticamente, é muito importante tentar explicar quais são as determinações sintáticas que podem levar ao uso do acento, sem limitá-lo a sua função fonológica.

A luz deste preceito é que foram conduzidas as análises dos dados, contendo o deslocamento presente em (1), (2), (3), (4), (5).

Variações dialetais ao nível do acento também são comprovadas nos Estados Unidos, onde, através de um estudo diacrônico, verificou-se a redução em sílabas átonas de palavras que no século XVI eram secundárias, isto é, houve uma perda total do acento secundário:

" La réduction accentuelle étant actuellement en progrès, on observe beaucoup de variations dialectales, par exemple [Miami [Béach]] au sud des Etats-Unis, mais [Miâmi [Béach]] au nord. On dit Newfoundland sans accent secondaire dans le pays même et, par conséquent [Newfoundland [Fisheries]] sans mobilité d'accent. D'autre part on prononce [Nêwfoundland [Fisheries]] (PILCH, 1979:06)."

Um deslocamento de acento também já fora identificado por FOUCHE (1952, apud CARTON, 1981) em variedades estigmatizadas do francês, língua de ritmo silábico:

" Le français régional de l'est ou le parisien populaire tendent à déplacer et déplacent réellement l'accent sur la penultième ou l'antepenultième".

Mais tarde CARTON (idem), retomando o estudo feito por FOUCHE, chamou esse deslocamento de acento de "clausule dialectale ou régional", já que ele não considerava como sendo um deslocamento de acento, mas sim uma variação rítmica clichê (DUBOIS, 1983:112) no final do grupo. Para o autor, clausule é uma variação rítmica de caráter geográfico, determinada por um substrato, constituindo-se num efeito estilístico. Esta modificação facultativa de tempo e de melodia se surperpõe aos signos prosódicos demarcativos impostos na língua. Carton fecha seu estudo afirmando que este fenômeno é condicionado pela duração vocálica.

Apesar de o português ser uma língua de ritmo completamente diferente do francês, já que se trata de uma língua de ritmo acentual, têm-se os mesmos indícios de CARTON quando se analisa perceptualmente os exemplos acima. Ouvindo-os em todo o seu contexto de ocorrência, percebe-se claramente que esse deslocamento de acento é na verdade uma distribuição homogênea da duração da sílaba na palavra para acompanhar o ritmo do enunciado. Pode-se até notar que mesmo a estrutura sintática é adaptada a essa variação, bastante evidenciada em (3'):

(3') /.../ ^ ilha que não mora ninguém é só o pantano ali você chega lá e pega assim na raiz do mururé /.../ anexo 2.

O tipo de determinante colocado antes de 'pantano', o 'o', mais o deslocamento de acento, dão uma coerência rítmica e mesmo sintática à frase, o que reforça a posição de PILCH (1979:6) quando discordou de Bolinger ao tratar de fenômenos dessa natureza. Segundo BOLINGER (apud, PILCH, 1979), a mobilidade do acento entre tônica final e tônica inicial é condicionada muito mais pela estrutura sintática que pela estrutura entoativa. PILCH se opõe a esse posicionamento, provando através de testes articulatórios que o condicionamento do lugar do acento é entoativo e não sintático.

= Perceptualmente, a sensação captada é que o acento se encontra sobre a antepenúltima sílaba de 'pantano', porém a duração é distribuída.

Portanto, no deslocamento de acento a intensidade silábica permanece a mesma. Entretanto, é a duração que se distribui de uma maneira uniforme entre as sílabas. Logo, a intensidade perde seu papel essencial de proeminência silábica e a duração ganha terreno. A proeminência aparece situada sobre a penúltima e não sobre a antepenúltima. O ouvido é sem dúvida mais sensível a um alongamento inabitual que a uma variação de altura e intensidade inicial.

Caso se esteja no bom caminho, o estudo poderá reforçar a afirmativa de que a correlação entre o lugar do acento e a palavra é determinada por uma correlação maior: o lugar do acento de cada palavra dada é governado pelo contexto entoativo (PILCH, 1979:07).

Aqui fica o compromisso de se fazer um estudo posterior mais aprofundado para se determinar com precisão as causas deste deslocamento de acento. Provavelmente, este não é um fenômeno particular da região cametaense e sim de todo o interior do Pará, pois assistindo a um noticiário nacional de TV sobre problemas do soldo no garimpo de Serra Pelada, ouviu-se um dos entrevistados, um garimpeiro, que ao se referir à questão da contaminação do solo, exigia que fosse feita uma análise do solo por órgãos competentes do governo uma vez que só assim se poderia confirmar a denúncia feita. No seu discurso a palavra 'análise' foi enunciada de forma marcada como os outros exemplos aqui estudados, com o acento deslocado: [ana'lisɔ].

4.4 Organização Rítmica das Frases Enumerativas

O ritmo é uma das muitas características fonéticas da fala. Muitas são as suas funções; uma delas é a de segmentar a fala com finalidade de destacar unidades. É exatamente o ritmo que se responsabiliza em tornar os itens lexicais pronunciáveis.

Segundo CAGLIARI, ao se descrever o ritmo da fala deve-se sempre considerá-lo como sendo a expectativa de uma repetição, a recorrência de algo com intervalos regulares, formado basicamente pela concatenação de sílabas que possuem uma duração e uma intensidade.

As línguas sofrem uma classificação segundo o ritmo. Há, assim, dois grandes grupos de línguas:

1. as línguas de ritmo silábico;
2. as línguas de ritmo acentual.

Considera-se língua de ritmo silábico toda língua cuja duração silábica marcada no léxico é transferida e mantida na fala. Um exemplo típico de língua de ritmo silábico é o japonês. Pertencem às línguas de ritmo acentual aquelas línguas cuja duração silábica é isocrônica, ou seja, as sílabas acentuadas ocorrem em intervalos de duração aproximadamente igual. Eis porque a duração individual de cada sílaba só pode ser descrita em função da ocorrência das sílabas acentuadas no enunciado. Entre as sílabas acentuadas podem ocorrer mais de duas sílabas não acentuadas e a duração individual de cada

silaba não acentuada será muito mais reduzida comparando com as silabas tônicas. A este grupo pertence o português. PIKE foi o primeiro a empregar esta terminologia de ritmo acentual e silábico (PIKE, apud CAGLIARI, 1981). Para criá-la, ele se baseou na noção de ritmo de metralhadora e ritmo de código morse.

Para descrever o ritmo lança-se mão das unidades que o compõem. Não há um parâmetro único gerador de ritmo na fala: todos os elementos pertencentes à dinâmica da fala são responsáveis pelo ritmo. Constituem as unidades rítmicas de maior interesse para este trabalho: a sílaba, a pausa, componentes pré-tônico e tônico do grupo tonal, pé. Vejamos sua definição, segundo CAGLIARI (1981).

Sílaba: unidade básica, podendo ser tônica ou átona. É o número de silabas em si que forma as "pedras" do mosaico dos ritmos (CAGLIARI, 1981).

Pausa: corresponde a uma ou mais silabas silenciosas ou expressa fronteira de enunciados; usa-se como símbolo referente [^].

=Pé: corresponde ao intervalo entre duas silabas tônicas; transcreve-se o pé, utilizando /, no início da sílaba tônica.

Grupo Tonal: unidade de informação sintático-semântica e também uma unidade rítmica e entoacional; usa-se na descrição do grupo tonal // (barras duplas), colocadas no início e no final. Todo grupo

tonal possui uma sílaba tônica saliente que carrega a marca entoacional mais importante do grupo tonal; aqui há a maior variação do contorno melódico. Esta sílaba colocada em realce pelo falante, na descrição, será sublinhada.

De posse desses instrumentos, estudar-se-á a organização rítmica das frases enumerativas na variedade de Cametá, uma vez que só a interrelação dessas unidades rítmicas é que permite a percepção do ritmo da fala.

Chama-se de frases enumerativas aquelas em que o locutor enumera ou cita acontecimentos, objetos, pessoas que participam ou estão relacionados a uma mesma ação. Retiraram-se do corpus os seguintes exemplos de frases enumerativas:

- (1) antes eu tinha pimentar, eu tinha uma casa boa, eu tinha uma vi:
:la de casa.
- (2) Chico Duarte, Vicente Marques, Pedro Batista, Luiz Pereira, João
Pinto, Omero, aquele Getúlio, uns dez, só o que eu sei, Fabiano
se não jogaram fora o documento.
- (3) então a conclusão que eu eu e outros como seu Vicente Marques,
Mozaro, João Pinto, Pedro Batista e outros e outros,
- (4) se trata primeiro do paiari, aracu, o taumatá né, a a trarira o
jeju que é a mesma classe.

(5) Abaeté traz, Igarapé Mirim traz, Barcarena traz, Limoeiro do Ajurú traz.

(6) eu jogo rede, eu mergulho, e faço tudo e compro peixe.

(7) nós tínhamos curimatá, jaraqui, pirapitica, aqui no barde, e antes desta barragem, esta fartura.

(8) é o tucunaré e e o aracu e o curimatá e o mapará.

(9) eu não arrumei nada no dia eu chego lá e meto-lhe a cuia, jogo água, ele secou ponho o lanço, pego um camarão, pego um peixinho, alguma coisa ai eu como, e lá não tem pra onde.

(10) leva e vende a Belém, Abaeté, Cametá.

CAGLIARI (1981) ao descrever as frases enumerativas do dialeto paulista, atribui-lhes um TOM ...1, cuja descrição encontra-se abaixo:

TOM ...1



pretônica: descendente por saltos ou nivelada meio-baixa ou baixa. Toda sílaba tônica apresenta um pequeno contorno ascendente.

tônica: descendente meio-baixa, baixa.

valor: enumeração de itens.

// ...1 Um abaca/xi / três aba/cates e um ma/mão //

TROUBETZKOY (1957, apud ROSSI, 1981) também propôs um modelo de descrição das frases enumerativas. Juntamente com este tipo de frase, ele considerava mais três tipos de oposições prosódicas ou

traços distinguindo as frases:

1. a entoação ou oposição de modulação (oposição de conteúdo: continuativo ou enumerativo conclusivo);
2. o registro (oposição de conteúdo: continuativo interrogativo incidente ou parentético);
3. o acento da frase que parece reunir por sua vez os efeitos de ênfase e de focalização;
4. a pausa (identificadora de constituintes).

Essa classificação de Troubetzkoy se confunde com a de NYEKY (1973) que diz existirem quatro procedimentos prosódicos para se entender o ritmo: a intensidade, a quantidade, a altura e a pausa, os quais ele também denomina de traços distintivos.

Prosseguindo em seu modelo, Troubetzkoy identifica, no plano do conteúdo, o essencial das unidades das quais nós teremos necessidades para dar conta da organização enunciativa: continuação, enumeração, conclusão, incidência e interrogação. Proporei como símbolos para cada um desses tipos de frase os seguintes:

- continuação ↑
- enumeração ↷
- conclusão ↓
- incidência ->
- interrogação ?

Para Troubetzkoy, a enumeração se opõe à continuação no mesmo quadro:

(1) La soeur de Jacques / ↷ / Pierre Jean François ↑ et vous ↓

(2) La soeur de Jacques / ↑ / Pierre Jean François ↑ et vous ↓

Logo, o morfema enumerativo se distingue do morfema continuativo pela configuração na tônica (ton concave ton estático). Depois de 'Jacques', o morfema enumerativo permite identificar um personagem suplementar na lista, enquanto que o morfema continuativo organiza pela junção os nomes do irmão da irmã. Sendo assim, o morfema enumerativo é um coordenativo enquanto que o continuativo é um juntivo ou um subordinante. O modelo de Troubetzkoy, apesar de descrever ritmos frasais, se utiliza de uma terminologia um tanto falha e não deixa bem claro como pode ser identificado esse morfema enumerativo.

Essas abordagens e modelos propostos para as frases enumerativas em pouco ajudam na descrição do fenômeno, uma vez que os dados representativos de frases enumerativas arrolados acima se constituem num caso à parte de organização rítmica de frase enumerativas, que exige um outro tratamento. Eis por que o objetivo desta etapa do trabalho é descrever foneticamente a organização rítmica das frases enumerativas presentes na variedade cametaense.

Como se trata de ritmo linguístico, a regra número um é considerar o sistema fonológico integral da língua onde ele se encontra, com todas as possibilidades de que os falantes podem dispor ao usá-la. Para as frase de (1) a (10), além de considerarmos o sistema fonológico, também será tomada em consideração a sua estrutura sintática.

É surpreendente como a musicalidade de sua estrutura rítmica é percebida auditivamente. Para conhecê-la totalmente convém começar relembando o conceito de ritmo. Assim, toma-se o conceito encontrado nos gregos e dado por CAGLIARI (1981) na sua íntegra:

" o ritmo é um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares. A idéia de ritmo está intrinsecamente ligada à idéia de tempo, duração. O ritmo se manifesta através do movimento de um fenômeno que se desdobra no tempo, pondo em relevo repetidamente algum aspecto desse mesmo fenômeno. Repetição e expectativa são duas propriedades essenciais no processo de percepção do ritmo."

Na fala dos pescadores, o fenômeno que se desdobra e se evidencia é exatamente o da enumeração, onde há a repetição de um elemento sintático ou de vários elementos sintáticos da frase. Ao se segmentar a frase enumerativa, essa repetição, na verdade, realça as unidades rítmicas já definidas acima. Portanto, é interessante observar, segundo o modelo de HALLIDAY (apud CAGLIARI, 1981), como elas se organizam nas frases de (1) a (10), apresentando suas transcrições:

(1') //...1 antes eu tinha pimen/tar eu tinha uma ca/sa boa tinha

uma /vila de /casa //

[ʒ tʃizeotʃip apimɛtajeotʃipaũmakazabɔ.tʃipaũmavi::ladekaza]

(2') //...1 Chico /Duarte Vi/cente Marques Pedro Ba/tista Luiz

Pe/reira João /Pinto O/mero aquele Ge/túlio/ / uns dez // 3 só

o que eu /sei // ...1 ^ Fabi/ano// ^ 4 se não ^ jo/garam foram o docu/mento//

[ʃikɔ dɔxtʃɪvisɛtʃɪmaxkiʃpedrobatʃistaluisperera,ʒɔãpĩtɔmer
oakeɫigetulo,ũʃdɛʃɔɔkieosɛl,afabiãno,ʃinãũ,ʒɔgarãũfɔraodokumɛtɔ
]

- (3') //1 então a conclu/são que eu /eu[^] e outros como// ...1 seu Vicente /Marques Mo/zaro João /Pinto Pedro Ba/tista e outros e outros//
 [ʔtaðakðklusãðkieoiootroʃkðmoseovisẽʃv maykiʃmɔzarɔz oãðpĩtopedr obaʃʃiʃta ʋotrɔziotɔʃ]
- (4') //...1[^] se trata pri/meiro do paia/ri ara/cu/[^]o: o tauma/tá[^] /2 né[^] / ...1 a a tra/rira o je/ju // 3 que é a mesma classe//
 [ʃv trataprimeirodopaiarara'ku[^]u:otaoma'ta'ne[^]aatra/rira[^]ozezu kiẽ amẽʃmaklasv]
- (5') //...1[^] Abae/té /traz Igara/pé Mirim /traz Barca/rena /traz Limoeiro do Aju/rú /traz//
 [aba[^]v tẽtrazigara'pẽmirĩtraʃbaxkarenatraʃlimoeurodoazu'rutraʃ]
- (6') //...1 eu jogo /rede, eu mer/gulho e[^]/faço tudo e compro peixe//
 [eozogoxedzi[^]eomexgu[^]ai:fasotudoikðprope[^]ʃe]
- (7') //...1 nós tínhamos curima/tá, jara/qui, pirapi/tica aqui no /barde/ 3[^] e antes desta barragem // [<] [>] esta fartura //
 [noʃʃtʃipãmoʃ kurima'tazarakipirapitsikaakinobaxdzi[^]iãʃʃiʃdẽʃta baragẽ[^]ẽʃtafatura]
- (8') //...1 é o tucuna/ré e e o ara/cu e o curima/tá e o mapa/rá//
 [ẽotukunareĩioara'kuiokurima'taiomapa'ra]
- (9') //...1[^] eu não arrumei nada no dia eu chego lá e /meto-lhe a cuia, jogo água ele se/cou, ponho o lanço, pego o cama/rão, pego um peixinho, / 1 alguma coisa ai eu como// e lá não tem pra onde//
 [eõnãðaxume[^]nadanodziaeõʃegɔ'la[^]meto[^]aku[^]zozogɔaguae[^]li[^]seku:poʃo :lãõpẽgɔ kamarãðpegɔ:peiʃiʃpãõgũmakõ[^]saaie[^]õõ[^]lanãõte[^]praõdz v]
- (10') //...1 leva e vende a Be/lém, Abae/té, Came/tá//
 [lẽvavẽdz[^]abele[^]abav[^]tẽkame'ta]

Cagliari, em uma análise acústico instrumental sobre alguns tons do português, tratou também do tom secundário simples: ...1, que ele atribui às enumerações. Neste estudo ele comprova através de análises espectrográficas, que há uma variação entre as sílabas tônicas, e que "essa variação, associada à variação da sílaba tônica precedente, causa ao ouvido a sensação de altura melódica flutuante". Analisando perceptualmente os enunciados de (1') a (10'), verificou-se que essa mesma sensação é muito forte e marcada na variedade cametaense se comparada com a descrição feita por Cagliari para a variedade paulista.

Não é só a nível entoacional que esses enunciados se configuram como marcados, sua estrutura rítmica também difere da do português padrão.

Impressionisticamente falando, as frases enumerativas na variedade de Cametá são sentidas auditivamente como uma melodia cantante. E é só quando se parte para uma análise mais cuidadosa desta sensação acústica, que se descobre quais elementos concorrem para particularizar a variedade cametaense na enunciação de frases do tipo enumerativo.

Ao se descrever foneticamente essas frases enumerativas, viu-se que só a identificação de um tom secundário simples ... 1 não era suficiente para caracterizá-las, uma vez que elas se constituem em frases enumerativas marcadas em comparação ao português padrão, ou melhor, em comparação à descrição feita por Cagliari para a

variedade paulista. Assim, buscaram-se outros elementos supra-segmentais que de fato seriam responsáveis pela distinção de seu ritmo.

O primeiro grande elemento supra-segmental que chama a atenção é o próprio tom. As frases crescem em intensidade do início ao final, dando a impressão de terminarem em tom alto. Essa entoação ascendente, própria das frases interrogativas, se faz aqui presente em outro tipo de frases, nas enumerativas. Portanto, há uma subida de tom em cada pé silábico e cada elemento enumerado é enunciado com esta entoação ascendente.

Em todos os exemplos apresentados, esta subida de tom se faz presente, porém ela é claramente expressa no exemplo (3') em que, ao iniciar a enumeração, seu locutor o faz bruscamente com um tom alto, como se desse um salto ao falar, antecipando a enumeração que viria logo em seguida. Observe-se que se trata do mesmo item lexical com diferença de função sintática marcada na mudança de tom, como evidenciamos abaixo:

- - - - -	- - - - -
então a conclusão que eu	eu e outros como

O segundo 'eu' presente neste trecho é enunciado com um tom alto, introduzindo a enumerativa que o segue. É importante também notar a mudança de tom exercendo a função de delimitador sintático e informacional.

Aliado a essa entoação ascendente, tem-se o grande número de acentos de insistência, isto é, de sílabas evidenciadas, responsáveis pelo reforço de intensidade das frases enumerativas. Essa evidência de sílabas é realizada ou pelo acento ou pela repetição ou os dois ao mesmo tempo. Na sua grande maioria essa intensidade é feita só pelo acento, como se pode notar em (2'), (3'), (4'), (7'), (8'), (9') e (10'). Já em (1'), (5'), (6') é a repetição que desenvolve um papel importante.

Em (1'), o sujeito e o verbo acompanham os elementos enumerados: 'eu tinha'; já em (6') como se trata da enumeração das atividades feitas pelo locutor da frase, é o sujeito que se repete: 'eu'; e em (5') é o verbo 'traz' que se repete.

Outro elemento supra-segmental que também vai crescendo na mesma proporção do reforço de intensidade e do tom alto é a aceleração da velocidade e do tempo. Todos os enunciados de (1') a (10') são realizados no estilo mais rápido da fala, logo, com uma super velocidade acelerada, fugindo um pouco à regra somente o exemplo (4'), onde se constata um estilo de pronúncia alegretto para andante, já que seu locutor assume uma postura didática ao enumerar os tipos de peixes encontrados na região.

(7') é um exemplo típico de frase enumerativa onde se encontram todos esses elementos atuantes e concatenados. É tão marcante a presença desses elementos supra-segmentais que, para reforçar e destacar a enumeração feita, um outro elemento supra-segmental entra

em ação: o volume de voz intenso que recai exatamente sobre os itens enumerados. Terminando-se a enumeração, muda-se o tom e desacelera-se tanto que há uma pausa e acontece uma redução do volume de voz, assim como uma redução da intensidade das sílabas.

Durante o trabalho de análise dos dados, reproduzia oralmente os enunciados de maneira a sentir e entender como ocorria este processo, principalmente a organização rítmica das enumerativas. Uma amiga, também linguista, chamou a atenção e questionou o fato de determinados enunciados serem produzidos com uma rapidez e altura de voz para ela um pouco estranhas. Também questionou a escassez ou ausência total de pausas durante a enunciação das frases, pois de acordo com os seus estudos sobre prosódia, a pausa é importantíssima, uma vez que é responsável pela manutenção de um determinado ritmo. Submeti meus dados aos seus ouvidos incrédulos e assim ela constatou que realmente reproduzia com exatidão os enunciados dos canoieiros cametaenses. E aí uma pergunta foi colocada: qual mecanismo da fala era utilizado para substituir a pausa ? Como eles conseguiam falar durante tanto tempo sem parar para respirar ?

Lembrei-lhe, então, que a língua de uma determinada comunidade ou sociedade tem seu ritmo, como os outros aspectos, é claro, determinados pelas suas atividades sociais e principalmente econômicas. Como se trata de pescadores, eles são obrigados durante seu trabalho de pesca a mergulhar em profundidades para preparar a rede e deixá-la no ponto e posição necessária para a pesca do

cardume. Este tipo de contato com a água requer fôlego, já que debaixo d'água não é possível ao homem respirar, a não ser que disponha de equipamentos, o que não é o caso dos pescadores de Cametá. Portanto, parece fácil entender como eles são capazes de segurar o ritmo de suas frases, sem morrerem asfixiados, isto é, prescindindo de uma pausa.

Esta afirmação, contudo, é apenas mais uma hipótese de trabalho que, para ser comprovada, requer, primeiramente, uma análise experimental acurada dos dados, para se verificar se realmente a presença das pausas nos enunciados enumerativos é pouca ou nula. Caso não seja a pausa responsável pela manutenção do ritmo das frases enumerativas, o passo seguinte será identificar o recurso físico sonoro que desenvolve esta função.

As pausas têm na fala dos pescadores uma função muito específica para a maioria dos casos de fala espontânea, que é marcar sintaticamente a fronteira de informações de idéias diferentes. Por exemplo, em (6'), a pausa que aparece tinha sido feita com a intenção de finalizar o enunciado, só que, ao fazê-la, seu locutor lembra-se de outras atividades que ele exerce na pesca. Rapidamente, ele retoma seu discurso no mesmo tom da enumeração, só que na tessitura mais alta, que ao ser escutada, dá a impressão de um carro que freia e recomeça a andar logo em seguida.

As frases enumerativas na variedade cametaense são marcadas por possuírem um constante crescimento no tom, uma aceleração na pronúncia, um grande reforço de sílabas tônicas do enunciado, evidenciadas por acento de insistência e aqui não só a intensidade entra em jogo, mas a duração também, como pode ser constatada em (1') e (9'), na construção de seu ritmo.

Como fenômeno de âmbito bastante geral e marcante identificado neste estudo do falar dos pescadores de Cametá, a organização rítmica das frases enumerativas precisa ainda ser mais estudada. E a descrição fonética aqui feita fica como "pista" para este estudo mais minucioso.

4.5 Entoação no Discurso

4.5.0 Introdução

Neste último bloco tratar-se-á dos efeitos discursivos provocados pela entoação. Enquanto nos pontos 4.1 e 4.2 vimos as estratégias discursivas que podem assumir os elementos supra-segmentais, aqui verificar-se-á ainda mais como a prosódia está intimamente ligada à estrutura do discurso do texto.

Evidentemente dever-se-á dispor de uma análise do discurso muito bem feita para, ao lado de uma análise prosódica à altura, se poder entender melhor o papel desses elementos da linguagem.

Neste ponto, a entoação terá um papel fundamental, muito mais que os outros elementos supra-segmentais. E ao se trabalhar a entoação utilizar-se-á muito mais a semântica e a sintaxe do que a própria fonologia, pois se fez necessário considerar as diversas interferências linguísticas e mesmo extralinguísticas que constituem, = por um lado, a acústica, no caso específico da Fonologia, e por outro lado a Pragmática.


Dois fenômenos, aqui estudados, compreendem o quadro dos efeitos discursivos assumidos pela entoação: as interrogativas com valor argumentativo e os afterthoughts.

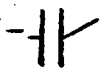
Para o primeiro item, mostra-se um outro lado das interrogativas: o seu valor argumentativo. Por isso, tenta-se comprovar a aplicabilidade ou não ao português da dupla tese de Anscombe e Ducrot com relação às interrogativas feita para o francês, além de mostrar quais outras funções podem ser atribuídas a uma interrogativa.

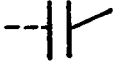
Afterthought é uma terminologia muito mais empregada pela Análise da Conversação ao tratar os procedimentos discursivos participantes na elaboração dos discursos orais. Os afterthoughts são uma marca do trabalho de processamento de informação (TRAVAGLIA, 1988).


Para a descrição das entoações aqui estudadas, além dos outros elementos prosódicos apresentados e exemplificados no capítulo V, precisar-se-á também dos tons descritos por CAGLIARI (1981) para as interrogativas presentes abaixo; os exemplos que acompanham os tons são os mesmos citados em sua tese de Livre Docência:

Todos esses são os vários tons que uma pergunta pode assumir:

Tom 2  pretônica: média nivelada
 tônica: ascendente baixa-alta.
 este é o tom mais comum de uma interrogativa neutra.

Tom 2+  pretônica: descendente alta, meio-alta
 tônica: ascendente meio-alta, alta
 valor: pedido de confirmação.
 // 2+ Quando / foi que / ele este/ve a/qui //

Tom 2-  pretônica: nivelada média
 tônica: ascendente média-alta
 valor: demonstração de interesse.
 // 2- ^ 0 se/nhor es/tá procu/rando aparta/mento //

Tom -2  pretônica: nivelada baixa
 tônica: ascendente baixa-alta
 valor: surpresa, preocupação.
 // -2 Pedro com/prou um / carro / novo //

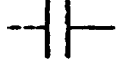
Veja agora que tons podem assumir as interrogativas encabeçadas por palavras interrogativas:

1. Neutra (tom 1) // 1 Quem / foi em/bora //
2. Surpresa (tom 4) // 4 Quem / foi em/bora //
3. Respeitosa, polida (tom 3) // 3 Quem / foi em/bora //

E as interrogativas sem palavras interrogativas:

1. Neutra (tom 2) // 2 Pedro com/prou o / carro //
2. Vigorosa, impaciente (tom 1) // 1 E / eu não / sirvo para / nada // (contorno descendente por etapas)

Tem-se também um tom que não é propriamente uma interrogativa, mas que será utilizado nas descrições dos enunciados interrogativos:

Tom 6-  pretônica: nivelada média
 tônica: nivelada média
 valor: desafio.
 // 6- Não me / feche a / porta //

Passemos, portanto, a trabalhar mais de perto os dois fenômenos discursivos supracitados.

4.5.1 Interrogativas com Valor Argumentativo

Sempre que se estudou as interrogativas em português, deu-se ênfase ao seu aspecto sintático (MACAMBIRA,1968; PONTES,1987). Chegou-se mesmo a uma descrição entoativa, caracterizando-se prosodicamente os principais tipos de enunciados interrogativos (NOCHGREB,1983), passando-se por análises gerativas das mesmas (DECAT,1978), tendo até sido reservado para elas um espaço particular num estudo semântico-sintático sobre os intensificadores em português (MALHEIROS-POULET,1984). Portanto, poucos estudos se distanciaram da forma canônica da frase interrogativa, aquela que obrigatoriamente exige uma resposta. Além disso,esses autores se detiveram em um único aspecto das interrogativas e nunca interligaram os outros.

Estudar-se-ão frases, ou melhor, enunciados interrogativos¹ pertencentes à variedade cametaense. Neste estudo, cada frase será tratada como uma unidade subordinada ao discurso, pois só assim observar-se-ão os aspectos dinâmicos da comunicação que são inerentes à análise enunciativa ou pragmática. Além disso, todos os fenômenos entoacionais serão descritos ao nível do enunciado e não ao nível da palavra.

1. Conservaremos aqui a dicotomia de Ducrot - frase/enunciado - que considera a frase uma forma abstrata, pertencente à língua, ligada à significação. Uma vez contextualizada, a frase deixa de ser frase e passa a ser um enunciado, já que toma um sentido particular e pertence à fala ou ao discurso (DUCROT, 1980).

E também ao nível da frase que os diferentes componentes linguísticos intervêm para determinar as estruturas temporais e entoativas. Estes componentes são sintáticos, semânticos e enunciativos (PARK, 1984). Estruturando palavras no seio de um grupo e dos grupos no seio de uma frase, o componente sintático permite a hierarquização dos constituintes que empreendem diferentes relações gramaticais entre elas. O componente semântico-enunciativo permite a organização estrutural dos elementos informativos no plano da mensagem.

No ato da enunciação, estes diferentes aspectos da organização se manifestarão através da prosódia, nas estruturas temporais e entoativas em particular. Todavia, a estruturação dos elementos linguísticos não determina sozinha a organização prosódica dos enunciados. Pode-se perceber igualmente os fatores extralinguísticos, tais como a origem sociocultural e geográfica do locutor, assim seu estado psicológico e físico, e fatores linguísticos tais como o tamanho do enunciado e a posição de grupo no enunciado.

Como veremos mais adiante, será através da organização prosódica das frases que poderemos perceber na variedade cametaense as marcas tanto dos fatores extra-linguísticos, quanto dos fatores linguísticos acima mencionados.

Logo, as manifestações prosódicas resultam da interrelação de múltiplos fatores linguísticos e extralinguísticos.

A entoação de uma frase faz uso antes de tudo de oposições. É exatamente uma oposição entoacional que separa *está chovendo* (afirmação) de *está chovendo?* (pergunta): a frase interrogativa comporta uma subida de voz sobre a sílaba tônica final, que se transforma em defeito na frase afirmativa. Os efeitos de oposição entoacional, apesar do interesse considerável que lhes é dado pela Linguística atual, são ainda pouco conhecidos com relação aos outros domínios da fonologia. E foi em outra área da Linguística que se buscaram estudos sobre essas oposições de âmbito fonético.

Dentro de uma perspectiva bastante tradicional de análise linguística, o fato de interrogar coloca em evidência a necessidade de preencher uma lacuna de informação. É assim que comumente se determina a função de uma pergunta: como melhor instrumento para se conseguir uma informação. Dentro desta perspectiva, toda pergunta é de natureza interacional, já que ao pensarmos no ato de interrogar, sempre vemos dois interlocutores ou interagentes e um diálogo onde se intercalam perguntas e respostas. Quando se interroga alguém, uma pergunta fica no ar e o processo só termina quando o interlocutor responde, completando a lacuna de informação do locutor. Esta noção de complementaridade é inerente a toda pergunta, ou seja, uma pergunta não é conclusiva, mas sim, pede uma resposta, e esse aspecto do inacabado é dado pelo tom ascendente. Chama-se de tom ou movimento ascendente, o percurso feito pela entoação da voz que vai do nível baixo ao nível alto. Este movimento é próprio das perguntas.

Anscombe e Ducrot (1981), ao estudarem as frases interrogativas totais em francês, constataram que:

1. uma descrição coerente e adequada das frases interrogativas do francês deve, entre outras coisas, lhes atribuir um valor argumentativo num nível intrínseco;

2. este valor lhes confere a mesma orientação argumentativa que possuem as frases negativas correspondentes.

Comecemos por olhar mais de perto os seguintes enunciados:

(1) V.M: // 1 [^] porque eu acre/dito // ...1 aquele que não / pesca de blo/queio / pesca com a malha/deira / pesca com o pa/ ri // 2 Não / é pesca/dor // anexo 12

(2) D.B: // 2 [^] então é / só o pu/cá prejudi/ciar[^]// anexo 23.

Vejamos agora o contexto em que estes enunciados foram produzidos. (1) foi extraído de uma reunião preparatória feita em Cametá (PA), para se colher opiniões e propostas que deveriam ser levadas ao fórum de debates das colônias de pescadores com os órgãos oficiais encarregados da fiscalização da pesca; no momento em que foi enunciado (1), o escopo da discussão era a falta de responsabilidade e compromisso dos pescadores para com o seu órgão de representatividade, principalmente no que tange ao pagamento das mensalidades. Alguns pescadores, como por exemplo (F), justificavam essa falta de responsabilidade, defendendo que ela decorria do fato do pescador ter muitos problemas financeiros oriundos da escassez da pesca. Consequentemente, sem ter o que pescar, o pescador não teria

meios de contribuir financeiramente com a colônia. Contrapondo-se a essa opinião, V.M. mostra que essa é uma desculpa infundada, já que o número de pescadores que continuavam a pescar era muito superior ao daqueles que estavam completamente sem ter o que fazer. Além disso, eles não estavam levando em consideração os outros tipos de pesca existentes na região e comumente empregados pelos pescadores.

(2) foi enunciado durante o já mencionado forum de debates entre os representantes das colônias de pescadores da região do Baixo-Tocantins que compreende as cidades de Cametá, Mocajuba, Limoeiro de Ajuru, Igarapé Mirim e Abaetetuba e os representantes dos órgãos do governo encarregados de fiscalizar a pesca como: IBDEF, Sudepe etc. Como se pode perceber no anexo 23 referido texto pertence a um único locutor D.B., que monopoliza essa parte da reunião geral. D.B. é considerado um pescador predador, por utilizar o puçá como sistema de pesca. Este trecho do discurso é todo concentrado na defesa da pesca com puçá, que ele não considera ser responsável pela extinção da pesca no rio Tocantins, além de afirmar que apesar de utilizar o puçá, ele não pesca o alevino. O objetivo de todo o seu discurso é isentar o puçá de qualquer culpa que seja pelo desaparecimento do peixe. Para isso ele atribui à obra divina o fato do peixe ter desaparecido no Tocantins, como punição às pessoas que tentaram regimentar e normatizar a pesca na região, além de citar exemplos de pescadores considerados conscientes que, utilizando a rede de bloqueio, pescam o alevino, denominado pelos pescadores de "mapará miúdo".

Os enunciados interrogativos contidos em (1) e (2), foram transcritas com o tom 2, característico da entoação da pergunta (CAGLIARI, 1990). Estes enunciados ocupam nos respectivos discursos de onde foram retirados um lugar privilegiado, por serem o ponto mais alto e mais forte usado pelos seus locutores para firmar e fechar sua argumentação, transformando-se nos enunciados com maior força argumentativa de todo o discurso. São eles que concentram todo o percurso discursivo feito por seu locutor. Mas antes de nos determos numa análise discursiva mais acurada, vamos submetê-los à dupla tese argumentativa de Anscombe e Ducrot já mencionada anteriormente, e para isso precisaremos de suas respectivas assertivas:

(1') // 1 Não / é pesca/dor //

(2') // 1 , então é / só o pu/cá prejudi/ciar , //

Utilizando o mesmo procedimento de Anscombe e Ducrot para descrever o valor argumentativo das interrogativas, podemos constatar que, primeiramente, temos diante dos nossos olhos, ou melhor ouvidos, verdadeiros pares mínimos (tomando emprestada a terminologia de Martinet). A única diferença entre os dois pares de enunciados é constituída pela distinção dos elementos prosódicos, ou seja, a diferença prosódica acarreta uma diferença distintiva. Por essa oposição se dar em linha sintagmática e não paradigmática, certos linguistas, principalmente os funcionalistas, não a consideraram como oposição distintiva e, conseqüentemente, também não a consideraram digna de ser abordada nos estudos fonológicos (GRUNDSTROM & LEON, 1973).

Seguindo o mesmo raciocínio de FONAGY (1983:9), que afirma que toda vez que se acrescenta qualquer coisa que seja a uma frase já formulada seu sentido é também alterado², podemos tomar nossas frases como exemplo e teremos o seguinte quadro:

ASSERTIVAS.

INTERROGATIVAS.

(1') // 1 Não / é pesca/dor //

(1) // 2 Não / é pesca/dor //

(2') // 1 [^]então é / só o pu/cá
prejudi/ciar_^//

(2) // 2 [^]então é / só o
pu/cá prejudi/ciar_^// —

Ao pronunciar-se ou ouvir-se cada assertiva com sua respectiva interrogativa, sentiremos sem dúvida que a frase ou sequência segmental (para os foneticistas) continua a mesma, porém, passamos de uma situação discursiva a outra, apenas atribuindo às frases interrogativas uma entoação ascendente que lhes é característica. No entanto, o papel desenvolvido pelos elementos prosódicos neste caso não é só o de concretizar uma mera passagem do ato de afirmar ou negar ao ato de interrogar; ou seja, não se trata de oposições ilocutórias, mas sim de oposições enunciativas (ANSCOMBRE & DUCROT, 1981).

2 - No capítulo I " Le statut du style vocal " de seu livro " La vive voix ", Fónagy começa seu capítulo perguntando no segundo parágrafo: "Mais comment peut-on ajouter quoi que ce soit à une phrase déjà formulée sans la changer ?"

Quando transformadas em interrogativas, ou melhor quando assumem um tom 2, as referidas assertivas sofrem uma radical mudança de sentido e passam a ter um outro valor argumentativo. Retomando o esquema de Ducrot e Anscombe (1981), reconhecemos que em p (=assertiva) há um certo valor argumentativo. p é apresentada como podendo autorizar tal conclusão r, mas sua ocorrência em p? (=interrogativa) dirige a uma conclusão r. Eis porque sob a forma interrogativa, p pode ser substituída por p. Ou seja, as perguntas desenvolvem um papel argumentativo igual ao da sua asserção negativa correspondente.

Para melhor ilustrar o que acabei de expor, retornarei às frases observadas em seu contexto discursivo. A partir dessa observação, fiquei convencida de que o enunciador, V.M., após apresentar todos os tipos de pesca realizados na região e ao perguntar - "não é pescador?" -, realiza um ato de fala de valor argumentativo bem maior do que se terminasse diretamente a sua fala através de uma asserção afirmativa.

O fato de introduzir a negação na pergunta provoca um pressuposto afirmativo - e é também pescador aquele que pesca com malhadeira e pesca com pari, mesmo não pescando de bloqueio - e sendo uma pergunta com valor argumentativo seus interlocutores não podem se opor ao pressuposto, o que é bem evidenciado quando (V) se pronuncia, logo após a ocorrência de (1). (V) concorda com o pressuposto da pergunta - "não é pescador?" - respondendo "ispinhé", que é mais um tipo de pesca empregado na região, além dos

outros citados por V.M.. Logo, (1') leva a uma conclusão r - não é pescador quem se utiliza de outros tipos de pesca como malhadeira, pari etc. - porém quando enunciada com uma entoação ascendente, isto é, em forma de interrogativa - " não é pescador ? " - ela nos leva a uma conclusão contrária a (1'), explicada pelo pressuposto afirmativo citado acima.

O mesmo fenômeno argumentativo se passa em (2). Utilizando o mesmo raciocínio feito para se analisar (1), veremos que também o locutor, D.B., realiza uma ato de fala com valor argumentativo bem maior quando, após organizar e realizar toda uma defesa de pesca com o puçá (sistema de pesca que na região é considerado predatório) fecha sua defesa perguntando - 'então é só o puçá prejudicar ?' . Essa pergunta possui um valor argumentativo bem maior do que se o locutor afirmasse que não é só a pesca com o puçá que é predatória.

Tanto em (2') quanto em (2) temos o que Anscombe e Ducrot (1981) denominam de E_2 , pelo fato do enunciado ser introduzido por um conectivo - então -. Este conectivo desenvolve uma função sintático-semântica muito importante nos períodos compostos que é exatamente de apresentar E_2 como o enunciado de maior peso em comparação a E_1 .

No nosso caso, (2) sendo E_2 , toda situação discursiva anterior constitui E_1 , já que (2) é o enunciado que centraliza toda a argumentação e evidentemente o que tem a maior força discursiva. Apesar de terem o mesmo peso argumentativo, (2) e (2') não possuem,

por outro lado, o mesmo valor argumentativo, uma vez que, (2') provoca na sua realização uma conclusão afirmativa r quanto aos danos causados pelo puçá: só o puçá é prejudicial, porém quando enunciada em forma de interrogação, (2), teremos uma outra conclusão r que é: não é só a pesca com o puçá que provoca a extinção do peixe.

Essas múltiplas alternativas de significados proporcionados pela simples opção de uma entoação ou outra já foram abordados por Halliday (apud Cagliari, 1981) que dizia:

" a entoação além de ser um pré-requisito fonético na caracterização da fala, tem ainda uma importância muito grande, porque é uma maneira que a língua usa para dizer coisas diferentes. Quando se muda a entoação de um enunciado, muda-se seu significado. Em geral, um enunciado tem muitas possibilidades entoacionais, e a escolha de uma delas traz significação diferente da escolha das outras possibilidades."

E concordamos plenamente com MALHEIROS-POULET (1984:80), quanto ao fato de que, na maior parte dos casos - e com relação ao nosso corpus em sua totalidade, onde a interrogação é possível - produz-se efeitos de sentido outros que o simples fato de interrogar, isto é, de pedir uma informação, considerando a interrogação na sua forma canônica que representa índice de ignorância de certo tipo. Passemos, então, à apresentação e abordagem desses outros efeitos de sentido.

Vejamos as seguintes frases:

(3) G: // 2 [^]o senhor nos / cede a / casa // anexo 22

(4) V.M: // -1+ pois então se/rá que ele não pode / dar dois quilo
ou / três /_^ por / mês // anexo 13

(5) V.M: // -1+ então se/ rá possível que ele não / pode dar um /
quilo de peixe por / mês ou dois para a co/lônia // 2 pra
ajudar //

<
V: // 1 não dá um / quilo mestre não / dá um quilo //

<
.....
(6) V.M: // -1+ mas não / dá mas que ele não pode / dar_^// anexo 12

<
(7) M: // -2 e será que não / tenha um / uma pe/ssoa_^ pra bo/tar
>
uma lei dessa quali/dade // não é /muita coisa /_^nós a /bão
a pe/nar // anexo 24

Todas são a priori classificadas sintaticamente como interrogativas. Entretanto, quando foram enunciadas, seu locutor ao fazê-lo, não quis solicitar uma informação; e mesmo, se vistas no seu contexto discursivo, veremos que o que elas menos fazem é pedir uma informação.

Temos aqui o que FONAGY (apud, GRUNDSTROM & LEON, 1973) denomina de entoação metafórica, muito frequente na linguagem cotidiana. Essas metáforas de entoação ocorrem quando o locutor empresta uma melodia interrogativa a um outro tipo de frase, com o objetivo de sugerir uma mensagem secundária.

Arrolaram-se hierarquicamente esses tipos de frases, partindo da frase mais próxima à concepção tradicional de pergunta, aquela que pede uma resposta e esta por sua vez pode ser um sim ou um não, até a mais distante da sua forma canônica, aquela que integra a própria resposta.

Começando pelo enunciado (3) poderemos classificá-lo como a frase mais interrogativa no sentido tradicional, já que ele permite como resposta: sim, posso cedê-la, ou não, não posso cedê-la. Todavia (3) é uma interrogativa que deve ser interpretada não como uma pergunta, mas sim como um pedido. E como provas temos que o locutor empresta uma entoação interrogativa à imperativa; o sujeito da interrogativa é também o seu interlocutor e o predicado compreende uma ação fisicamente possível no momento da produção do enunciado, quando (G) dirigindo-se ao prefeito da cidade, pediu-lhe a permissão para continuar utilizando a sede da câmara municipal no período da tarde, já que fora necessário se prolongar a reunião dos pescadores, pois não haviam terminado a pauta da reunião. Neste momento (G) realizou (3); o que perfeitamente se encaixa na regra número 1 de SINCLAIR & COULTHARD (apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1986), que apontam os critérios indispensáveis para se considerar uma interrogativa cuja função é solicitar algo.

Já os enunciados (4) e (5) nada pedem, porém sugerem. E para constatar isso, basta que o leitor veja os respectivos textos em anexo, para verificar que se trata de discursos coletados durante uma reunião de pescadores, em que um dos pontos da pauta era exigir

uma contribuição financeira maior dos seus sócios, que há muito tempo estavam em falta com a sua associação ou colônia de pescadores. Ambos os textos pertencem ao mesmo locutor V.M.. Ele defende a possibilidade de uma contribuição financeira mais sistemática e critica o comodismo de seus colegas; para isso, apresenta argumentos que favorecem uma conclusão positiva com relação ao pagamento mensal e propõe como o pagamento dessas mensalidades poderia ser feito, utilizando os enunciados supra-citados (4) e (5). E observando mais de perto a sua estrutura sintática, vemos que eles foram introduzidos no discurso pelos respectivos conectivos: 'pois então' e 'então'. Estas conjunções, que nos são apresentadas pela Gramática Tradicional como desprovidas de significado, possuindo apenas a única função de ligar orações, têm aqui uma função argumentativa importante, que é a de unir os argumentos, apresentando (4) e (5) como os de maior peso, da mesma maneira como vimos em (2). A presença de 'pois então' e 'então' nos respectivos enunciados, faz com que interpretemos (4) e (5) primeiro como sendo a conclusão mais óbvia se considerarmos tudo o que foi dito e todas as provas apresentadas por V.M., que nos levam a ver como inteiramente possível uma contribuição financeira mais sistemática por parte dos pescadores.

Continuando ainda no texto 31 (anexo 12), é interessante observar que o mesmo locutor logo depois transforma o que ele acabara de sugerir em algo que deve ser visto como um dever de todos. Mais uma vez ele o faz utilizando um enunciado interrogativo, (6); para provocar esse efeito de sentido, ele associa ao enunciado

uma entoação ascendente, um volume de voz bem maior e uma velocidade extraordinária de fala, além, é claro, da presença da conjunção adversativa 'mas' que tem a função de reforçar essa exigência de compromisso. E V.M. lança mão destes recursos, já que após ter realizado (5), onde ele faz a sua proposta de contribuição financeira, (V) coloca que não é tão fácil se conseguir uma participação massiva, pois mesmo sendo o valor da contribuição igual ao preço de um quilo de peixe, nem isso será tomado como um incentivo para uma maior participação financeira. Logo, todos estes elementos prosódicos e sintáticos combinados levam-nos a interpretar este enunciado interrogativo como levando à conclusão: ele tem o dever ou a obrigação de contribuir mais seriamente com a colônia. CAGLIARI (1990) já constatara em seus estudos que dizer algo "levantando o tom de voz", na prática, é muito mais rude e grosseiro quando o falante "fala forte", variando o volume de voz, do que falar variando a melodia ou a tessitura. É muito natural que às vezes alguns tons venham acompanhados de uma qualidade de voz que lhes é peculiar, contribuindo juntamente com a entoação para reforçar o significado que se quer transmitir (CAGLIARI, 1981).

Constatamos que na hierarquia interrogativa estabelecida por nós (4), (5) e (6) já se distanciam bastante do conceito tradicional de interrogativas, e mais distante ainda está (7), que possui uma força argumentativa tão forte que até a própria pergunta retórica é posta em questão, quando (M) introduz sua interrogativa por 'e será que' e logo em seguida tem-se a negação. Sendo assim, (7) completa o nosso quadro de interrogativas com funções enunciativas diferentes.

A frase (7) deve ser vista como uma interrogativa cuja função a apresenta como uma reprovação, ou seja, seu enunciador (M) não está só questionando a existência ou não de alguém capaz e sensibilizado em regularizar e resolver o problema da pesca predatória na região do Baixo-Tocantins (PA), mas sim expressa a sua indignação e reprovação com relação a essa situação de pesca predatória que está provocando a extinção do peixe no rio Tocantins.

Como último grupo de interrogativas, arrolamos os seguintes enunciados:-

(8) V.M: // 3 não ^ / olhe ^ // 6- e qua/lé o lu/gar / ^ me / diga qua/lé o poço de procria/ção que / nós temos aqui em Came/tá qua/lé ou Moca/juba ou em Bai/ão aonde /é // anexo 16.

(9) D.B: // 4 ^ e por que ele desapare/ceu // anexo 23

(10) M: // 4 quem / é que vai fa/lar // anexo 24.

(11) M: // 4 ^ por que o que en/tão a senhora acre/dita que a gente vai co/mer desse ta/manho // anexo 24.

Esse foi o grupo de frases interrogativas mais difícil de ser classificado e "etiquetado" com uma terminologia já existente e coerente. Primeiro, porque se aproximam bastante da definição tradicional de interrogativas, já que efetivamente provocam uma resposta. Por outro lado, embora sintaticamente elas tragam marcas de interrogação - como a indicação do interlocutor no enunciado, seja como sujeito - 'a senhora' (11) - seja como evidência de direcionamento do discurso provocando mudança de turno - 'me diga'

(8); ou então os advérbios interrogativos 'qual', 'onde' (8); 'por que' (9); 'quem' (10), 'o que' (11) no início de cada sentença - semanticamente sua função é outra. Outra contradição bem evidente é que apesar de aparentemente colocar o destinatário na obrigação de falar elas o impedem de prosseguir o diálogo. Eis a razão pela qual as trascrevemos em sua maioria com o tom 4, pois "quando -proferido com tom 4, o enunciado é uma pergunta que o falante deseja que seu interlocutor não responda (CAGLIARI, 1990). Seriam, então, perguntas retóricas, uma vez que obrigam o destinatário a responder, apesar de a resposta ser evidente? Mais uma vez temos que abandonar nossa postura cartesiana de análise e passarmos a uma visão holística dos enunciados no seu contexto discursivo, para assim procurarmos na situação do discurso as indicações necessárias para satisfazer as informações contidas na significação da frase.

Durante a enunciação de (8), a discussão girava em torno de estabelecer ou não um período de fechamento da pesca no Baixo-Tocantins, como medida para se resolver o problema da extinção do peixe. Para (G), um período de intervalo da pesca, em que fosse proibido pescar, seria o tempo necessário para que o peixe pudesse se reproduzir e atingir o tamanho ideal para a comercialização; V.M. discordava dessa proposta, afirmando que de nada adiantaria estabelecer um período de fechamento da pesca já que a reprodução do peixe não se dava na região.

Como já dissemos anteriormente, D.B. é um pescador predador por se utilizar do puçá, e (9) foi extraído do seu discurso de defesa da pesca com puçá. Quando enunciada (9), ele tentava mostrar com base em fatos reais e conhecidos por todos os pescadores, que o desaparecimento do peixe na região foi um castigo de Deus, e que portanto o puçá nenhum mal trouxe à região.

O mesmo fenômeno ocorre no trecho 68 (anexo 23), onde encontramos duas fortes interrogativas (10 e 11); trata-se agora não mais de uma reunião, mas sim de uma entrevista em que (M) não é pescador, porém é também atingida pelo problema, já que é casada com um e seu filho tem a mesma profissão. A entrevista, na verdade, estava sendo feita com (J) filho de (M); entretanto (M) se apodera da palavra e toma o lugar do filho, como pode ser visto na alternância de turnos, colocando todo o seu ponto de vista sobre o assunto.

Percebemos, assim, que estes enunciados interrogativos cobram uma atitude do destinatário ou interlocutor, que se vê "forçado" a dar uma resposta, de maneira que sua "obrigação" de falar produza a mesma conclusão que o locutor lhe impôs.

Considerando a afirmação de DUCROT (1980): para se compreender um texto não devemos nos preocupar somente com as indicações que ele fornece ao destinatário, mas sobretudo com os mecanismos, instrumentos pelos quais ele se constrói, os caminhos por onde segui-lo; lancemos, então, mão desses instrumentos. Quando

enunciadas, as interrogativas (8), (9), (10) e (11) marcam uma certeza, seus locutores constituem-se em autoridades de discurso, que evidenciam seu poder discursivo, desafiando seu interlocutor a contradizê-los, se este for capaz. O mais marcante desses enunciados é (8) transcrito com tom 6- , o tom do desafio. E por isso que o interlocutor é obrigado a responder de acordo com o pressuposto de cada enunciado:

PRESSUPOSTOS.

- (8´) não há nenhum poço de procriação na região do Baixo-Tocantins;
 (8´´) você está enganado ao dizer que existem poços de procriação na região do Baixo-Tocantins.
 (9´) você não sabe a causa do desaparecimento do peixe.
 (10´) ninguém é capaz de criticar e denunciar esta situação irregular.
 (11´) a senhora pode estar pensando que nós comemos o alevino;
 (11´´) nós não comemos o alevino.

Eis porque o locutor do discurso 36 (anexo 16), V.M., vendo a insistência do seu interlocutor em afirmar e defender a existência de poços de procriação na região, termina transformando em posto o que ele pressupunha na frase (8), dizendo: - 'nós não temos poços de procriação' - e ele o faz porque o destinatário recusou os pressupostos, transportando o debate para o terreno polêmico. Em vez de discussão, tem-se o afrontamento (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986). No texto 68 (anexo 23), o locutor D.B. permite aos seus interlocutores responder e mesmo exige que eles o façam com relação a precisar a

data de abertura da pesca na região: porém não faz o mesmo quando questiona a causa do desaparecimento do peixe um dia antes da abertura - frase (9) - explicando ele mesmo a causa desse desaparecimento: "porque Deus não quer que o homem interfira na vida dos peixes e deixe a natureza agir por conta própria". No caso da frase (10), após sua enunciação, o próprio locutor (M) dá a resposta: 'ninguém'. Já em (11), acabei por responder 'não', à pergunta que era feita por (M), dada a força do seu pressuposto.

Essa significação implícita é bem evidenciada no texto 78 (anexo 24), quando ao expressar sua revolta pela pesca predatória na região, ao dizer que sua família não pesca o alevino, nem compra, o locutor (M) não termina o enunciado, que eu completaria como "nem nós come", fazendo um corte brusco no enunciado, interrompido em 'nem nós/', seguido por 'só se derem' com um tom modificado para alto, realizado com salto e uma velocidade rápida de fala mais uma pausa e logo em seguida o enunciado (11). Todas essas marcas enunciativas e mais o fato de eu saber que todas as pessoas na região, inclusive os pescadores que combatem a pesca predatória, comem o alevino, me levaram a formular o pressuposto (11'), que não é muito evidente; mas por outro lado essa seria a conclusão mais certa que eu poderia tirar se o locutor não realizasse (11). E ousamos afirmar que temos aqui frases interrogativas com um pressuposto de que a teoria de Ducrot não dá conta, da mesma maneira que MALHEIROS-POULET (1984) constatou nas interrogativas com valor comparativo e intensificador. Isso se dá porque Ducrot não leva em conta em suas análises todos esses aspectos discursivos e

contextuais não presentes no enunciado ou no texto. E esta foi uma das maiores razões pela qual apenas (1) e (2) foram os enunciados às quais conseguimos aplicar a dupla tese de Anscombe e Ducrot.

Todas as interrogativas estudadas possuem ou um valor argumentativo ou um valor ilocutório quando utilizadas em contextos discursivos precisos que destoam da sua forma canônica. Eis porque apresentamos interrogativas que não buscam apenas colocar o interlocutor na obrigação de responder, mas que:

solicitavam ou pediam algo (papel tradicional da imperativas);

sugeriam ou propunham;

reprovavam algo;

cobravam os deveres de alguém etc.

Comprova-se mais uma vez que a entoação não serve apenas para distinguir uma frase declarativa de uma interrogativa.

Constatou-se, também, que esses efeitos de sentido se dão ao nível da enunciação e para isso o locutor se utiliza não só da entoação ascendente das interrogativas, como também de um volume maior de voz, velocidade rápida da fala, pausas, etc, o que não é levado em consideração pelos semanticistas e analistas do discurso, os quais muitas vezes nos dão a impressão de conceberem a língua como sendo somente a escrita, esquecendo-se de que a diferenças de significado carregadas pela entoação fazem parte da Gramática da língua (CAGLIARI, 1981).

Diante desta lacuna deixada pela Semântica Argumentativa, cujos teóricos não fazem uma análise mais detalhada da enunciação, teve-se que recorrer à Fonética e à Fonologia para se conseguir definir com maior clareza e precisão o fenômeno ocorrido nas interrogativas. Apesar de serem pontos de vistas diferentes, constatou-se, durante todo o estudo, que a enunciação está para o enunciado, assim como o supra-segmento está para o segmento.

Esta aproximação só é possível quando levamos em consideração dois pontos fundamentais: 1. a prosódia tem uma função importante na organização semântica e pragmática dos enunciados;

2. é por caminhos sutis e engenhosos que a entoação desenvolve vários papéis na comunicação, assim como o faz a enunciação na argumentação.

4.5.2 Afterthoughts

Traçando-se um paralelo entre a língua oral e a língua escrita verificar-se-á uma lista enorme de diferenças que as transformam em universos distintos.

Entre essas inúmeras diferenças está o grau de planejamento destinado a cada uma delas. Enquanto na língua escrita o tempo dispensado para reflexões prévias e a preparação organizacional anterior a sua expressão são bem maiores, de maneira a torná-los imprescindíveis na sua elaboração, na língua falada esses processos de elaboração se dão quase que ao mesmo tempo de sua expressão, de maneira que o que visto da escrita é o seu produto acabado e da oralidade o seu processo em andamento.

A língua oral não pode esconder seus processos de construção como faz a escrita. Eles são percebidos através de várias formas de descontinuidades como: paradas bruscas durante o discurso, avanços e retornos nas informações etc.

Essa transparência do texto oral decorre do fato de a língua oral não ser um processo unilateral, já que sua criação é coletiva. Esse processo é muito mais evidenciado em uma conversação, onde falantes e ouvintes trabalham juntos, alternando os papéis (TRAVAGLIA, 1988).

Entre essas várias formas de descontinuidades na língua oral estão os *afterthoughts*; trata-se de uma "interposição tardia na linha discursiva de uma informação elidida" (OCHS, 1979, apud TRAVAGLIA, 1988:12).

A ocorrência dos *afterthoughts* é dada quando "o falante percebe que uma informação importante para o tópico discursivo em desenvolvimento está faltando. Assim, o falante interrompe sua fala, replaneja-a de maneira a introduzir o que é dado que já deveria ter sido enunciado e assim poder dar continuidade ao assunto" (*idem*). A importância dos *afterthoughts* reside no fato de eles serem um ponto relevante do discurso. Sua ruptura é brusca e intencionalmente marcada, evidenciando-se assim que a informação introduzida pelo falante não deve passar despercebida, já que se trata de um dado importante a que o ouvinte deve estar atento.

Ao se observar os dados da fala cametaense, deparou-se com os seguintes exemplos de *afterthoughts*:

(1) /.../ eu tenho peixe, mas olha rapaz se tu esperasse mais um dia seria melhor não era só pra ti tu estás pensando só em tra/ só em \wedge na tua família seria melhor para as famílias dos outros pescadores /.../ anexo 9

(2) /.../ o mapará graúdo existe e muito aqui em Cametá no município de Cametá agora ele vive sumido ele-não pode se aparecer porque \wedge ele ele primeiro ele não pode ficar ai pra cima da praia porque — tem a perseguição da malhadeira \wedge de fibra \wedge e e depois o do puçá \wedge

que o puçá ele não pega ele espanta o peixe graúdo isso eu provo pra qualquer um não existe um que me/ pode dizer pode dizer esses que têm o puçá que vivem do puçá porque eles vivem acabando com o mapará miudinho, mas fazer vantagem no mapará graúdo não fazem /.../ anexo 19

(3) /.../ e num existe aqui no Baixo Tocantins curimatá _^ se num existe _^ sarda _^ eu nunca peguei/ quer dizer bloqueei sarda avortada _^ tenho pegado algumas que vem no bolo, mas eu não broquio lote de sarda /.../ anexo 23

(4) /.../ o meu marido fica MUITO brabo, nem fale _^ na nossa rede não passa desse mapará e nem nós compra e nem nós/ só se derem porque o que então a senhora acredita que a gente vai comer desse tamanho ? /.../ anexo 24

Os afterthoughts são identificados pela barra (/) nos trechos acima, onde há uma ruptura brusca e intencional do enunciado. Foneticamente, vejamos como isso acontece.

Em uma transcrição fonética da entoação, nos trechos onde ocorrem os afterthoughts, percebe-se que estes são marcados por uma mudança de tom rápida por salto:

(1') _____
 - - - - - | - - - - -
 // tu estás pensando / só em tra/ só em / _^ na tua fa/mília //

(2')

_____ < _____ >

_____- - - - - | _____ - - - - -

//não e/xiste um que me / pode di/zer pode dizer esses que /

_____- - - - -

têm o pu/çá//

(3')

_____ <

_____- - - - - | _____ - - - - -

//[^]eu / nunca pe/guei / quer di/zer bloqueei / sarda avor/tada//

(4')

_____ <

_____- - - - - | _____ - - - - -

//e nem / nós compra e nem / nós / só se / derem //

Com exceção do trecho (1'), em todos os outros a mudança de tom baixo para alto é associada a uma variação do volume de voz, destacando-se assim os afterthoughts de todo o enunciado.

Como a formulação do discurso tem em vista intenções comunicativas que se vão atualizando no próprio processo de interação discursiva (idem p.7), não se pode perceber a função e efeito dado pelos afterthoughts nos trechos acima sem se levar em consideração todo o contexto discursivo e o interlocutor a quem o

enunciado é dirigido. Vejamos, portanto, como essa interação discursiva é determinante na ocorrência dos afterthoughts, analisando discursiva e foneticamente os dados acima.

Começa-se destacando três grandes características presentes nos enunciados.

O grande ponto comum que une todos os enunciados é o assunto central discutido em seu bojo: todos os locutores dos enunciados estudados discutiam o uso do puçá, seus danos ecológicos e qual a melhor postura a ser assumida para combatê-lo.

O outro ponto convergente que os caracteriza encontra-se na própria estrutura segmental do enunciado, pois mesmo com a frase interrompida bruscamente é fácil deduzir seus elementos elididos, já que o afterthought funciona ou como seu elemento retificador (1', 2' e 3') ou então para confirmá-los (4').

Por último, a própria atitude do locutor no momento da enunciação. Percebendo que formulou algo inadequado, o locutor interrompeu seu enunciado e se corrigiu na sequência. Essa sua atitude mostra que ele se preocupou em não infringir as leis conversacionais (TRAVAGLIA, 1988:04). E os afterthoughts ocorridos em (1, 2, 3 e 4) que podem ser vistos como um procedimento de aparente desestruturação do discurso oral, na verdade deve receber uma interpretação positiva, já que ele é uma estratégia facilitadora da compreensão movida pelo falante (idem).

Em todos os enunciados destacados acima (1, 2, 3 e 4), a grande preocupação do seu locutor consiste em não pronunciar algo que possa contradizê-lo.

Em (1') não se pode precisar corretamente qual o termo interrompido, mas o locutor de (1') percebendo que não iria empregar um termo apropriado que correspondesse fielmente a sua idéia, sem provocar ambiguidade por parte do seu interlocutor, busca imediatamente corrigir-se, mesmo quando fez a mudança do tom, o termo apropriado não veio logo facilmente e só depois de uma rápida parada (^) é que ele apareceu: 'na tua família'.

Continuando a análise dos dados escolhidos da fala cametaense como representativos do fenômeno afterthought, vemos que nos três outros enunciados, o processo ocorre muito mais evidenciado e conseqüentemente muito mais fácil de ser identificado.

Começando por (2), seu locutor se encontrava exatamente no momento mais forte do seu discurso em que acusava o puçá e outros tipos de pesca predatórios da região de serem prejudiciais e também de serem incapazes de capturar o peixe de tamanho ideal para comercialização: 'o mapará graúdo'. Ao apresentar seu argumento como verdade absoluta que ninguém poderia mesmo contestar: 'não existe um que me'; eis que imediatamente ocorre o afterthought: 'pode dizer pode dizer esses que têm o puçá', onde ele retifica lembrando-se que há quem se posicionará contrário a sua opinião: 'os próprios pescadores de puçá'.

O mesmo se repete em (3) e (4). O locutor de (3), um pescador predador, defendia-se dizendo que o desaparecimento do peixe jamais poderia ser atribuído ao uso do puçá na pesca do Baixo-Tocantins e que ele próprio, enquanto pescador, nunca havia capturado com sua rede nenhum dos peixes em extinção, apesar de se utilizar do puçá na pesca. Para reforçar seu argumento o locutor de (3) lista vários tipos de peixe que desapareceram ou estão em processo de extinção, mas que ele nunca pescou. É ao enumerar suas "provas", ele percebeu que enunciou algo que não correspondia à verdade dos fatos: 'nunca ter pescado sarda'. Em (4) pode-se muito bem verificar como se deu a correção que na enunciação foi destacada com a subida de tom mais a variação do volume de voz.

Esses mesmos elementos fonéticos associados vão aparecer em (4'), quando seu locutor, ao contrário do anterior, combatia a pesca com puçá. Quem enuncia (4') não é um pescador, mas sim a mulher de um deles. Ela colocava sua total indignação contra o fato, e no entanto, ela igualmente ao locutor de (3) interrompeu e corrigiu seu enunciado no momento em que também enumerava quais as atitudes concretas tomadas por sua família para combater a pesca predatória como: não pescar o alevino, não comprá-lo, nem comê-lo. Percebendo que o fato de afirmar que não comia o alevino não era verdadeiro, pois como já mostrei em 4.5.1, todos consumiam o alevino mesmo os pescadores de rede de bloqueio, seu enunciador o interrompeu, chegando mesmo a não concluí-lo, e apresenta seu afterthought sob forma de condição para realizar a ação (4'): 'só se derem'. O

interessante é que ciente de sua contradição, ela tenta corrigir-se, interrogando o interlocutor quanto à opinião dele sobre a sua postura: 'por que o que então a senhora acredita que a gente vai comer desse tamanho?', como já se estudou detalhadamente a função discursiva desta interrogativa no ponto 4.5.1, não se repetirá o que foi discutido.

Os afterthoughts são enunciados com uma subida brusca de tom e com uma variação de volume de voz. Esses dois elementos prosódicos desempenharam a função de evidenciá-los bastante, destacando-os de todo o resto do enunciado, com o objetivo de fazer com que o interlocutor esqueça rapidamente o que fora enunciado antes do afterthought.

CONCLUSÃO

A evolução dos estudos fonéticos e o avanço das teorias fonológicas apontam para uma nova Fonologia que:

- busca nas alterações fonéticas processos sintagmáticos, quando estuda os segmentos, como a Fonologia de Governo;

- se interroga sobre a significação e os diversos efeitos de sentido provocados pelos sons da fala, enquanto elementos supra-segmentais, como faz a Fonologia de Discurso.

São esses dois pontos que permeiam a diversidade de análises presentes neste estudo sobre o falar caboclo de Cametá na Amazônia, e que o caracterizam como emergente deste ponto de mutação.

Os estudos fonéticos não podem mais ser classificados como estudo de formas linguísticas, pois eles evidenciam uma preocupação com a função discursiva que os sons da fala podem exercer. A taxonomia perde terreno para as explicações coerentes e convincentes dos fenômenos fonéticos.

Foi esta nova concepção de Fonologia que direcionou todo o presente estudo, permitindo demonstrar:

1. o processo de simplificação presente tanto na alofonia do [u] quanto na neutralização de oposição das líquidas, provando que tanto os núcleos ramificados como os onsets ramificados têm a mesma estrutura subjacente, desde que a posição regida seja ocupada por uma líquida;

2. os diversos efeitos discursivos assumidos pelos elementos supra-segmentais como o volume de voz, a velocidade de fala e a entoação, tanto no valor argumentativo das interrogativas, quanto nos afterthoughts.

E será seguindo esses mesmos passos metodológicos que prosseguirei na pesquisa tentando descobrir:

- os condicionamentos do deslocamento de acento tônico presente na variedade linguística cabocla de Cametá;

- qual recurso prosódico é utilizado pelos pescadores para a manutenção do ritmo de seus enunciados orais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais com índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 2. Campinas: IEL/UNICAMP. 1981.
- ABAURRE-GNERRE, M. B & CAGLIARI, L. C. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 10. Campinas: IEL/UNICAMP. 1986.
- ANSCOMBRE, Jean Claude & DUCROT, Oswald. Interrogation et Argumentation. In: Langue française, 52, Paris: Larousse, dezembro. 1981. p. 5-22.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo. HUCITEC. 1988.
- BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes Editores. 1988.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Fugindo da Norma. Campinas: Atomo. 1990. Série Polemiké.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Investigando o ritmo da fala. Campinas: Unicamp. 1980 - texto mimeografado.
- . Elementos de Fonética do Português Brasileiro. Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP. 1981.
- . Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. Campinas: IEL/UNICAMP - texto mimeografado, 1990.
- . Aspectos Acústicos da Entoação do Português Brasileiro. Texto mimeografado.
- CRYSTAL, David. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. The Sound Pattern of English. New York: Harper et Row, Rubenshers. 1968.

- CRUZ-TRINDADE, Regina Célia Fernandes. Quando uma pergunta não é bem uma pergunta : o papel argumentativo das interrogativas em português. Florianópolis. Trabalho apresentado no curso Semântica Argumentativa. UFSC. 1990.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Movimento do Sintagma Nominal Interrogado em Português. Dissertação de Mestrado. UFMG. Belo Horizonte. 1983.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix. 1983.
- DELL, François & VERGNAUD, Jean-Roger. Les développements récents en phonologie: quelques idées centrales. In: HIRST, Daniel et alii. Forme sonore du langage. Paris. Hermann. 1984. p. 1-42.
- DUCROT, Oswald. Les mots du discours. Ed. Minuit. Paris. 1980.
- FONAGY, Ivan. La vive voix. Payot. 1983.
- FUCHS, Anna. 'Deaccenting' and 'default Accent'. In: GIBBON, D. & RICHTER, H. (org.). Intonation, Accent and Rhythm studies in Discourse Phonology. Berlin Walter de Gruyter. 1984. p. 134-64.
- GARDE, Paul. L'accent. Paris: Presses Universitaires de France. 1968.
- GERALDI, Wanderley. Portos de Passagem. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- GIBBON, D. & RICHTER, H. Phonology and Discourse: a Variety of Approches. In: GIBBON, D. & RICHTER, H. (org.). Intonation, Accent and Rhythm studies in Discourse Phonology. Berlin Walter de Gruyter. 1984. p. 1-9.
- GIBBON, D. & RICHTER, H. (org.). Intonation, Accent and Rhythm studies in Discourse Phonology. Berlin Walter de Gruyter. 1984.
- GOLDSMITH, John. Autosegmental Phonology. Ph. D., M.I.T. New York: Garland. 1976.

GRUNDSTROM, Allan & LEON, Pierre. Interrogation et Intonation. *Studia Phonetica* 8. Didier. 1973.

HARRIS, James W. Spanish Phonology. Cambridge: MIT PRESS. 1969. P.6-7.

HIRST, Daniel. Prosodie et Structures de données en phonologie. In: HIRST, Daniel et alii. Forme sonore du langage. Paris. Hermann. 1984. p. 43-62.

HIRST, Daniel et alii. Forme sonore du langage. Paris. Hermann. 1984.

HOCHGREB, Norma. Análise Acústico-Perceptiva da Entonação do Português: a frase interrogativa. Tese de doutorado. USP. São Paulo. 1983.

HOOPER, Joan. An Introduction to Natural Generative Phonology. London: academic Press New York San Francisco.

HYMAN, Larry M. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, rinchart and Winston. 1975.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, Wanderlei. Semântica. São Paulo: Atica. 1985. Série Princípios.

Jornal " A Província do Pará ". novembro. Belém. 1986.

LAYE, J. et alii. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. In: Phonology Yearbook, 2, p. 305-329. Cambridge University Press. 1985.

LAYE, J. Phonology: a cognitive view. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers. 1989.

ERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. L'implicite. Armand Colin Editeurs. Paris. 1986.

MACH, Ingedore G. Villaçã. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez. 1987.

ONOPCZYNSKI, Gabrielle. Le statut de la Prosodie dans les recherches sur l'acquisition du langage: réflexions sur les corpus. In: Studia Phonetica 17, Problèmes de Prosodie, v.1, Québec: Marcel Didier. 1979. p.49-59.

- LEON, Pierre. BB ou la voix "charmeuse", "petite fille" et "coquette". In: Studia Phonetica 18, Problèmes de Prosodie, v.2, Québec: Didier. 1981. p.159-71.
- LIBERMAN, M. The intonational System of English. Ph. D., M.I.T.. Indiana: Indiana University Linguistics Club. Bloomington. 1975.
- LOUREIRO, João de Jesus & LOUREIRO, Violeta. Inventário Cultural e Turístico do Baixo-Tocantins. Belém: Instituto do desenvolvimento Econômico Social do Pará. 1987.
- MACAMBIRA, José Rebouças. Estrutura da Oração Interrogativa. Publicação do Centro de Cultura Portuguesa. Fortaleza. 1968.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. Les expressions d'intensité en Portugais du Brésil. Université Lyon II. Centre d'études méditerranéennes et ibéro-américaines. Lyon. 1984.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da Conversação. Editora Atica. São Paulo. 1986. Série Princípios.
- MATEUS, Maria Helena Mira. Novas Perspectivas em Fonologia. comp. por M. H. M. Mateus e A. Villalva. Lisboa: FLL. 1985.
- MESCHONNIC, Henri. Qu'entendez-vous par oralité ? in: Le rythme et le discours. Langue Française. 56, Paris, 6-23, 1982.
- NYEKI, L. Le rythme linguistique en français et en hongrois. Langue Française. n.19, septembre, Larousse, 1973.
- PARK, Young-Me. Aspects syntaxique et rythmique de l'organisation prosodique des phrases en français: étude acoustique des variables temporelles et mélodiques. In: Travaux de l'Institut de Phonétique de Strasbourg. 1989, n. 21, p. 1-210.
- OSAKABE, Haquira. Argumentação e Discurso Político. São Paulo: Kairós. 1979
- PILCH, Herbert. Les mots anglais à accent mobile. In: Studia Phonetica 17, Problèmes de Prosodie, v.1, Québec: Marcel Didier. 1979. p.3-8.

PONTES, Eunice. O Tópico no Português Brasileiro. Pontes. São Paulo. 1987.

ROSSI, M. L. Intonation et la Troisième Articulation. In: Bull. Soc. Ling. Paris, LXII (1), 1977. p. 55-68.

SCHANE, Sanford A. The fundamental of particle phonology. In: Phonology Yearbook, 1. Cambridge: Cambridge University Press. p. 129-155.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). A ordem Informacional: o processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. Projeto Gramática do Português Falado. Campinas. 1988. mimeografado.

VIEIRA, Maria de Nazaré. Aspectos do Falar Paraense: fonética, fonologia, semântica. Belém : Universidade Federal do Pará. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. 1983.

ANEXO 1 - TRECHO 14 - ENTREVISTA

S.B: /.../ pescador não tem é a classe mais analfabeta que tem é a classe mais analfabeta tá aqui ele que lida com pescador. Muito difícil de você conseguir um diálogo com eles, porque eles não têm cultura, então é a classe mais com menas cultura e e e e e ^ mais pobre, porque não tem onde morar, eles se acostumam no rio pra cima e pra baixo, a maré vaza eles vão na vazante a maré enche eles vão na enchente e acaba lá termina o patrimônio dele o patrimônio dele era tudo isso. Quando houve no governo do Figueredo, que o governo federal assinou a casa própria para o trabalhador rural eu fui no BNH, vê se nós não tínhamos o direito da casa. Tinha um homem lá, sentado numa numa assembléia e disse pra mim que de fato eles estavam tratando daquele assunto que eu tinha ido ver e aonde era que eu queria a casa. olha eu, pra mim serve em Cametá ou em Belém, porque eu quero ensinar meus filho. Ai um pessoal que estava na reunião disse: - mas esta casa não era para para o pescador e o pescador não vive na beira do rio - eu disse olha a casa não é pro pescador, que o pescador não mora na casa, ele mora numa numa feitoria que a gente chama é é umas varas fincada na praia e lá bota um um encerado ou umas palha por cima lá ele fica debaixo até que o cardume do peixe sai pra outra posição, ele torna ai leva a casa na costa que nem caracó, agora ^ a casa que eu tô falando é pro filho do pescador pra evitar que haja uma maior número de analfabetismo /.../

=====

ANEXO 2 - TRECHO 16 - ENTREVISTA

S.B; imagine se fosse investido, em lugares aqui que nós temos lagos aqui como aquele da praia Grande né? ^ a praia Grande ali a Marreca, são ilhas que num mora ninguém, ^ ilha que não mora ninguém é só o pantano ali você chega lá e pega assim na raiz do mururé /.../

ANEXO 3 - TRECHO 17 - ENTREVISTA

G: /.../ ele chegasse em Cametá com essa turma reunida, colono, advogado da colônia tudo ^ advogado de lá, advogado daqui, a doutora Regina que mexe com esse ponto ^ e vem ^ e faz-se o seguinte ^ o PUVU de Cametá tá disposto a entregar as redes ^ desde que ^ o Ibama ou o governo federal ou a ELETRONORTE que é CAUSADORA deste grande problema ^ do Baixo Tocantins ^ nos dê o material adequado pronto, não queremos saber/ eu tenho cem metros de rede ^ é de bloqueio, me dê cem metros de rede que é pra pescar ^ já diminui o pre/ o o o prejuízo deles, porque os redeiros daqui ficam com a cortiça e o chumbo ^ que já diminui cinquenta por cento ^ o prejuízo quer dizer o seguinte/ ^ então nos dê este pano /.../

=====

ANEXO 4 - TRECHO 18 - ENTREVISTA

G: /.../ tem trezentos e tantos que nunca pegou como diz o seguinte nem o caniço ^ inclusive tem gente aposentada pela colônia de Cametá

C: é

G: [que hoje ((incompreensível))

R: [que nunca foi pescador ?

G: QUE NUNCA FUI

C: pescador

G: se matricu-

lou passou a ser pescador ^ e o sujeito [((incompreensível))

C: [guarda o beneficiamento

/.../

=====

ANEXO 5 - TRECHO 19 - ENTREVISTA

i: /.../ setenta e quatro ^ ficou dois que não fez o puçá ^ foi este aqui lá está a rede dele e o João Pinto outro pescador lá de cima só só só ^ até um dos maiores pescadores que tem aqui ^ não ^ assim talvez em capital até maior ^ seu Vicente Marques NAO TEM O PUÇA/ como eu disse nessa reunião passada ^ Vicente Marques nunca pescou de puçá e eu acredito agora mandou pescar PORQUE ^ ele não diz que não porque o puçá dele/ o filho dele tem puçá preso lá em Portel

i: já foram presos dois

: ENTAO NINGUEM PESCOU ^ quer dizer então o único que não tem são esses dois que eu vejo /.../

ANEXO 6 - TRECHO 20 - ENTREVISTA.

C: /.../ então ^ acontece o seguinte ^ que o pescador desde que ele seja o pescador o profissional ((muito rápido)) tão pouco que ele conhece a profissão/ então, nós temos uma defesa pra este maparazinho, se eu me enganar ^ então ele vem com vida na tonda d'água o pescador consciente ele sortia ^ deixa ir embora ^ e fica só pegar/ vai pegar o graúdo não mas aqui não, é uma destruição é o que/ olhe só dentro deste deste mês tão pegando ^ centena de de de tonelada de de peixe miudinho /.../

=====

ANEXO 7 - TRECHO 22 - ENTREVISTA.

C: ou ele dava dia primeiro de novembro ^ ou dava dia treze de dezembro ^ dia oito de dezembro ou treze de dezembro é um fenomeno ele ir buscar os ^ o primeiro dia de mês do mês de janeiro /.../

=====

ANEXO 8 - TRECHO 23 - ENTREVISTA.

C: então era/ eu perguntei pro doutor Sebastião que era o mais/ era o chefe deles ^ eu disse doutor que diferença tem o mapará da noite pro dia ? ele ficou assim ^ ele olhou aí tin/ tava o doutor Jair ^ com ele, ele disse Jair o que tu diz ? ^ ai o doutor Jair pegou coisa e tar ^ olhou olhava pro da noite olhava pro do dia e lá ele disse ^ ele disse doutor o que eu acho que é o mapará da noite é o mapará desaparecido ^ e o mapará do dia é um mapará perfeito olhe tá o beicinho róseo coisa e tar ^ doutor Sebastião disse é, ^ eu também acho que seja/ não é seu Chico ? eu disse é ^ acho que seja doutor ^ mas na: parte do indigena ^ o pescador era um indigena né ? ^ começou do indigena ^ eu disse pro:/ ainda pro que tem o micróbio como eu do indigena ^ então o mapará da noite ele é peixe que está com vazio intesti/ com o vazio vazio ^ ele fica desaparecido ele tá com o vazio vazio o intestino vazio e o do dia ele está com o intestino cheio peixe róseo ^ e é que o peixe da noite chegou a sombra da noite ^ a brisa da noite então ele buia todo em riba d'água pra fazer aquela aquela viagem dele e fazer a pastagem que é aonde ele vai defecar na beira das praia ^ fazer as feze as feze dele /.../

ANEXO 9 - TRECHO 26 - ENTREVISTA.

F: /.../ porque o material deles é fácil de manejo ^ se eu tiver o material só eu com esse cidadão aqui esse menino nós pegamos muito peixe ^ porque não precisa ir lá no fundo, mergulhar, pra trançar, só joga tipo uma ^ uma tarrafa aquilo joga puxou o que tiver dentro vem mesmo ^ e quando chegar aqui na em terra o peixe já está morto

G: só tem que é miúdo

F: ((muito rápido)) SO E QUE E MIUDO ^ porque o miúdo é fácil de se pegar ^ /-então a gente a gente pede pra eles, explica ^ e: como eles fazem conscientização pela rádio ^ ai não demora ele chega com o peixe miúdo a gente chama leva perante a autoridade pra amendrontar/ isso é mas eu ^ eu não tenho ^ outros meios ^ eu não vou ver meu filho morrer de fome eu tenho que pegar disse mas olha ^ / como eu disse nesse dia nós tava conversando nesse nesse ^ / eu tenho peixe mas olha rapaz se tu esperasse mais um dia seria melhor não era só pra ti tu está pensando só em tra/ só em na tua família seria melhor para as famílias dos outros pescadores como é que a minha família, do meu cunhado, do meu irmão, tudo nós temos parado ^ temos já ^ se virando de outro jeito mais de quatro, cinco anos que nós temos trabalhando porque vocês não nos dão condição ^ mas não nos dá não é por isso que nós temos morrendo de fome, nós temos dando jeito da gente e se todo mundo fizesse isso ^ bastava nem precisava um ano ^ pra todo mundo ^ como é que a gente diz na giria ficar por cima mesmo, porque agora a maior fonte de renda que existe é o peixe /.../

=====

ANEXO 10 - TRECHO 27 - LEITURA.

F: forum de debate, ^ tema ^ piracema ^ e petrecho de pesca, ^ o objetivo ^ discutir o periodo real ^ de defesa ^ do Baixo-Tocantins ^ bem como seus materiais adequados à pesca ^ atendendo às peculiaridades ^ regionais ^ considerando, ^ as condições do meio ambiente ^ pesqueiro, ^ finalidade ^ preparar um documento de consenso das colônia de pescadores do Baixo-Tocantins, ^ o qual será encaminhado ^ ao Ibama ^ para ser considerado na elaboração ^ da portaria ^ que dispõe sobre o periodo ^ da defesa da região.

ANEXO 13 - TRECHO 32 - REUNIAO.

V.M: /.../ mas bem você conhece do Pindobal a Curuçambaba ^ é bem poucas pessoas que não é pescador ^ aquele que não tem rede mas ele tem a malhadeira, né ? tem o pari, tem a ((incompreensível)) tem tudo, tudo é pesca ^ olhe ((muito rápido)) tem: matapi, tudo tem matapi ^ olhe um um um quilo de camarão é quinze, vinte cruzado, né ?

V: vinte cruzado

V.M: pois então, será que ele não pode dar dois quilo ou três ? ^ por mês

V: num mês

V.M: acho que ali tá/ tem que apertar um pouquinho /.../

=====

ANEXO 14 - TRECHO 33 - REUNIAO.

V.M: /.../ agora ^ escute ^ porque ^ a reunião a reunião de Abaeté é o seguinte ^ os pescadores de lá vão pescar com a rede ^ mas todos eles vão assinar um compromisso sobre o tamanho do peixe ^ então ^ o senhor tá ouvindo aqui ^ EU VOU ASSINAR AQUI ^ agora o senhor tem que assinar por exemplo quando o senhor ^ sair pra pescar o senhor assina naquele cartório de lá pra mim ^ pra mim ter um dia um comprovante que o senhor ^ tá me desobedecendo ^ tá certo?

G: culpado é tu e não ele

V.M: é é, não, eu não

G: então é o que eu digo culpado é ele o predador e [não tu

V.M: pois é, tem que ter um comprovante na sua mão você vai pescar eu lhe dou a rede ^ agora você vai me deixar um comprovante

G: exato

V.M: porque eu vou resolver pelo senhor

B: o senhor faz uma declaração e assina

V.M: é é você assina que o senhor vai pescar e se compromete a não pegar o peixe por exemplo ^ qual é o tamanho ? vinte e quatro ?

G: vinte e cinco centímetros ^ acima o o tamanho ^ da legislação é vinte e oito centímetros e quatro décimo ^ quatro décimo são as nadadeiras ^ assim a legislação pesqueira está escrito na portaria tudinho ^ mas o peixe ^ em si ^ ficou pra vinte e cinco centímetros /.../

ANEXO 11 - TRECHO 30 - REUNIAO.

G: /.../ eu, tenho minha consciência livre como muitos dizem, eu quando sair da colônia eu deixei um livro de retrato ^ e ^ então alguma coisinha que tinha na colônia ^ o que foi adquirido ^ estava naquele livro de retrato ^ / ele não é porque acontece o seguinte é demais meu amigo é um sujeito MUI:TO direito ^ MUITO direito ^ eu posso lhe garantir, posso lhe afirmar ^ que o Daniel é uma camarada MUI:TO direito, mas acontece o seguinte aqui tá tendo uma falha e esta é ^ é a falha de de apresentar /.../

=====

ANEXO 12 - TRECHO 31 - REUNIAO.

F: /.../ agora enquanto o pescador não pescar não pode ter nada ^ e ele não tem subsídio de onde tirar

V.M: não, mas não

F: ((incompre-
ensível)) dentro desses anos não se tem uns três ou quatro anos

V.M: mas, escute, mas tem ^ tem pescadores que que ainda não parou de pescar ^ uma parte que tá mais de dez a quinze mil pescadores que tão pescando e pode pagar

V: e pode pagar exatamente

V.M: agora
falta uma fiscalização uma cobrança ^ porque olhe ^ se eu tiver errado pode dizer: - mentira dele ^ (Intrilha) tudo é pescador

V: tudinho

V.M: pode se rodar de casa em casa

V: de casa em casa exatamente

V.M: Cacoal

V: é Cacoal ((incompreensível))

V.M: CA-SA EM CA-SA ^ Jaracuera ^ /
porque eu acredito aquele que não pesca de bloqueio pesca com uma malhadeira, pesca com o pari, não é pescador ?

V: espinhé

V.M: então será possível que ele não pode dar um quilo de peixe

V: exatamente

V.M: [por mês] ou dois para a colônia [pra ajudar

V: [por mês] [não dá um quilo mestre não dá um quilo

V.M: mas não dá, mas que ele não pode dar ? ^ pra nós ter menos uma casa pra pra uma reunião mais gorda ^ pra não tá pedindo pros outros /.../

ANEXO 15 - TRECHO 34 - REUNIAO

G: /.../ a dona deste documento, é a procuradora gerá a advogada gerá da Federação

N: essa Regina ?

G: a doutora Regina não a outra Regina, não é esta, a outra Regina, Regina branca, está é mais moreninha, a Regina branca. Esta Regina vem direto pra cá e nesta, com esta Regina eu queria conver/ queria levar pra sua casa pra nós tratarmos lá em cima e bolar um documento como é que se pode fazer a lei aqui/ lá em cima no sábado pela manhã na hora que ela chegar aqui eu retiro ela daonde ela estiver pra gente correr pra lá porque ai ela vai orientar como foi feito a derruba do Arraguaia de 20 anos a lei do Araguaia nós vamos mostrar o que nós temos/ como diz o seguinte, o que está copiado aqui porque que horas é a reunião de sábado ? é à tarde ? ou a manhã ?

N: ((incompreensível))

G: ((incompreensível)) pois então nós já tiremos lá ((incompreensível)) ficou marcado, seria falando ou vendo você fazer comigo nós vamos fazendo, você trancado ali naquela casinha hoje ou amanhã você que é mais ocupado do que eu que está com a mulher no estado, você marca uma hora pode ser às duas horas, tô lá na sua casa ((incompreensível)) e nessa hora eu tô lá, você vai fazendo, vendo o que a gente vai mexer porque olhe, eu quero EU QUERO que mexa com o serviço da rede eu quero que mexa com o tamanho do peixe que está em legislação eu quero que mexa com o caso da Eletronorte prejudicando a pesca daqui debaixo então eu quero que mexa com o pescador e quero que traga a fiscalização ESSE E O MEU PONTO DE VISTA agora eu não sei o ponto de vista dos outros eles pedem lá o seguinte /.../

ANEXO 16 - TRECHO 36 - REUNIAO

V.M: /.../ não olhe e qualé o lugar ? me diga, qualé o poço de procriação que nós temos aqui em Cametá ? qualé ? ou Mocajuba ? ou em Baião ? aonde é ?

G: se você se refere eu vou lhe dizer

V.M: me diga

G: nós temos procriação até dentro dos igarapés

V.M: mas

G: escuta ai nós temos o mapará

V.M: ele vai de acordo com a maré, aqui não tem peixe, agora vigia aonde ele está, mas chega o mês de julho ele está aqui já de volta

G: mas vicente

V.M: nós não temos poço de procriação

G: tem outros peixes miúdos

V.M: não, mas de outros peixes miúdos não se trata dele aqui /.../

ANEXO 17 - TRECHO 38 - REUNIAO

V: /.../ nesse setor pelo meno em que eu, que eu convivo ai, né ?
^isso eu achei prejudicial ^ porque eu conheço lá lu lugares, tudo
pelo menos é ^/ acho que não é só eu que conheço, os canais do
Pacui é fundo ^ ((incompreensível)) pra baixo ^ tem ai de novo
^passa em frente de casa é fundo ^ e é com chicote, eles iam lá na
terra ^ com a malhadeira ^ então pegavam o mapará, o filhotinho ^ o
doratinho, esses peixes

G: agora a lei da capitania não consente
visse deixa boiar, viu ? NEM DE MANEIRA NEM MALHA DA CAPITANIA
NAO DEIXA ^ boiar /.../

=====

ANEXO 18 - TRECHO 51 - ENTREVISTA.

N: de pescador dessa época que eu sei que que vive bem hoje em dia
^é só o Vicente Marque ^ o Mozar ^ e o Vidico

G: Le o Chico o Chico porque tem
também cacau

N: o Chico mas o Chico é é uma classe ^ pequena mas uma
classe pequena ele vive só se mante quando não tem capital porque
num o o capital pelo menos agora a sa/ o cacau você vê a
situação que está um um preço que não dá pra nada.

=====

ANEXO 19 - TRECHO 52 - ENTREVISTA

N: o mapará graúdo existe e muito aqui em Cameté no município de
Cameté agora ele vive sumido ele não pode se aparecer porque ^ ele
ele primeiro ele não pode ficar ai pra cima da praia porque tem a
perseguição da malhadeira ^ de fibra ^ e depois o do puçá ^ que o
puçá ele não pega ele espanta o peixe graúdo isso eu provo pra
quarquer um não existe um que me/ pode dizer, pode dizer esses
que têm o puçá que vivem do puçá porque eles vivem acabando com o
mapará miudinho mas fazer vantagem do mapará graúdo não fazem

G: eu concordo contigo /.../

=====

ANEXO 20 - TRECHO 63 - REUNIAO

G: /.../ o pessoal de Cameté tá tudo em Limoeiro do Ajurú se você
fosse hoje comigo via todo mundo lá pegando o mapará que tá
chegando aqui toda hora, todo dia ^ então quer dizer ^ se fechar

num tempo desse aqui, houve um/ aquela primeira portaria que veio pra cá parece que zero dezessete a zero diz/ foi fechado pra cá de agosto ^ a de agosto a novembro ^/ quer dizer o seguinte na época em que pode pegarem o mapará graúdo que tá pra cá o mapará graúdo tá no Paulo, parece que o mapará graúdo tá pra cá ^ foi quando fizeram a primeira portaria/ esta segunda ^ veio agora ^ de ^ novembro ^ a quinze de fevereiro ^ que era primeiro de fevereiro agora passou pelo estado, segundo eu li um documento ^ e ficou pra quinze de março ela ((incompreensível))

R.Ad: qual seria ((incompreensível))

G: agora eu num/ eu lhe digo o seguinte pra mim ^ pra mim eu não acho viável, eu acho a proibição é do peixe miúdo, eu não acho viável, e no meu modo de ver, NO MEU PONTO DE VISTA ^ eu não acho como diz o seguinte eu só sou contra o mapará miudinho, me perdoe quem está ouvindo pegador de peixe, quem quer que seja, eu só sou contra o mapará miudinho ^ contra dele pegar graúdo, altura de rede, eu não sou contra ela não, agora porque esse puçá além de que das malhas são muito fininhas ^ eu sou contra ^ a pegação, porque se não fosse isso o apetrecho de pesca como diz o seguinte, o atum seria pescado com uma malha desse tamanho, ele é pescado com uma malha muito pequena, porque eu já andei no ocea/ ai fora e não se pesca o atum é pescado por causa da subven/ da pegação ^ da brigação do mapará, mas isso ^ é o caso que o pescador, nem todo o pescador tem o consenso e é por isso que eu lhe digo esse negócio de fecha de pesca pra mim ^ eu não entendo não sei como diz o seguinte, agora, pra mim ^ é não deixar pegarem o miudinho porque é só isso que eu tenho no meu modo de pensar /.../

=====

ANEXO 21 - TRECHO 64 - REUNIAO

V.M: /.../ já tem muito peixe miúdo ^ é porque esse peixe miúdo num ^/ eu por exemplo num num posso num lhe explicar da onde ele vem porque tem tempo que aparece um cardume lá perto do Sapo lá tá o pescador, também ali outro está na na na aqui no Pitiú tem no Mandii olha tem no Jocaminhoca, tem na Marrequinha em todos os lugares ^ aparece esse cardume que eu não posso nem de lhe explicar se ele ^ está ^ veio daqui ^ ou se é daqui do Tocantins porque tem vezes que eu acho que aqui o meu colega aqui que ^ que chama Carequinha pra ele né ? mas que tem vezes que a gente encontra os cardume de peixe que vem assim torcendo, né ? a gente mete a cuia assim ^ vem cheia daquele peixinho assim ^ é vem assim parece um microbiozinho na água

V: todo tempo

V.M: TUDU TEMPO
^ então ^ eu acredito que ^ na minha, a minha sugestão a pesca não viria fechar ^ fechava era a proibição todo tempo em cima ^ quem matasse deveria ser punido

V: mapará miúdo

V.M: MIUDO SIM ^ é porque olha já passou todo o peixe ^ graúdo aqui em Cameté não tem peixe graúdo mais pra pegar um peixe graúdo agora tem que ir pro setor desse pessoal pra Abaeté já porque aqui não tem mais já foi tudo até a malhadeira ficou de ver já chega pou:co aqui, né ? ^ / tudo foi embora, peixe ^ porque o peixe ele vive na maré, né ? ^ ele só vem vortar em maio ^ também ^ no mês de: ^ agosto pra setembro ele já passou tudo ^ já está / já fica daqui do Pacui pra cima ^ Mocajuba e e foi embora ^ então, porque ^ esse tempo por exemplo ^ fica fechado só esse tempo ^ olha em em mês de ^ de novembro não tem peixe miúdo por aqui ^ tem ó ? não, ele tá sumido não se sabe ^ quando é janeiro que ele vem e vem cardume de todo lado dezembro ^ já vem ^ peixinho ^ então já devia estar em cima ai pra não não deixar matarem /.../

=====

ANEXO 22 - TRECHO 65 - REUNIAO

G: O senhor nos cede a casa ?

=====

ANEXO 23 - TRECHO 68 - REUNIAO

D.B: bom eu vou defender a minha parte ^ nós somos vizinhos, não viemos aqui pra: ^ daqui nós levar uma maldade peço a Deus que não vá acontecer porque não é de hoje que nós vivemo junto bom eu comecei ^ trabalhar com o material de bloqueio ^ de bloqueio com meus pais ^ e não gostava de puçá ^ quando eu saia pro rio que encontrava um senhor por nome Moreno Gomes eu voltava pra cá e nesse dia não tinha vontade de almoçar e jantar por causa de ver ^ aquele materiar dele de perturbar o nosso trabalho de bloqueio ^ vendi prum senhor que mora aqui em Cameté ^ desapeitei com meu pai e vendi minha parte prum senhor que mora ali: na no Prea Bar ^ mas cuns dias ^ eu vi que eu num num sobrevivia de outra maneira porque eu estô estou criado com ^ com o produto de pesca ^ e eu já era ^ um produtor ^ vortei a ^ a comprar matériá ^ a trabalhar ^ sempre perturbado pelo puçá ^ eu agarrei passei a ^ a trabalhar com o puçá ^ desse lança rápido ^ mas ^ eu não vou atestar que ele seje ^ demais prejudiciá ^ eu já levei um prejuizo ^ em oitenta e quatro ^ uma fiscalização da Sudepe ^ pegou meu mateirar e levou ^ parece que se eu não me engano ^ a senhora teve numa ^ lá na Federação ^ que não foi a senhora, a senhora já teve alguma oportunidade ^ defendendo materiar de pesca lá na Su/ Federação ? ^ no ano de oitenta e quatro ?

R.Ad: ((incompreensível))

D.B: foi eu, eu ^ estava lá perante e tô reconhecendo a senhora ^ o meu matériá ^ a ^ segundo ^ a a sua ^ defesa ia ser defendido de lá

agora por causa dos outros materiais que estavam lá, pequenito de malha, aí caiu uma polêmica em cima se defender o dele que é malhudo, tem que defender o miúdo, pra não soltar os outros/ os de malha fina, só soltar o dele não solta nenhum, a gente diz que fosse assim, bom, mas o material de de puçá, o lanço rápido não é tanto prejudiciá, ele livra a a a pessoa pra trabalhar, não vai lá no fundo, não vai lá no fundo, uma pessoa que fica trabalhando horas, dentro d'água, como ele acabou de dizer aqui cinco, seis horas, trabalhando dentro d'água, ele leva um desgaste, e com o puçá isso não acontece, ele mergulhando numa profundidade de oito, dez braça ou seja até oito braça, ele tá sujeito ir lá no fundo e não voltar, ele acabou de dizer que a rede é atraente, e isto acontece mesmo no lanço de bloqueio, e no puçá não acontece, bom, o que mais eu quero defender o puçá, é que se porventura um puçazeiro lançar a rede aqui defrente cinco e meia da manhã, seis horas o peixe tá aqui na feira, está, remindo a precisão da população, e se for do bloqueio ele disse aqui que só poderá chegar onze horas, bom, eu ainda vou defender mais um pouco o problema do puçá, o lanço rápido, porque eu agora estou me utilizando dele, o meu matériá é lanço rápido agora no momento, mas, quando eu comecei de trabalhar de puçá, de bloqueio, tinha tá certo o curimatá, tinha a tainha, tinha o pracumê, e tinha a sarda, tinha: muitos outros peixes, eu não broquio, curimatá aqui no no Tocantins, se num existe curimatá aqui no Tocantins, não pegado pelo meu matériá, que nunca peguei um filho de curimatá, e num existe aqui no Baixo Tocantins curimatá, se num existe sarda, eu nunca peguei/ quer dizer bloqueei sarda avortada, tenho pegado algumas que vem no bolo, mas eu não broquio lote de sarda, então por causa do meu matériá não é que não tenha sarda aqui, viu se porventura não tem pra comer aqui em Cametá, não é pelo meu matériá, que eu ainda não me lembro que tivesse dado lanço num lote de curi/ pra curima/ como é pracumê aqui em Cametá, e num tenho mé, pracumê, e não tenho pracumê, issicivamente outros peixes, então se fosse problema do matériá ser prejudiciá, se ele pegasse curimatá todo que não tem, era o curpado ele, issicivamente os outros peixes, viu? aí eu posso dizer que, ele não é prejudiciá, se nós temo sofrendo certas crise de outro tipo de peixe não é o puçá que pega, porque não sai nenhum filho, um filho de Deus aqui pra pegar um lote de tainha de puçá, e não tem a tainha, não tem quem dê um lance pra pegar lote de de de esse negócio cumé? cumé meu Deus? tucunaré, e não tem o tucunaré, a nossa filia/ finalidade é sobre que é o mapará, e o mapará sempre tem graças a Deus, tem poços aí aonde, existe prorição de não lançar a rede, dá lanço lá, e lá o mapará não está, porque no Frechá tem/ tinha um poço/ tem um poço que quando pescador chegava lá e lanceava o poço, pegava sessenta paneiro de mapará e uma barcada de peixe de qualidade lá vinha dourada, vinha filhote, vinha sarda, vinha pescada, e hoje em dia eles proriçaram lá e não vai peixe nenhum lá, aquele peixe que a natureza produz não vai lá, porque ela não quer ser pro/ ser presa, por causa daquele que não é dono da natureza, tem pessoas lá que procuram peixe, pessoas prática, que procura

tem aquela aquela conduta de encontrar o peixe ^ chega a maré ele corre o prumo lá e não encontra peixe de qualidade nenhuma pra pegar ^ uma feita ^ um: ^ teve um, uma suspensão de pesca aqui no Tocantins ^ e esse peixe apareceu muito ^ setor de Mutuacá, Mandaruçú, Turema, esses setor ^ bom ^ na hora que o pa/ abriu a a colônia dia quatorze do mês de ? ^ vocês querem me ajudar nessa parte ?

V: novembro

D.B: de novembro ^ abriu dia quinze não foi ? ^ e dia quatorze desapareceu o peixe ^ e porque ele desapareceu ? porque Deus não quer que eu/ o homem mande na vida desses peixes ^ porque é por conta da natureza ^ tem outros poço que novamente ^ aqui nesse rio do do Joroca ^ muitos poços ^ aonde se alojava as maiore quantidade de peixe ^ viu ? ^ mas começaram proribi/ a a comunidade se reuni e começou a proribi ^ está até secando os poços porque os peixe num vai ^ viu ^ tá até secando os peixe ^ então o que eu quero chegar ^ / porque não é só eu que quero conversar quero que o senhor me dê mais um momentinho ^ é o seguinte ^ que o único responsável ^ pela essa farta de mapará já que está ocorrendo é o desrespeito de pegar o mapará miúdo isto eu concordo ^ o desrespeito de matar o mapará miúdo eu concordo a menos da bitola ^ isso eu concordo ^ que ^ tá esse ^ esse senhor ai ^ padre ^ ((muito rápido)) fulano de tal Neto ^ bom ^ um dia eu dei uma má resposta pra ele depois eu fui sentir que parece que eu lhe dei uma má resposta padre ^ quando o senhor me encontrou no município de Ajurú que eu ia viajando pra o ^ pra o ^ pro Amazonas ^ e ele disse ^ cê vai viajar pro Amazonas ? eu falei vô ^ padre ^ vô viajar ^ porque eu não quero matar um filho do mapará e nem vê matar ^ mas um ^ já faz uns cinco anos que eu não frequento pesca aqui pro setor do Tocantins ^ daqui do lá do meu porto daonde eu moro ^ pra cima ^ então por causa disso ^ querendo apoiar ^ o crescimento do peixe ^ viu ? ^ então eu ^ acho ^ que a a a a curpa maior é em cima é em cima da ^ de pegar o peixe de ^ / miúdo ^ agora não é só o puçá também ^ uma/ ano passado ^ na baia do mandii broquiou uma turma ^ foi Mozar emendado com se ^ seu Chi/ ^ cumé ? ^ Mozar e: Vital Paz ^ tinha mapará miúdo meu amigo que se boquiava ^ aquilo estava grosso no meio eles deram um lance umas cinco horas da manhã ^ bastou ^ pra eles chegaram a pegar uns vinte e poucos paneiro dentro de uns mil paneiro e esse peixe desapareceu que findou a safra e não apareceu esse tipo de mapará lá avortado ^ quando pra contestar mais certo tá fazendo uns oito ou dez dia ^ eu cheguei no setor de mu/ município de Ajurú pra trabalhar ^ e quando foi uma manhã a dita turma de Mozar Moraes não ele lá fez um serviço num lote de mapará miúdo que tinha lá ^ tinha mapará miúdo que de novamente estava geralmente o setor ^ mas eles escolheram o ^ aquela mola aquele o aquela ^ aquela poçá principá e broquiaram desta data eles pegaram cinco paneiro de mapará e o lote se sumiu por completo que não se sabe pra onde foi ^ então é só o puçá prejudiciá ? ^ e quero ^ que tenha pessoas que estão aqui do Ajurú se diga que tem mapará avortado no Limoeiro do Ajurú ^ não tem /.../

ANEXO 24 - TRECHO 78 - REUNIAO

J: /.../ mas assim como está i:, ele pega dez paneiro e ninguém fala nada, né ? ^ quer dizer que ai ele gosta ^ tá ganhando dinheiro ^ tá acabando } com o (barco)

R: [certo

M: e pega e pega grande miúdo de mapará miúdo e quando o cara não quer ele ele deixa ficar no casco ai apodrece ele dobra o casco de buca pra baixo em cima de uma qualquer praia dessa e agora haja desse tamanho ^ é não tem porque / quem é que vai falar ? ninguém ^ e haja coitado um pescador de uma rede grande dessa marca, né ? ^ que tem vinte home ^ como tá aqui essa que é minha nora o

R: sim

M: meu filho, é trabalhador de turma também, né ? ^ mas quando não tem possibilidade / que tem pena, é uma pena exes peix / esses pescadores de malhade / de puçá o pingo de mapará miudito que eles estragam, grande quantidade quédi ^ o meu marido fica MUITO brabo, nem fale ^ na nossa rede não passa desse mapará e nem nós compra e nem nós / só se derem ^ porque o que então a senhora acredita que a gente vai comer desse tamanho ?

R: não

M: e será que não tenha um / ^ uma pessoa ^ pra botar uma lei dessa qualidade ? não, é muita coisa ^ nós a bão a penar

R: certo

M: nem fale até que dá até pena ^ dá pena eu sei que eu fico muito reinando nem fale, quando eu vejo ^ / olhe o mercado tá CHEIO de mapará que mete dó colo } ca as } sim o mapará ^ tá aparecendo tu:do

R: [sim

M: aquela espinhinha que então quédi ^ eu fico mui:to reinando /.../

ANEXO 25 - TRECHO 81 - REUNIAO

J: /.../ o Raimundo não tá ai, tão todo mundo pra baixo o pessoal do puçá tão tudo pra baixo [ai: eles estão matando] minerá de mapará

G: [é tão tudo pra baixo.]